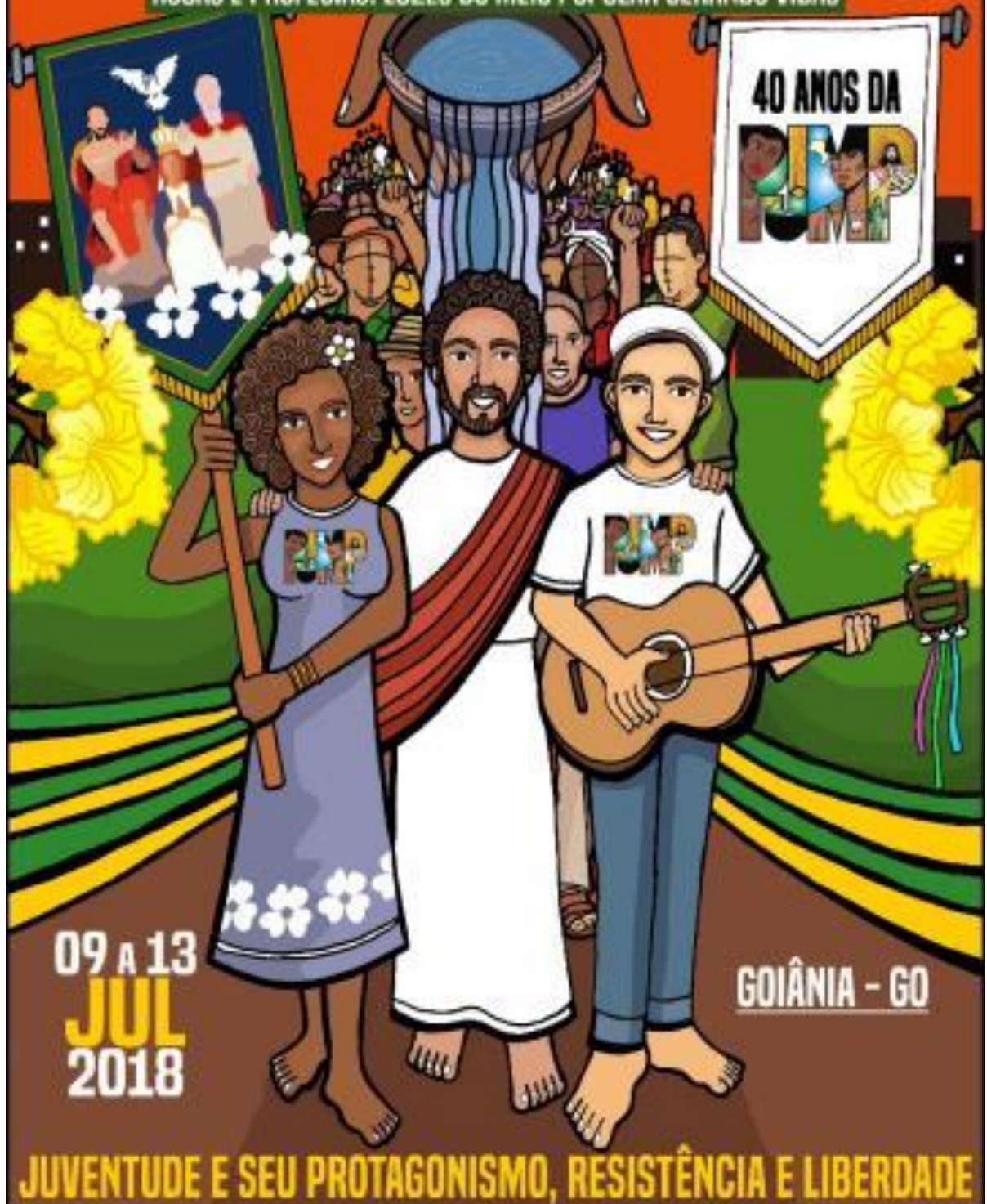


5º CONGRESSO NACIONAL PASTORAL DA JUVENTUDE DO MEIO POPULAR

ÁGUAS E PROFECIAS: LUZES DO MEIO POPULAR GERANDO VIDAS



09 A 13
JUL
2018

GOIÂNIA - GO

JUVENTUDE E SEU PROTAGONISMO, RESISTÊNCIA E LIBERDADE

*NO TERREIRO DA MEMÓRIA:
(re)encontros, relatos e diálogos.*

**RELATÓRIO V CONGRESSO NACIONAL DA PASTORAL DA
JUVENTUDE DO MEIO POPULAR – PJMP**

Tema: Águas e profecias, luzes do meio popular gerando vidas.

Lema: Juventude e seu protagonismo, resistência e liberdade

Goiânia – 2018

SECRETÁRIO NACIONAL DA PJMP

Wellington Neto da Silva – SE

SECRETÁRIO EXECUTIVO DO CONGRESSO

Heider Ferreira da Melo – GO

COORDENAÇÃO NACIONAL DA PJMP

Arislane Abreu de Paula – CE

Danilo Borges dos Santos – BA

Everlon Coura da Silva – ES

Heider Ferreira da Melo – GO

Jeifa Alice Jericó – PE

Maria Leoneide da Silva – RN

Thaís Patrícia Paulino da Silva – AL

Claudia Weinman – SC

COMISSÃO NACIONAL DE ASSESSORES DA PJMP

Pe. José Tadeu Rocha de Moura – (Ass. Ref. Religioso)

Paulo José de Macedo Sousa – BA

Carlos Marcelo Martins Carvalho – GO

Charles Richard Maciel Rodrigues – GO

Redelson Thomaz da Silva – GO

Ulisses Willy Rocha de Moura – PB

Edvaldo Jericó – PE

Pe. Antonio Gomes Medeiros Filho – PE

RELATORES DO CONGRESSO

Ana Cácia Santos – SE

Carlos César de Oliveira – RJ

* Para fins desse relatório, consideramos, apenas, os/as presentes em Goiânia – GO e destacamos o V Congresso Nacional da Pastoral da Juventude do Meio Popular foi transmitido pela página oficial da PJMP no Facebook.

...UMA BREVE MEMÓRIA DO CONGRESSO: ‘RETALHOS DE NOSSA HISTÓRIA, BONITAS VITÓRIAS QUE ESTE POVO TEM’...

O V Congresso Nacional da Pastoral da Juventude do Meio Popular – PJMP, realizado entre os dias 9 e 13 de julho de 2018, foi um encontro celebrativo dos 40 anos de história dessa pastoral, uma pastoral de juventude específica criada em 1978 em Recife, conforme foi destacado em vários momentos de Congresso, desde a abertura quando o Frei Marcos destaca “este não é um congresso da Juventude, mas da Juventude do Meio Popular, da PJMP”.

Neste sentido, pensando no registro dessa memória, por meio de encontros, de relatos, de diálogos e afetos tecemos esse relatório, com o intuito de registrar as falas, algumas experiências trocadas, saberes e fazeres que aconteceram ao longo desses cinco dias nas terras vermelhas do cerrado, sob a proteção de N. Senhora da Terra.

Goiás nos abraçou, nos acolheu, nos aconchegou em meio ao seu frio, desde a celebração de abertura até a romaria, onde sob as bênçãos do Divino Pai Eterno, fomos enviados para a nossa missão, cumprir a nossa profecia: “Ide e pregai o evangelho a todas as criaturas”.

Estruturado à partir da temática: Águas e profecias, luzes do meio popular gerando vidas e tendo como lema: Juventude e seu protagonismo, resistência e liberdade, o nosso Congresso foi: celebrativo, festivo, orante, afetuoso, reflexivo e de comum união entre as/os jovens de 14 estados brasileiros que estiveram no congresso. Cirandas, místicas, plenárias, oficinas e cultura popular marcaram cada momento, conforme destacamos por meio de uma breve síntese da programação:

Dia 9. Celebração de Abertura do V Congresso da Pastoral da Juventude do Meio Popular – PJMP.

Dia 10. Ciranda da vida, plenárias (geral e específicas), oficinas temáticas e sarau cultural.

Dia 11. Mística das águas, plenárias (geral e específicas), oficinas temáticas e sarau cultural.

Dia 12. Mística da profecia, plenárias (geral), feira e sarau cultural.

Dia 13. Romaria e celebração de envio.

Destacamos, também, que foi um congresso marcado pela transmissão virtual onde várias/os jovens do Brasil puderam acompanhá-lo através das redes sociais – em especial pela página oficial do Facebook. Nela encontramos depoimentos (escritos ou em vídeo) de várias/os jovens, de pessoas que contribuíram para a construção desses 40 anos de caminhada e que, por motivos outros, não puderam estar em Goiânia.

Levando em consideração essa participação, virtual, para fins deste relatório trouxemos alguns depoimentos intitulados @*Conexão 40 Anos* para sinalizar a presença dessas pessoas, com oração e vibrações positivas, bem como destacamos (ver anexos) as cartas recebidas. Afinal, como nos sugere Zé Vicente “ninguém vai ser feliz se andar sozinho”.

A trazer os versos de Zé Vicente, sinalizamos para o espírito de união do povo de Goiânia, em especial do Jardim Curitiba, que se organizaram e se engajaram na calorosa e afetuosa recepção. Reafirmamos, neste relatório, as palavras expressas na acolhida e no encerramento: palavras carregadas de carinho, de afeto e de grande gratidão

ESPAÇOS FORMATIVOS, ONDE OS DIÁLOGOS SE TECEM OS SABERES E FAZERES SÃO COMPARTILHADOS: Plenárias (Gerais e Específicas) e Oficinas.

Além da oração, da celebração e da arte, o V Congresso Nacional da Pastoral da Juventude do Meio Popular – PJMP foi marcado por fortes diálogos tecidos à partir de temáticas/demandas da juventude do meio popular. Um espaço onde os saberes e os fazeres são compartilhados, proporcionando, assim, um olhar sobre a realidade aonde se dá o protagonismo juvenil. Os espaços formativos, isto é, as plenárias e oficinas, de acordo com suas temáticas, parece trazer a tonicidade do congresso: refletir, questionar, participar, dialogar, para “seguir firme e forte sem medo de anunciar” e proclamar “fé e vida no meio popular”.

Ao todo, durante o Congresso foram realizadas 10 (dez) plenárias, sendo quatro gerais (todo o público) e seis plenárias específicas (organizadas de acordo com as inscrições). Para que as mesmas acontecessem, estiveram presentes 22 (vinte e dois) facilitadoras/es (oriundos de diversos estados) e 10 (dez) mediadoras/es (em sua maioria, representantes da CN/CNAPJMP). Além disso contou com a participação de 10 (dez) oficinairas/os, também oriundos de diversos estados, conforme ressaltaremos, sinteticamente, a seguir:

I. PLENÁRIAS GERAIS.

- **Águas e profecias: luzes no meio popular gerando vida – 40 anos de ternura e resistência.**

Enildo Luiz Gouveia – (Assessor da PJMP – Reg. NE II/PE)

Iara Almeida – (Educadora Popular – GO)

Pe. Padre Paulo César Moreira – (Coord. Nacional da CPT)

Mediação: *Wellington Neto da Silva (Sec. Nacional da PJMP)*

- **Juventude e superação das violências – em Cristo somos todas e todos irmãs e irmãos.**

Dilmo Luís Vieira (Professor)

Alex Ratts (Professor)

Mediação: *Everlon Coura da Silva (CNPJMP – ES)*

- **Juventude com aFÉtos.**

Sérgio Rogério

Natália Mesquita

Ulisses Willy Rocha de Moura – (Assessor Nacional PJMP – PB)

Mediação: André Silva

- **Se calarem a voz dos profetas, as pedras falarão – 50 anos de Medelín e a igreja na América Latina.**

Frei Marcos Sassatelli – (Pároco N. Senhora da Terra)

Múria Carrijo

Padre Antonio Gomes Medeiros

Mediação: Aurislane Abreu – (CNPJMP – CE)

II. PLENÁRIAS ESPECÍFICAS.

- **Povos e comunidades tradicionais, uma história de luta e resistência no Brasil.**

Creusa Salete de Oliveira

Cosme Rogério Ferreira

Mediação: Thaís Patrícia Paulino da Silva – Dandara (CNPJMP – AL)

- **A luta pela terra e a urgência histórica em se fazer reforma agrária popular.**

José Valdir Misnerovicz – MST

Josenilson Doddy

Mediação: Leoneide Silva (CNPJMP – RN)

- **Igreja e sistema político: essa luta é nossa, essa luta é do povo.**

Ângela Cristina Ferreira – (RECID – GO)

José Antônio Moroni – (INESC – DF)

Mediação: Heider Ferreira da Melo – (CNPJMP – GO)

- **Da Educação Popular à emancipação dos povos – saberes e fazeres compartilhados.**

Carlos César de Oliveira – (Educador Popular – RJ)

Carlos Marcelo Martins Carvalho – (Assessor Nacional da PJMP – GO)

Mediação: Ulisses Willy Rocha de Moura – (Assessor Nacional da PJMP – PB)

- **Fé e política.**

Frei José Fernandes

Edvaldo Jericó

Mediação: Débora Almeida – (CNPJMP – BA)

- **Tradições de homens só não valem mais a pena. Nós cremos sim em Débora, em Sara e Ester.**

Ana Rita Marcelo de Castro

Mediação: Elias Neto

III. OFICINAS.

- **Bio cosméticos** – *Jesuana Prado*
- **Comunicação e Mídias Sociais** - *Cidicleiton*
- **Circo** – *Prince Charles Richard*
- **Danças Circulares** – *Walter Severiano*
- **Dança popular urbana e cultura** – *Victor Vicente e Maurício Lafon (PE)*
- **Filtro dos sonhos** – *Eloy P. Lopes e Regina Alves.*
- **Leitura Orante** – *Filipe Xavier (AOR)*
- **Música** – *Zezinho e Romerson (CEBs)*
- **Religiosidade Popular** – *Ir. Cidinha Cruz (Coord. CRB)*
- **Teatro do Oprimido** – *Danilo Borges (BA).*

Levando em consideração a contribuição dada por cada um/a para que esses espaços formativos viessem acontecer, num total de 42 (quarenta e duas) pessoas (facilitadoras/es,icineiras/os e mediadoras/es), ressaltamos as falas de gratidão a estas/es proferidas, especialmente, no final deste V Congresso da Pastoral da Juventude do Meio Popular – PJMP.

O reconhecimento do valor de cada um/a para que o congresso acontecesse avulta no final do congresso: “com o coração e com as duas mãos, com todo o povo a gente faz um mundo novo” (Ileaô). Pensando nisso, a seguir, destacaremos de forma mais analítica, um pouco da memória destes dias, ressaltando que procuramos ser o mais fiel possível às falas proferidas, aos diálogos construídos ao longo destes cinco dias em Goiânia – GO.

... E ASSIM SE INICIA MAIS UM CAPÍTULO DESSA HISTÓRIA, DE ENCANTOS E (RE)ENCONTROS, DE DANÇA E CANTO NO BAILAR DE UMA CIRANDA DE FÉ E POESIA...

Depois de João Pessoa – PB, Parnamirim – RN, Bom Jesus da Lapa – BA, Recife – PE chegou a hora de Goiânia-GO. Viemos de vários lugares do Brasil e “trazemos no peito a esperança/ A história na mão, confiança/ Que um dia nós vamos ganhar”! (Zé Vicente).

Envolvidos por essa crença e por essa força da juventude do meio popular, queremos lembrar neste momento festivo que “ a história ninguém deterá”. Nós somos a continuidade dessa história e, por esse motivo, nos reunimos entre os dias 09 e 13 de julho de 2018, nas terras vermelhas do cerrado, para celebrar o V Congresso Nacional da Pastoral da Juventude do Meio Popular – PJMP.

Um congresso que contou com a participação de cerca de quatrocentos jovens vindos/as de vários estados brasileiros: *Alagoas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, São Paulo, Sergipe e Goiás*. Alguns estados representados por meio de caravanas, onde a PJMP encontra-se articulada, outros representados por militantes que ao longo desses 40 anos contribuíram para a construção da história da PJMP no Brasil.

Com o tema “Águas e Profecias: luzes no meio popular gerando vidas” e com o lema “Juventude e seu protagonismo, resistência e liberdade” os cinco dias de encontro sob a proteção de Nossa Senhora da Terra foram marcados por momentos de fé, de afetos, de (re)encontros, de estudos, de encantos, diversidade e muita poesia, isso porque às noites foram reservados alguns momentos culturais aonde as caravanas trouxeram um pouco do seu estado para compor essa ciranda de ‘resistência e liberdade’ construída ao longo desses 40 anos.

A celebração de abertura¹ do congresso foi marcada por momentos que nos fazem lembrar a nossa caminhada: fé, memória, história e cultura popular, juntas nessa grande ciranda que nos lembra a firmeza, a força, a alegria e a beleza do/a jovem do meio popular. Para melhor compreensão, procuramos destacar cada momento: (1) celebração litúrgica, (2) momento celebrativo 40 anos da PJMP, (3) abertura oficial do congresso e (4) apresentação de grupos culturais de Goiânia.

¹ A celebração de abertura encontra-se disponível na página oficial da Pastoral da Juventude do Meio Popular – PJMP, In: <https://www.facebook.com/PJMPNacional/videos/1842690179110838/>

No primeiro momento, a celebração litúrgica² é iniciada com o hino do congresso “vou seguindo firme e forte sem medo de anunciar, proclamando fé e vida sou do meio popular” (Ramon Fagundes – Ipiré/BA). Uma celebração realizada por D. Moacir Silva Arantes (Bispo Auxiliar de Goiânia) e concelebrada pelos padres Antônio e Tadeu (Assessores Nacionais da PJMP) e Hélio (Assessor da PJMP - Reg. NE II), dos padres Antônio Rocha (Pe. Baiano), José de Oliveira, Francisco Carlos e Vitor Simão (Arquidiocese de Goiânia) e pelo Frei Marcos, da Paróquia Nossa Senhora da Terra (Arquidiocese de Goiânia), que na ocasião celebrava, também, os seus 52 anos de sacerdócio.

Marcada por momentos de fé/festa a liturgia trouxe momentos que elucidaram o tema do congresso. Entre os vários momentos, destacaremos três, que consideramos ser importantes no aprofundamento do tema do congresso, ao proclamar a fé e a vida no meio popular: o ato penitencial, a homilia (D. Moacir) e as considerações finais (Frei Marcos).

No ato penitencial, ao afirmar que “a água é coisa boa, porque sem água não há vida... símbolo do Espírito Santo, porque sem ele não há criação”, D. Moacir inicia falando sobre a falta de água, destacando que sem água falta de vida. Em consequência disso, “o terreno de nossa existência pode se tornar uma vida deserta, o coração deserto, uma vida deserta... que nos impede de produzir os frutos que precisamos e que o mundo precisa”, conclui.

O rito da palavra trouxe leituras que falavam sobre a água e a semente, com ênfase na “parábola do divino semeador”. Sobre este momento, destacamos algumas ideias chaves apontadas por D. Moacir, estabelecendo, assim, uma relação entre as leituras realizadas e a temática do congresso. Inicialmente, ele ressalta o sentimento e o desejo de preservação da obra de Deus. Em seguida, referindo-se ao profeta Jeremias, ele falou sobre o chamado que Deus nos faz e sobre a importância da solidariedade e do cuidado ao outro.

Segundo ele, “as águas e a criação são fundamentais... o altar jorra essa água... o elemento vital” e, acentua que “o elemento vital é, também, e sobretudo o amor... E nós amamos a Deus através da natureza”.

Ainda falando sobre a água, D. Moacir destacou:

A água que jorra do templo, que começa com um filete de água e à medida que vai cumprindo a sua missão vai atravessando os portais do templo, esse filete de água vai se formando córrego, um regato, um rio [...] que se encontra com o mar, transformando a água do mar.
(Transcrição da homilia)

² Fotos da abertura disponíveis in: <http://www.pjmp.org/galeria/celebracao-eucaristica-dos-40-anos-da-pastoral-da-juventude-do-meio-popular-pjmp>

A respeito da profecia, ele destacou que através de nós o senhor fará chegar aos grupos, às realidades, às comunidades, à nação inteira - essa força transformadora que se dá pela nossa ação de profetas, de sementes que dão frutos para "que todos tenham vida e a tenham em abundância"

Ao final da liturgia, em suas considerações, com entusiasmo e vigor pastoral o Frei Marcos nos tocou com as suas palavras, intercaladas por palmas e pela vibração da juventude presente. Diante do vigor e da potência de sua profética fala, procuramos, neste relato, ser fiéis à narrativa que se encontra disponível, também, em recurso audiovisual aqui referenciado (In: Ref. 1).

Queridos e queridas jovens da PJMP do Brasil,

É com muita alegria que a paróquia N. Senhora da Terra, uma comunidade de cinco comunidades, é uma alegria acolher vocês jovens da PJMP, uma grande alegria. Tenho certeza que é uma graça de Deus muito grande e, ao mesmo tempo tenho certeza que este V Congresso da PJMP vai ser um novo Pentecostes para os jovens e para todos nós.

Daqui de Goiânia, vocês, sobretudo jovens da PJMP vão sair pelo Brasil [...] como verdadeiros/as seguidores e seguidoras de Jesus, militando nas lutas sociais para transformar o mundo que está aí – Jesus é o maior revolucionário do mundo, concluiu.

Lembrou as palavras do Papa Francisco ao dizer “eu peço que vocês sejam revolucionários [...] peço que se rebelem contra esse mundo injusto”. Ainda em sua fala de encerramento da celebração eucarística, o Frei Marcos destacou:

A PJMP - Pastoral da Juventude do Meio Popular - é a expressão viva do Evangelho de Cristo, o jovem de Nazaré encarnado no meio do povo, ao lado do povo, junto do povo. É espaço de acolhida, afeto e carinho. É a casa do diálogo, do respeito da diversidade de cor, raça, cultura e religião. Bebe da fonte da teologia da libertação, da luta dos mártires e dos movimentos sociais. É cristocêntrica, tem como centro de sua missão o testemunho e as atitudes de Jesus Cristo o libertador e transformador do meio em que vive, não o Cristo dos altares luxuosos, ou o Cristo das nuvens que se vinga, pune, exclui, se distancia do seu povo. O Cristo que a PJMP segue é um Cristo revolucionário, que não aceita as injustiças e não se cala diante das adversidades de seu tempo. A espiritualidade da PJMP é uma espiritualidade profética e missionária, de anúncio e denúncia. (Claudio Sobral³, Assessor da PJMP – Reg. NE I, 2018)

³ SOBRAL, Claudiano. **40 anos de PJMP - Uma Reflexão Sobre a Caminhada**. 2018. Disponível in: <http://www.pjmp.org/40-anos-de-pjmp-uma-reflexao-sobre-caminhada>

Ao fazer referência à narrativa de Claudiano Sobral, ele conclui: “eu acho essa definição tão bonita da PJMP. O V Congresso da PJMP, não é da juventude, é da PJMP – Pastoral da Juventude do Meio Popular.”

Em sua fala, o Frei Marcos enalteceu, ainda, o tema e o lema do V Congresso da PJMP e convocou os jovens a serem revolucionários e a lutar por um Brasil de acordo com o projeto de Jesus, mais justo e igualitário. Segundo ele, a lutar por liberdade não só na teoria, pois "sem igualdade e sem justiça a fraternidade é uma mentira, uma mentira. [...] se não tiver igualdade e justiça, não tem fraternidade"

Ao final de sua fala, ele nos deixa um chamado: "jovens da PJMP lutem pelo projeto de Jesus, por um mundo novo que é a sociedade do bem-viver. Assim, saúda a todos/as com o seu abraço de boas-vindas.

Salientamos, portanto, que ao longo de sua fala, em vários momentos os jovens presentes, visto que algumas caravanas ainda não haviam chegado, foram contagiados pelas suas palavras de apoio, de carinho, de pastor, afinal, como ele mesmo disse não é da juventude, mas da juventude do meio popular.

E assim, a nossa festa de acolhida seguiu-se com um grande coro suscitado pelo "Ileaô". São 40 anos de história, desde aquele 9 de julho de 1978, que filhos de trabalhadores/as, da classe popular, unem-se pelo sonho de mudança e iniciam essa história, agora, tecida pelos fios da vida, pelas experiências dos jovens que anseiam por igualdade e justiça social, e por um evangelho vivo e libertador. E, como toda festa de aniversário, o momento foi simbolizado pelo bolo, pela partilha, pelo canto e pela dança.

Dando início a abertura, Ulisses Rocha (CNAPJMP) agradeceu a todos pelo empenho: ao Frei Marcos, a paróquia de N. Senhora da Terra, a Arquidiocese de Goiânia, às pessoas que contribuíram para a realização do congresso, seja nas escolas, seja com a acolhida de jovens em suas residências. Em seguida, fez um convite a D. Moacir para estar sempre presente nos apoiando, especialmente ao longo do Congresso.

A CN e CNA foi apresentada ao público, seguindo-se das palavras do secretário Nacional Wellington Neto (SE) "que nos falou do protagonismo da juventude na Igreja, nos partidos políticos para transformar a sociedade" proporcionado pela mística do cerrado - agradece a todos que colaboraram e declara aberto o V Congresso da Pastoral da Juventude do Meio Popular - PJMP.

@ CONEXÃO PJMP 40 ANOS

“Oi jovens que estão participando do V Congresso da Pastoral da Juventude do Meio Popular. Parabéns por seus 40 anos. Saudações do Panamá. Sou secretário da Pastoral da Juventude do Panamá. É um grande prazer que estão juntos trabalhando pela pastoral de juventude do Brasil. Espero que vocês possam participar da próxima jornada mundial da juventude, aqui no Panamá, em janeiro de 2019. Estamos lhes esperando”.

(Gonzáles - Secretário Executivo da Pastoral de Juvenil do Panamá)

“A PJMP para mim, eu guardo no fundo do meu coração. Ela foi muito importante na minha formação. Eu comecei a participar aos 17 anos e foi ela que me ajudou a entender que está na Igreja é preciso ter lado. E é do lado do povo, do pobre, da periferia. Foi aí que eu comecei a participar da associação de moradores, me tornando presidente da associação, a participar de grupos, a me filiar a um partido político, o que me levou, também, a ser um vereador aqui de Goiânia, e a estar na luta política. Então eu tenho à PJMP um carinho e um sentimento muito bacana pela PJMP - Viva os 40 anos da PJMP”.

(Sérgio - Articulador da PJMP da Arquidiocese de Goiânia na década de 80)

**(10/07/2018) O SEGUNDO DIA DO CONGRESSO: (RE)ENCONTROS, DIÁLOGOS E
CELEBRAÇÃO DE UMA PASTORAL DE JUVENTUDE COM 40 ANOS DE MISSÃO.**

“Deus, vos salve Deus... Deus salve a juventude, morada de Deus...”

Motivados pela abertura do congresso realizada na noite anterior, o dia dez de julho, primeiro dia do congresso foi marcado por reencontros, diálogos e celebração. Uma vez que todas as caravanas já haviam chegado, a manhã iniciou com uma “mística” cheia de aconchego e de afeto, formando uma grande ciranda.

A mística (1º momento) conduzida por Ulisses Moura (Assessor Nacional da PJMP – PB) iniciou com um convite para que cada uma e cada um congressista fizesse uma conexão com o sagrado a partir da evocação do mantra *“Deus vos salve! Deus! Deus salve esta casa onde mora Deus! Vos salve! Deus!”*. Logo após fomos convidados a nos conectarmos com os quatro elementos que rege a vida (água, fogo, terra e ar) que, ao mesmo tempo, são apresentados e exaltados naquela grande ciranda.

Culminando com o encontro das águas, cada delegação foi convidada a colocar em um pote de barro as águas que trouxe do seu estado. Após esse momento Felipe Xavier (PE) lembrou as palavras do Papa Francisco sobre o cuidado para com a água: “Vamos pensar, por exemplo, que a água é uma coisa tão belíssima, que nos dá a vida e nos ajuda em tudo, mas para explorar os minerais acabamos por contaminar e sujar a água, destruindo, assim, a criação”.

Destacou ainda que “a defesa da terra, e a defesa da água é a defesa da vida” ecoa como um mantra em defesa da vida. Desse modo, cuidar da terra e das fontes de água é cuidar da vida. “Sem cerrado, sem água, sem vida”.

Envolvidos por esse mistério, por esse momento celebrativo e orante, as/os congressistas foram convidadas/os a fecharem os olhos e imaginarem seus pés sendo banhados pelas águas dos rios, córregos e lagos dos seus estados. Neste momento, os representantes da Comissão Nacional da PJMP (Ver. Pág. 2) fizeram a distribuição das águas que se encontraram e se misturaram no pote para todos os presentes bebessem desta água.

Esta ação de partilha das águas, ponto forte deste início de manhã, seguiu-se de uma grande ciranda embalada pelo Ileaô, encerrando, assim, a primeira mística do congresso. (O roteiro da mística se encontra nos anexos)

A mística, a ciranda e o Ileaô dão o tom de alegria e acolhida desta manhã – com um grande abraço. Uma acolhida carregada de esperança, de uma esperança jovem, na crença

de que “essa é a nossa hora e o tempo é pra nós” (Zé Vicente) e somente, juntos, faremos ecoar a nossa voz, a voz da juventude que se reúne nesses cinco dias (09 à 13 de julho) em Goiânia, sob a proteção de Nossa Senhora da Terra.

Tendo em vista que por ocasião da abertura algumas caravanas e representações não haviam chegado, está manhã foi também de acolhida a estes/as jovens vindos de vários estados brasileiros. Muito embora naquele momento estivesse representação/caravana apenas de 12 estados: Alagoas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo e Sergipe, queremos destacar para a presença de representações do Distrito Federal e do Maranhão que compareceram ao longo do Congresso.

PLENÁRIA GERAL:

Águas e profecias: luzes no meio popular gerando vida – 40 anos de ternura e resistência.

Dando continuidade à programação foi realizada uma Plenária Geral mediada por Wellington Neto da Silva (Sec. Nacional da PJMP) e tendo como convidados: Enildo Luiz Gouveia (Assessor da PJMP – Reg. NE II/PE), Iara Almeida (Educadora Popular – GO) e Pe. Padre Paulo César Moreira (Coord. Nacional da CPT).

Logo na abertura da mesa, Wellington fez referência à carta “*Laudato Si*”, do Papa Francisco para falar da “Casa comum” como fundamento para a discussão sobre o tema do V Congresso Nacional da PJMP.

Dando continuidade, pela ordem tivemos a explanação das falas de Iara, Padre Paulo e Enildo. Para fins deste relatório, visto que se trata de uma memória do V Congresso, procuramos, ao máximo, ser fiéis às falas da mesa, isso pode ser notado em vários momentos pelo uso da primeira pessoa.

Em sua fala, **Iara Almeida** destaca que “este momento de mística nos mergulhou na proposta do congresso. A expressão gráfica do congresso (a arte) foi o meu princípio de reflexão. Esse grupo de pessoas que caminha, na fé, festejando alegremente na presença de Jesus”.

Refletindo sobre o tema e do lema do congresso ela destaca a alegria da juventude e questiona: “Será que é esse mundo que nós queremos? ...que tipo de protagonismo queremos para a juventude?” “Nós podemos ser protagonistas de muitas maneiras, mas o sentimento de Jesus que nos convida a sermos protagonistas hoje, desse mundo de hoje, desse mundo que sente falta da água e da terra”.

E continua: “para mim, a água é o símbolo maior do bem-viver, do projeto de Jesus que quer vida e vida em abundância”. A sua discussão vem ressaltar a importância do bem-

viver, o cuidado com a “casa comum”, suscitado por uma reflexão sobre as águas e as questões que ela envolve, chamando a atenção para o valor que deve ser dado aos recursos hídricos.

“Há muita gente querendo as nossas águas. E isso não é difícil acontecer, porque o petróleo já está aí... Os nossos direitos já se foram, nós vivemos num estado de exceção”, pontuou. A água regenera, transforma, cria e alimenta. Daí a necessidade de cuidar da mesma, como forma e manifestação de vida. Com esse olhar sobre o bem-viver, sua fala nos convoca a pensar sobre o protagonismo na atualidade.

“Eu procurei refletir um pouco sobre a Teologia da Libertação... que ajudou a igreja a se tornar mais povo de Deus”. Assim, em diálogo com a Teologia da Libertação e num breve resgate sobre Medellín, ela faz referência à sociedade do “bem-viver” e apresenta o livro do Alberto Acosta que trata desta temática (ver Bibliografia).

Iara relatou, ainda, sobre a sua experiência na prelazia de São Félix do Araguaia e, no início de sua fala, destacou: “nós já rezamos, já cantamos, já nos exercitamos, então agora eu trouxe uns livrinhos para vocês”. De forma gradativa ela foi discorrendo sobre alguns livros, conforme destacaremos.

Sobre o Bem-Viver (Acosta) Iara nos fala que “não adianta mais fazer reformas para a organização da nossa sociedade... nós precisamos de algo novo, mas profundo que nos dê a esperança de uma transformação”. O Bem-Viver será para todos e todas ou não será. Ele propõe uma organização social baseada na partilha, no compromisso com a vida, de forma que a gente possa ser irmã e irmão. Assim, o Bem-Viver se pauta na solidariedade, na sustentabilidade e na partilha.

Fazendo referência aos Diários de viagens do Che Guevara (Ver Bibliografia), ela destaca as experiências do jovem, “aos 23 anos que saiu para conhecer a realidade, para buscar algo que mostrasse para ele o caminho... é uma experiência de um mergulho na vida dos nossos irmãos e irmãs sul-americanos”. A mesma foi intercalada por Edinalva (SP) que destacou todos os jovens deviam ler – pois na sua visão o livro é um guia. “Um guia”, confirmou Iara acrescentando que “sozinhos não somos nada, mas quando nos juntamos com propostas concretas conseguimos nos fortalecer para transformar essa realidade”.

Em suas palavras, ela destacou que o Fórum Social Mundial já trazia a ideia de que *um outro mundo é preciso, um outro mundo é possível*, porém, destaca ela: “um outro mundo é urgente”. Precisamos nos juntarmos, com propostas concretas capazes de contribuir com a transformação dessa realidade.

Acerca desse assunto, ela levantou algumas questões sobre a conjuntura atual do Brasil e destacou que o neocolonialismo liberal tem imperado e, em nome do consumo, tem

colocado o individualismo em primeiro lugar. Esse momento do nosso país nos impõe uma tomada de posição, para que a transformação de fato aconteça.

Em meio a esse cenário, o que nós vamos fazer? O que os jovens precisam fazer? Nós temos que nos organizar como grupos e nos agregar, também, àqueles que buscam, assim, como nós o mesmo ideal de mudança social. Se não nos organizamos, o legado deixado para as próximas gerações será um mundo pior, pois os recursos naturais só serão regenerados com a força e consciência de podemos transformar. A esperança de construir algo novo e esse momento difícil do país nos impõe uma tomada de posições.

Ela teceu críticas à influência da mídia na implantação de um “estado mínimo” e enalteceu a luta travada pela Federação Nacional dos Petroleiros (Carta Capital) junto à justiça em defesa do petróleo brasileiro.

“O momento é agora, não dá para ficarmos mais esperando. Os jovens têm um papel importante na história do Brasil”, a exemplo da ditadura militar onde os jovens foram protagonistas. A união e a organização de todos são caminhos a serem seguidos, afirmou.

Fez referências, ainda, ao assassinato de Mariele Franco e Amarildo, e as mobilizações que resultaram a partir desses fatos, especialmente na comunidade da Maré, do Rio de Janeiro.

Ao longo da sua explanação, uma das palavras-chave foi a água. Em vários momentos, desde a reflexão inicial sobre o tema com um recorte especial para a ideia de “águas, gerando vidas” até o poema com o qual encerrou a sua fala. Para concluir a sua fala ela afirmou: “a imagem e a simbologia da água, para mim que sou Iara, a água sempre foi muito forte para mim, e a simbologia do rio eu acho ainda mais forte. Assim, ela fez a leitura do poema:

COMO O RIO

Quisera ser um rio
brotar do seio da terra
cantando...

Quisera ser um rio
rolar por entre as pedras
anunciando...

Quisera ser como o rio
levar comigo a vida
convidando...

Penetrar a terra seca
fazer florir desertos
matar a sede
partilhando...

Quisera ser o rio

pequeno ou caudaloso,
percorrer quilômetros...
perseverante
fiel
alvissareiro
levando a esperança
na minha água pura e fresca
até perder-me no oceano infinito...

E finalizou: “eu diria agora que o Bem-Viver é a nossa proposta para uma vida que corresponda à nossa fé. A fé cristã. Seguir Jesus Cristo, é seguir seu roteiro, é seguir sua proposta. Não há outro caminho. Não adianta a gente ficar na periferia das propostas de Jesus. Se nós somos seguidores de Jesus somente esse caminho da água nos dará vida e vida em abundância”.

“Pisa ligeiro, pisa ligeiro, quem não pode com a formiga não assanha o formigueiro”

Dando continuidade, o **Padre Paulo** iniciou sua fala destacando a sua alegria em está presente no Congresso. Segundo ele, “o Congresso tem entre os muitos objetivos escutar, fazer com que a juventude se escute”. Em sua fala ele destacou: “eu imagino que vocês tragam perguntas de onde vocês vieram” e, instigando à reflexão, questionou: “quais são os anseios e o que que vocês vão levar para as terras para onde vocês forem? ”

Neste momento do país é muito importante essas perguntas, porque num momento de crise pode ser que a gente fica esperando que alguma coisa/algum de fora venha e nos dê a resposta. E a questão é que **as respostas mais verdadeiras, as respostas que podem resolver, elas nunca vêm de fora elas vêm do mais profundo de cada pessoa**. Essas respostas, vêm da força interior que nós temos e que a juventude tem, pontuou.

Fazendo referência ao frio de Goiânia ele afirmou: “vocês trouxeram o frio pra Goiânia... Parece que esse frio foi combinado com a Coordenação da Pastoral da Juventude do Meio Popular”. Um frio para que em diversos momentos a juventude bata o pé e jogue muita energia para o ar. Referindo-se ao momento anterior à sua fala ele disse: “Eu fiquei olhando e estava parecendo até um formigueiro”. Assim, com o intuito de espantar o frio ele convida a todas/os a assanhar o formigueiro, batendo o pé no chão e cantando “Pisa ligeiro, pisa ligeiro, quem não pode com a formiga não assanha o formigueiro”.

Após esse momento ele ressaltou que conheceu Iara quando era seminarista (Seminário da Bahia) e foi conhecer as igrejas do Mato Grosso, especificamente na prelazia de São Félix do Araguaia, local onde foi ordenado.

Dando continuidade à sua fala, ele ressalta a força interior da juventude e nos traz uma metáfora indígena de que “a flecha só vai mais forte para fora a medida que ela for mais puxada pra dentro. Se a gente não consegue puxar a flecha ela vai cair na nossa frente, mas se a gente puxa muito ela atinge mais”. Significa, para ele, que no momento que a gente está vendo tanta coisa errada acontecendo e que nos espanta e às vezes pode nos afastar, o povo indígena nos diz que precisamos entrar profundo do nosso ser.

O que a juventude pensa? Quais gritos que nós temos dentro de nós? “À medida que a gente consegue não fugir de nós e nos ouvir, a gente vai podendo melhor escutar as pessoas”. Em seguida ele menciona a presença dos indígenas, de jovens da cidade e do campo. “Quem aqui mora no campo?” – Indagou, seguindo de aplausos. “Que a juventude aprenda a se escutar”, pois a escuta é também um caminho para a organização.

Em relação aos povos indígenas, nesse momento complexo e contraditório, o Cacique Babau (povo Tupinambá) que percorre todo o país falando de suas experiências e sobre o Bem-Viver relatou para a Comissão de Pastoral da Terra – CPT: "Vocês estão achando que a situação está ruim? Pra nós, quando está pior é quando está melhor" Aí ele explicou: "Nós somos um povo colonizado e a colonização nos marcou muito". Destacou, em seguida, que “a colonização do povo indígena, o tráfico de pessoas negras, toda essa escravidão que teve, a submissão histórica. Aí ele diz assim, "as vezes precisamos ser cutucados, cutucadas para poder ser movimentar. Pode ser que esse momento de crise que afeta o país. Ele pode nos ajudar a levantar”.

Para nós que somos de diversas pastorais, aqui é um congresso da PJMP, mas temos várias pastorais presentes. Parafrazeando Frei Marcos, na abertura do Congresso, ele destacou “a juventude tem que ser do meio popular”, nós temos que falarmos para dentro e para fora de nós. Há movimentos internos entre uma parcela da juventude por questões ocasionadas pela situação que estamos vivendo atualmente, devido isso a juventude acaba se trancando em si mesma.

Acerca da Teologia da Libertação ele pontuou que **a teologia tem que ser comprometida com a libertação**. Se não for da libertação será de que, da escravidão? Temos que falar pra nós, que falar pra fora, que falar, também, para a nossa Igreja. A gente vive um momento no país que afeta também dentro da nossa Igreja, talvez até por causa da crise. Há um movimento interno e uma parcela da juventude que, talvez pela insegurança que estamos vivendo acaba se fechando dentro de si. E aí ao se fechar, vivem uma experiência religiosa somente dentro da igreja, dentro da sacristia e, aí o povo lá fora se torna estranho.

A Igreja tem uma dimensão de testemunho muito forte. Mas existe uma parcela de nós enquanto Igreja que não está preocupada com as matanças, com o extermínio, com o povo da rua. Que não está preocupada com as mortes que têm a cada semana tanto na cidade como no campo. É como se isso se passasse fora, fosse fora da vida da Igreja. Isso é inadmissível para nós.

Nós não podemos aceitar isso. É como se perdêssemos a nossa característica mais forte de sermos a imagem e semelhança de Deus. Se somos imagem e semelhança significa que cada pessoa, que cada ser humano, seja ele considerado mais ou menos importante, somos imagem e semelhança de Deus.

Do ponto de vista político, vivemos um "estado de exceção", conforme destacou a Iara. Não podemos ficar parados com a perda de direitos, pois são eles que constituem a base do Estado Democrático.

Para aprofundar essa questão ele acrescentou que “existe uma expressão antiga que se chama a ‘república das bananas’, criada no final do século XIX e início do século XX. Na época, os Estados Unidos começaram a plantar muitas bananas em diversos países da América Latina (explorar/importar). A partir dessas plantações, a monocultura da banana começou a interferir muito na política desses países. Estamos vivendo, portanto, no país algo muito parecido como a república das bananas.

Estamos vivendo esse momento em que as forças do mercado interno e externo estão influenciando aqui dentro e, devido a isso, o país virou um *balcão de negócios*. E nesse balcão de negócios, o projeto é muito bem formulado.

Por esse motivo, “a nossa força e a nossa energia é muito necessária nesse momento. Porque com certeza a grande maioria de vocês vivenciaram/vivenciam as sequelas da política que estamos vivendo: a retirada de recursos da educação, dos programas sociais, milhões de famílias deixaram de receber o Bolsa Família, a redução do campo das políticas públicas”. Estamos diante de um balcão de negócios que tem interferido, inclusive, na redução das terras cultiváveis.

O ano de 2017, ano que legitimou o golpe, foi também marcado pelo aumento da violência no campo e na cidade. Foram 05 massacres, com destaque para o massacre que aconteceu na Bahia, onde seis jovens quilombolas foram assassinados de uma só vez.

Estamos vivendo algo semelhante com o que aconteceu no final do século passado, quando o neoliberalismo e o livre-mercado, no seu projeto de avançar acabam derivando em crises. E nestas crises, o Brasil acaba sendo afetado, porque “o Brasil é estratégico”. Nenhum país do mundo tem água como o Brasil e isso faz com que o mundo fique interessado em nós,

como, por exemplo, a Nestlé e a Coca Cola, ambas interessadas na privatização dos nossos aquíferos, acentuou.

A maioria de dos jovens aqui presentes estão sendo afetados pelas retiradas dos direitos básicos, esse sistema neoliberal e a retirada dos direitos colocou o Brasil no mapa da pobreza novamente. Além disso, destaca que a partir do Golpe o Brasil volta para o mapa da Pobreza, volta a ser um país de extrema pobreza.

O Pe. Paulo destacou, ainda, os desmandos o descrédito do judiciário brasileiro, onde um juiz de primeira instância (Sérgio Moro) tem mais poder do que um desembargador. (Referindo-se à liminar de soltura do Presidente Lula). E acrescentou que os Estados Unidos estão utilizando estratégias via judiciário e, não mais via exército, visto que as estratégias de expansão via exército são muito caras. (Neste momento, a plenária intercala a sua fala com gritos de Lula Livre).

Outro fator por ele observado é a disseminação do ódio, especialmente via redes sociais. Temos presenciado o “fechamento da sociedade ao diferente”, por esse motivo temos que termos cuidado com os meios de comunicação, com o que se passa na mídia, filtrando as informações que chegam até nós.

Neste sentido, “o Papa Francisco trata da *Laudato Si* ele fala de uma outra forma de se comunicar com o público. Ele trata a questão ecológica, a questão ambiental não somente como uma forma de olhar para a natureza, mas como uma questão ecológica e social”. Pondera, ainda, que no documento *Laudato Si* o Papa usa 64 vezes a palavra meio ambiente e 39 vezes a palavra cuidado.

Nós temos uma sociedade onde todo mundo fala que quer ser jovem. Mas dentro de um certo estereótipo porque **o jovem na sociedade de consumo é visto como um problema**: o jovem pobre, de periferia, negro, lésbica ou homossexual é visto por essa mesma sociedade que quer ser jovem como um problema. Isso tem contribuído para a disseminação do ódio.

Temos visto pelo Facebook, muita gente seguindo outras pessoas porque tem ideias que acham brilhantes. O Papa Francisco nos chama a atenção sobre esse assunto em uma mensagem para a Jornada Mundial da Juventude no Panamá em 2019:

“Não deixem, queridos jovens, que os fulgores da juventude se apaguem na escuridão duma sala fechada, onde a única janela para olhar o mundo seja a do computador e do smartphone. Abri de par em par as portas de sua vida! Que seus espaços e tempos sejam habitados por pessoas concretas, relações profundas, que deem a possibilidade de compartilhar experiências autênticas e reais em seu dia-a-dia”

O Papa parece está muito preocupado com a visão de que nós estamos muito inteirados (digitalmente). Afinal, no momento em que a gente está vivendo e aí a gente fala muito de unidade, mas no Facebook encontramos muitas pessoas com ideias que a gente pode considerar ideias fascistas. O fascismo é um movimento criado em tempos de crise, pós segunda guerra mundial, e por causa da crise pessoas como Hitler, como Mussolini encontrou muito espaço. E a ideia dele é de unidade também.

Destacou, também, que o símbolo do fascismo é a intolerância ao diferente. É a visão única do ser humano a partir de um único estereótipo. O símbolo dele é um feixe de madeira cercado por um laço e na ponta desse feixe uma machada. E questionou: a gente não está percebendo isso em nosso país? Nós temos que ter muito cuidado, que tipo de unidade queremos?

É importante lembrar que o Papa Francisco quando se coloca junto com as pessoas enfraquecidas, excluídas, ele sabe o que significa está do lado dessas pessoas. Ressalta que a gente não está estudando ou tem estudado pouco os documentos. Precisamos libertar essa força que, muitas vezes, está escondida dentro de nós: a força da juventude.

A gente precisa de iniciar esse processo de uma revolução pessoal, nossa, com a rebeldia que só a juventude tem. É o tempo em que os nossos hormônios, a nossa força e a nossa energia estão mais vivos.

Ele traz ainda uma reflexão sobre Correntina (BA), apontando para a expansão do agronegócio, que tem resultado nas lutas do povo que passa sede, fome, as lutas e rebeldia do povo de Correntina. Destaca a importância da organização do povo na luta contra as empresas do agronegócio.

Falando da nossa Igreja, devemos lembrar que quando o papa fala sobre os pobres da sociedade e da juventude ele se coloca no lugar das pessoas. A gente precisa libertar essa força que está dentro de nós, que está muitas vezes escondida, é necessário utilizar essa rebeldia que é próprio da juventude para revolucionar esse sistema que mata o tempo todo, principalmente a juventude empobrecida e negra das periferias, do campo e da cidade. A gente precisa libertar a força que está dentro de nós, a força da juventude para começar uma revolução, se faz necessário dar significado à letra “pisa ligeiro, pisa ligeiro, se não pode com a formiga, não espanta o formigueiro”.

No intervalo entre uma fala e outra, Wellington Neto (mediador da mesa) chama a atenção dos jovens que estão dispersos, e destaca a relevância dos diálogos construídos a partir das falas de cada facilitador/a. Ele chama a atenção para a importância dessa mesa, no sentido de discutir as questões da conjuntura atual e a sobre a importância de aprendermos juntos.

O terceiro a apresentar a sua fala, **Enildo Gouveia** inicia fazendo uma breve referência ao frio de Goiânia e destaca a sua alegria de ter recebido o convite para participar dessa plenária. Ele destaca que é da PJMP, mas que também é pesquisador de “Recursos Hídricos”. “Mas me identifico como militante da PJMP, pontuou ele.

Em seguida destaca que desde o Congresso Nacional de Recife (2014) “a gente teve algumas vitórias e algumas derrotas” e, falando sobre essas vitórias e derrotas ele traz à memória das/os companheiras/os de luta que já nos deixaram. Trouxe à memória Reinaldo (CE) e Telma (PE), jovens que militaram na PJMP e que já morreram, assim como outros companheiros, referenciou, também, Mariele Franco, ressaltou a importância destes/as para a construção dessa trajetória de luta trilhada pela PJMP ao longo desses 40 anos de existência. (Uma salva de palmas)

Rememorar essas pessoas, não é para deixar a gente triste, mas para que a gente lute mais motivado, destacou. (Aplausos). Dando continuidade ele destaca que veio falar da questão da água – dos recursos hídrico – onde faz referência a Iara ao Pe. Paulo que também explanaram sobre o tema. Para tanto ele faz a leitura de um trecho da Carta de Pero Vaz de Caminha, onde este já faz referência à temática das águas:

A terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem. (Pero Vaz de Caminha)

Em 1500, ao aterrissar sobre as terras brasileiras Caminha já escreve ao Rei de Portugal difundindo a visão “de que água infinita”. E essa visão “ainda permanece no inconsciente das pessoas”. Somos o país com maior “reserva de água doce do mundo” e vamos ter uma legislação sobre a água em 1997, por meio da lei 9.433. Citando a lei ele destacou (Art. 1º) que: “a água é um bem de domínio público, é um recurso natural limitado, dotado de valor econômico”.

“Essa visão de que a água brasileira é infinita permanece até hoje, mesmo que tenha água em abundância, sua distribuição não é igualitária. A legislação que fala sobre a água deixa claro que a água é um bem comum e de todos. Não é por acaso que o agronegócio escolheu a região do cerrado, escolheu o MATOPIBA (Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia), pois ele tem água em abundância e solo fértil. Que bom que a igreja está inserida na luta pela conservação da água. A água é mais que água, ela é recurso hídrico.”

A partir dessa discussão sobre a lei das águas ela destaca que as principais bacias do Brasil estão nas terras do Cerrado (90% da Bacia do São Francisco e 73% da Bacia do

Prata). Devido a isso, ele chama a atenção para os interesses do capital sobre essa região, principalmente no campo do agronegócio.

Partindo dessas reflexões, dados, ele lança o convite a ocupar os espaços para a preservação desse bem que é a água. A questão da água é de todos nós, conclui destacando a importância dos comitês de bacias na definição de estratégias de uso dos recursos hídricos.

Ressalta, ainda, a importância da atuação das/os jovens da PJMP nessa luta e faz um resgate histórico sobre os momentos celebrativos:

ANO	EVENTO	LOCAL	TEMA
1988	Celebração dos 10 anos	Recife – PE	10 anos de fé e luta fazendo história.
1993	Celebração dos 15 anos	Recife – PE	Celebrar 15 anos retomando a missão do Meio popular.
1998	I Congresso Nacional – 20 anos	João Pessoa - PB	PJMP no mundo dos excluídos resistindo e confirmando a nossa história.
2003	II Congresso Nacional – 25 anos	Parnamirim - RN	25 anos de ternura e resistência.
2008	III Congresso Nacional – 30 anos	Bom Jesus da Lapa – BA	30 anos de fé e vida no meio popular.
2014	IV Congresso Nacional – 35 anos	Recife – PE	Terra fértil, canto forte.
2018	V Congresso Nacional – 40 anos	Goiânia – GO	Águas e profecias: luzes no meio popular gerando vidas.

Nota: Quadro estruturado pelos relatores, com base na fala do facilitador

Acerca desse resgate histórico, ele ainda pontuou que no III Congresso Nacional da PJMP realizado em Bom Jesus da Lapa – BA, o lema fazia referência às águas do Velho Chico e que este Congresso é o primeiro que sai do Nordeste. Seguindo esse pensamento, ele destacou:

“Mas o que eu quero que a gente perceba é que desde 1978, quando nascemos, a gente vem trilhando um caminho de reafirmação das nossas bandeiras e das nossas opções [...] A gente sempre vem falando de missão, de fé e de vida. E este congresso aqui serve para a gente como um momento de reafirmação das nossas maneiras, de redefinição das nossas

estratégias. Como mudar forma de atuar as essências e continuar sendo igreja? Como inovar, sem perder a essência?

Sobre essas convicções e bandeiras que a PJMP carrega, ele diz quando a/o jovem pergunta se estas convicções de 94, de 78 ainda estão valendo. Ele conclui que estão valendo sim, porque não é o fato do jovem de hoje ter um celular todo moderno que faz com que ele não seja do meio popular.

Naquela época, na Comissão Diocesana de Olinda e Recife – PE não tinha um jovem, ao passo que atualmente quase todos jovens da base cursando universidade. O problema tem sido que os jovens entram na faculdade e não tem mais tempo para pastoral. Mas, a luta pela educação faz parte da luta da PJMP na conquista de espaços na sociedade brasileira.

Ao longo desses 40 a gente vem reafirmando vários temas: missão, fé, protagonismo, resistência e outros. São temas importantes e por isso temos que continuar estudando e debatendo-os.

A realidade atual é muito dura e insegura, especialmente para as/os jovens. Atentamos para a insegurança jurídica que afeta o país. Se Lula, que tem notoriedade internacional, está passando por essa situação, imagine o cidadão comum. O jovem precisa assumir o exercício da política, da militância, da ação política. Apesar que temos visto, dentro da PJMP, jovens que chegam na academia e, em função das exigências do mercado de trabalho e do mundo acadêmico, acabam esquecendo da militância. A gente lutou tanto para conquistar o acesso e, quando chega lá, muitos deles esquecem das bases. A gente não pode esquecer as nossas bases, do exercício da nossa militância. Nos sugere, portanto, fazermos uma militância atuante, comprometida com as causas do povo e com as transformações da sociedade brasileira.

Ao final de sua fala, ele destaca que as questões levantadas ficam como pontos para aprofundamento e discussão. E convoca a todos, a cantar: *“A gente vai, a gente vem. Firme na estrada a gente segue caminhando, amém.”*

ESPAÇO ABERTO: DIÁLOGO COM A PLENÁRIA.

Encerrando o primeiro momento, onde cada participante da mesa teve até 30 minutos para expor o seu pensamento sobre o tema, seguiu-se com o **espaço aberto para diálogo com a plenária**. Destacamos, portanto, que as falas foram organizadas de acordo com a ordem de apresentação de cada congressista:

1^º. O Amazonas é um estado rico em água e lá também privatizaram nossas águas e agora estão privatizando nossa energia e nosso transporte, a gente percebe que o povo brasileiro foi enganado com um pato amarelo, a gente percebe que a igreja povo tem que lutar pelos povos

e a igreja conversadora quando se cala já escolheu o seu lado. O Papa Francisco fala sobre essa igreja de saída. Como e quando nossa igreja aqui no Brasil vai seguir as indicações do Papa Francisco e colocará nossa igreja em saída e ao lado do povo, junto dos pobres, oprimidos e injustiçados?

2^a/º. Vamos parar de questionar e sim plantar o que queremos. O amor e a juventude é como as fases da água que nos limpa, nos regenera e nos fortalece na luta. “Para mudar o mundo, o amor de todo mundo, o amor de todo mundo para mudar o mundo”.

3^a/º. Diante desse estado de negação de direito, nós vivemos uma democracia apenas formal, diante dessa democracia apenas formal, penso que devemos criar espaços de rebeldias para de rebelar contra esse sistema, como por exemplo nos conselhos municipais, podemos ocupar esses espaços com as nossas bandeiras de lutas. Infelizmente o opressor reside na pessoa do oprimido. Ajudar nossos jovens a compreenderem as questões da violência contra os quilombolas, contra os índios, contra os negros, as mulheres, os homossexuais e fundamental e para isso se faz necessário e preciso criar espaços de luta. Eu penso que a PJMP na universidade será um espaço de luta e resistência contra esse sistema opressor.

4^a/º. Nos deixa ciente sobre os movimentos dos ribeirinhos do Rio Correntina para a preservação e cuidado para com as águas deste Rio e sobre a necessidade que o povo tem dele para sobreviver. “Se Correntina ainda não tem barragem, se não estão passando sede é porque o povo está na luta”. “Sem cerrado, sem água, sem vida”.

5^a/º. A juventude negra e da periferia vem sofrendo repressão militar, o nosso principal caminho para combater a violência é a educação, mas enquanto esse desgoverno continuar não valorizando a educação esse sistema de violência só irá aumentar e os jovens do campo e da cidade vão continuar sofrendo.

6^a/º. Fiquei muito angustiada com a fala de Enildo, pois Enildo deixou claro que os jovens entram na universidade e deixam a PJMP e a militância sem jovens. Quero falar sobre dois projetos que está acontecendo em Fortaleza, um é a construção perto dos rios e o outro e a construção perto da orla (projeto orla), esses dois projetos analisam e estuda o local para

construções próximas as margens dos rios e da orla. É preciso respeitar a relação ambiente e sociedade, sociedade e ambiente.

7^aº. É um desafio muito grande você lutar contra um capitalismo opressor e contra a estrutura de Igreja. Como trabalhar com essa diferença que existe na nossa igreja? Falar sobre a Teologia da Libertação nos nossos grupos de jovens é fácil, mas levar para além desses espaços, não é? O que é que nós iremos fazer depois desse congresso? No congresso passado saímos com várias metas, quais foram realizadas? Não devemos falarmos primeiramente fora temer, mas sim fora todos os políticos corruptos, devemos olhar pela base e não pela ponta do iceberg. Como vocês (PJMP, CPT, CARITAS) sofreram com o Golpe? Como vocês estão pensando em sair desse golpe?

8^aº. Nós temos que pararmos de chamar aquela bancada dos pastores de bancada da bíblia, a bíblia também é nossa. Devemos pegar a bíblia e dizer que ela é nossa, devemos fazer memória sempre dos nossos mártires. Devemos trazer de volta a dimensão eclesial, a formação a partir da bíblia. A bíblia, instrumento para a formação das Comunidades Eclesiais de Base e da PJMP.

9^aº. A justiça é algo fundamental e critério da nova ordem mundial. Fazer justiça significa fazer valer o direito dos pobres. A garantia do direito dos pobres toca no núcleo da história da salvação, de se apresentar como aquele que faz justiça aos pobres, centro da vida e da união de Jesus tem a ver fundamentalmente com a justiça aos oprimidos.

Profecia tem que ser vista como caminho/método da nova ordem mundial.

- Não existe receita neste processo construído, é para sempre Dom Helder: “não deixemos cair a profecia”
- Não há outro caminho senão a profecia tal como se dá na sagrada escritura e, a partir dela vem se revelando na história.

Iara, a partir de sua experiência na Prelazia, o que diz para nossos jovens que agora iniciam? Como fazer a experiência da igreja em saída que o Papa Francisco tanta foca? O que é preciso fazer para ter essa igreja em saída?

Após o diálogo com a plenária, a mesa fez as seguintes considerações:

O Padre Paulo destacou que tem muita coisa boa acontecendo, há vários movimentos que apontam para uma igreja em saída, que está envolvida em várias causas e lutas

sociais. Destacou ainda que as chamadas “pastorais de fronteira”, são as pastorais que estão nesse processo de luta sobre o social. No seu entendimento, precisamos ampliar o campo de atuação dessas pastorais. Conclui afirmando que na CNBB já existe um movimento de articulação, para discutir essas questões.

Iara fez referência ao trabalho realizado na prelazia de São Félix do Araguaia. E apontou para uma “fé, pé no chão”, com uma dimensão política. Segundo ela, a dimensão política é, também, uma dimensão da nossa fé. Encerrando a sua fala, traz a mensagem de “teimosia”, ninguém faz nada sozinho. Atenta para a questão do voto consciente.

Enildo, por sua vez, falou do seu CD “Cantos pastorais e outros cantos” e exultou o apoio do Papa Francisco às questões sociais. Com esse olhar, sugere uma autocrítica: Até que ponto estamos assumindo os nossos compromissos junto aos nossos grupos e à nossa comunidade? Não esqueçamos que somos pastoral, que somos parte da Igreja. Assim, (re)pensar a nossa atuação, a nossa prática pastoral se faz necessário, conclui.

Diante do encerramento da mesa, esta primeira manhã de congresso foi encerrado com a apresentação de alguns informes, seguindo-se de uma ciranda.

(10/07/2018): PLENÁRIAS ESPECÍFICAS.

De acordo com a programação do congresso no horário da tarde dos dias 10 e 11 de julho seriam realizadas oficinas e plenárias específicas, conforme relataremos a seguir:

I. Povos e comunidades tradicionais, uma história de luta e resistência no Brasil.

Mediada por Dandara (CNPJMP – AL) e tendo como convidada/o Creusa Salete de Oliveira (GO) e Cosme Rogério Ferreira (AL) a plenária contou com a participação de 35 congressistas.

Em sua fala, **Cosme** iniciou trouxe para a plenária o contexto histórico da cidade de Palmeiras dos Índios (AL) e da tribo Xucuru Cariri. Destacou, ainda, a história de luta dos povos indígenas alagoanos no processo de retomada da terra e da conquista de espaços políticos como o conselho municipal de cultura. Falou, ainda, sobre o coco de roda alagoano como expressão popular de resistência de Palmares.

Na continuação do debate sobre as questões indígenas, a Irmã **Creuza** expôs para plenária várias imagens e frases de índios. A partir dessa explanação foi feita uma leitura grupal das frases e debate sobre as mesmas.

No debate foi discutido sobre os dados da colonização habitacional de indígenas. Segundo o IBGE, são 180 línguas e 896 mil indígenas. Ela apresentou a realidade dos povos Carajás, suas dificuldades e culturas.

Ao falar da PJMP ela destacou: “a escola não me formou, mas outros espaços como a PJMP me formaram”. E “têm muitos jovens que durante esses 40 anos construíram sua história.”

Após o diálogo com a plenária, a Irmã Creuza sublinhou que “a luta da PJMP tem causa, por isso que não agrada a todos e essa nossa causa vale mais que as nossas vidas”. Vamos trazer uma literatura verdadeira para nossas escolas, literatura voltada para nossas lutas. (Informações fornecidas por Dandara, mediadora da mesa)

II. A luta pela terra e a urgência histórica em se fazer reforma agrária popular.

Com a mediação de Leoneide Silva (CNPJMP – RN) e contando com as presenças de José Valdir Misnerovicz – MST e Josenilson Doddy (CE) aconteceu mais uma plenária específica. *(Até o momento de encerramento deste relatório, não recebemos os relatos da plenária, ficando, portanto, sem registros).*

III. Igreja e sistema político: essa luta é nossa, essa luta é do povo.

Mais uma plenária específica realizada nesta tarde de terça-feira. Mediada por Heider Ferreira (CNPJMP – GO) e contando com as presenças de Ângela Ferreira – (RECID – GO) e José Moroni – (INESC – DF), travou-se um potente diálogo sobre a construção de um sistema político a partir das lutas populares.

Inicialmente, **José Moroni** fez a distribuição da cartilha “Para mudar: reforma política já. Iniciativa popular pela reforma do sistema político”. Ele destacou que participa da Plataforma dos Movimentos Sociais para a Reforma Política, uma plataforma que debate a reforma do sistema político.

Segundo ele, a articulação começou em 2004, em função de um desconforto da participação dos movimentos no sistema político. A partir de então, um conjunto de organizações populares desconfortáveis com a situação política do país se organizaram e definiram uma agenda para nortear as ações a serem implementadas.

Uma agenda que pudesse criar um espaço de participação no estado impermeável às questões populares. Reconhecendo que o estado brasileiro é extremamente eficiente para alguns e ineficiente para outros. Daí surge o pensamento de criar uma reformulação do sistema político.

O conceito de reforma do sistema político, traz uma reflexão acerca do poder. Afinal, a questão do sistema político tem a ver com o exercício do poder. O quanto o poder reflete essas desigualdades? Nós não temos nenhuma representação no parlamento de povos indígenas. A juventude, tem apenas 6% da juventude. Infelizmente, a gente não é monarquia, mas o poder é hereditário.

Neste sentido, vimos pensar a reforma do sistema político a partir da reflexão acerca do poder, pois a questão do exercício do poder diz respeito à soberania popular. Declara ele que o poder é expressão da soberania nacional, nisto o povo é que tem que dizer como deve acontecer.

Falando da plataforma, ele destacou que trabalha atualmente em torno de cinco eixos: fortalecimento da democracia direta, fortalecimento da democracia participativa (conselhos, conferências), democracia representativa, democratização da comunicação, democratização do sistema de justiça.

Temos na Constituição Federal três instrumentos da democracia direta: plebiscito, referendo e consulta popular. O poder de convocação pode ser realizado, também, pelo povo, pela soberania popular.

Nas palavras de Moroni, o poder econômico é quem limita o poder político, por esse motivo precisamos colocar o povo no poder. Ressaltando que os meios de comunicação, as principais redes de comunicação, estão nas mãos de seis famílias que monopolizam a comunicação do país.

Por fim, ele informou que em setembro haverá um evento em Brasília para discutir o eixo democratização do sistema de justiça, objetivando conhecer como a justiça funciona. Sublinha, ao final, que temos 2% da magistratura negra no Brasil, pior do que o parlamento

No segundo momento, **Ângela** inicia a sua fala apontando para a importância da articulação entre os organismos sociais nas lutas travadas em Goiânia. Que sistema político é esse que nós queremos? E complementando essa questão, destaca a importância da educação popular, da formação para a conscientização.

Ressaltou, ainda, o poder dos meios de comunicação na vida das pessoas e enfatizou a atuação da Frente Brasil Popular diante das políticas econômicas. Esse é um movimento que se articula e se posiciona contra o Golpe, mesmo não concordando diretamente com as políticas econômicas do governo Dilma.

Ela reconheceu a importância do “Congresso do Povo” e afirmou que ele vem instigar a participação popular nas decisões políticas. O “Congresso do Povo” é um grande mutirão pela educação popular, por meio da realização de trabalhos de base – espaço de

organização, de luta e de resistência. “Não é inventar a roda, é potencializar o que já tivemos na década de 80”.

Aponta que haverá um encontro nacional, para troca de experiências, um processo de formação de trocas, para construir e potencializar a formação junto ao povo brasileiro. E destaca que a Frente Brasil Popular reconhece a importância de reorganização e de formação da educação popular para o Brasil.

Um processo baseado no diálogo e na problematização da realidade, conforme pressupõe a educação popular. Realizar uma grande unidade das forças populares, na tentativa de construirmos um outro projeto de nação.

A educação popular é exigente, ele requer uma visão ampla, problematizadora, capaz de analisar a realidade para transformá-la. Retratou, ainda, o genocídio de 10 jovens de Goiânia que estavam sobre a tutela do estado e o Golpe, marcado por retrocessos de direitos, congelamento dos gastos públicos e privatizações.

Nós precisamos construir um sistema de participação popular que possa nos representar e fazer valer a nossa voz. Conclui a sua fala, com uma indagação sobre como a PJMP pode fortalecer esse projeto de educação popular no Brasil?

Após as contribuições da mesa, deu-se início a um diálogo aberto junto com os congressistas. Destacamos, para fins deste relatório, as falas seguindo a ordem de apresentação.

1ª/º. Como é que está o envolvimento da igreja nesse processo? Acentua acerca da/s prioridades, das pautas apresentadas pelos movimentos sociais. Destaca que as pautas políticas acompanham o cenário nacional, mas que nos cenários estaduais e municipais acabam sendo contraditórias.

2ª/º. Com um país dividido, como estamos hoje, essa proposta de referendo de plebiscito econômico? Como seria a participação popular no congresso, especialmente das mulheres?

3ª/º. Como você poderia destacar, a discussão do Escola Sem Partido? A respeito do Congresso do Povo, poderia trazer mais detalhes que possam evidenciar acerca do mesmo, dada a importância da educação popular.

4ª/º. Sobre os menores que foram mortos, nós temos um papel de denúncia, de resistência.

5ª/º. Reforça a luta que nós tratamos no nosso hino. A relação entre igreja e sistema político não seriam gavetas. Fé e política estão interligadas, fazem parte de um conjunto de

valores, para isso precisamos alimentar uma mística, uma estrutura para a gente cultivar o bem-viver. Para que possamos somar forças para fissurar a sociedade. Como podemos somar forças sem perder o encanto.

6^aº. Como estamos pensando as políticas públicas. Uma erva daninha, quando não podada pela raiz, somente pelo alto, ela tende a se proliferar. A metáfora em questão vem reforçar sobre a importância da base. Como está a participação dos jovens nos conselhos municipais de saúde, educação, entre outros?

7^aº. Destaca a respeito da sua dificuldade de compreender a dimensão entre fé e política. Como lidar com essa realidade?

8^aº. Ressalta que era da JUC. Ressalta sobre a sua trajetória na igreja e na economia solidária/CEB's. Geração de renda e espiritualidade. A reforma política começa na base, é um processo de discussão, de formação. A igreja de Paulo VI e João XXIII é uma igreja em ação, mas à partir de João Paulo II a igreja parece recrudescer, no sentido da luta do povo. Não se tem uma discussão para uma Igreja em conjunto. Qual o projeto de igreja que nós temos e que queremos?

9^aº. Se a gente refletir hoje, sobre a igreja hoje, é muito difícil fazer pastoral. A gente faz vista grossa e faz o nosso trabalho. Uma outra coisa é a formação política: a gente precisa ter a formação política, para poder fazer o trabalho de base. Como é que nós, enquanto PJMP, vamos voltar para as nossas comunidades a atuar na transformação da sociedade?

10^aº. Ressalta sobre o embate político e os riscos do bolsonarismo enquanto projeto fascista. Hoje, uma parte da igreja, por meio das redes sociais assume um papel político contra aquilo que é posto como progressista.

11^aº. Ressalta a importância da discussão sobre a temática, a democracia participativa ainda é um desafio. A nossa responsabilidade de discutir com as bases todos os dias.

12^aº. Aponta a ideia da coletividade, do diálogo, de ocupar espaços para construir juntos. Defender uma agenda conjunta.

13^aº. Destaca a importância das miniconferências para a discussão de temas relevantes para a pastoral, ressalta sobre a miniconferência do dia seguinte sobre fé e política.

14^a/º. Em função das questões apresentadas, estamos conseguindo dialogar com a/s juventude/s hoje? Os processos formativos da PJPM têm contribuído para a formação política dos/das jovens?

Após as colocações da plenária, Ângela destaca que precisamos compreender que a igreja não é homogênea e que a organização do congresso é fruto de um processo de luta, de conquista e de resistência. Ressalta a importância das parcerias entre grupos e pastorais.

Questões discutidas nos anos 80, agora são rediscutidas a partir da retomada dos trabalhos de base. A respeito da representação feminina, é um convite a pensarmos a conquista dos espaços públicos pelas mulheres.

Sobre o “Congresso do Povo” tem em vista repensar os trabalhos de base. A unidade da esquerda para que se possa alcançar uma participação popular mais efetiva. Segundo ela, a etapa nacional acontecerá em janeiro de 2019, no Rio de Janeiro, tendo em vista tudo o que está acontecendo na conjuntura do estado.

Ela destacou, ainda, que estar em comunidade é o que nos motiva a estar na caminhada. “Companheira/o me ajude que eu não posso andar, pois sozinha/o eu ando bem, mas com você ando melhor”, finalizou.

“Juventude que ousa lutar, constrói o saber popular”, afirmou destacando que o projeto de nação que nós temos que construir precisa ser pautado no diálogo. Acrescentou que nós precisamos fazer tudo ao mesmo tempo: trabalho de base, denúncia dos desmontes e formular o projeto de nação.

A juventude é a bandeira do amor, da esperança, da transformação por meio da ação. Qual o fruto que estamos fazendo e construindo essa nova geração? Temos que potencializar a juventude para darmos as mãos e construirmos um novo país, por meio da solidariedade. (Enfatiza o caráter simbólico do anel de tucum).

Aponta que não ver uma outra alternativa para mudarmos a sociedade, que não seja por meio da educação popular. Por meio dela conseguiremos transformar a realidade concreta da sociedade. Faz uma referência ao que chamou de “pedagogia da brecha”, no sentido de ocupar os pequenos espaços na sociedade – incomodar e sempre problematizar. Como os movimentos sociais podem potencializar a juventude, especialmente os jovens da PJMP?

Moroni, por sua vez, destacou a importância da dimensão coletiva, da luta e da ação pastoral. Acrescentou que a plataforma é um espaço diverso, de construção junto com os vários organismos da sociedade. Todas as organizações têm os seus limites, respeitando os limites, reconhecemos a possibilidade de construir juntos.

Na crise que temos posta, os instrumentos de participação popular não são suficientes. Precisamos unificar forças capazes de provocar fissuras e pensar mecanismos de democracia direta dentro do sistema constituinte. A soberania popular não tem um mecanismo para a resolução dessa crise, ficamos, assim, a mercê do judiciário e do parlamento.

Acerca da escola sem partido, ele destaca, sem os nossos partidos. Para que se figure apenas os partidos e as ideologias da elite. O papel da/s igreja/s é fundamental para esse processo de disputas de espaços, só, assim, poderemos reconstruir o novo. Não podemos pensar e reconstruir o novo, repensando velho.

Quando a gente fala da dimensão política, ela vai além da dimensão partidária. A nossa concepção de mundo tem a ver com a nossa dimensão partidária. As questões que trazemos para o debate é independente da conjuntura atual. Defendemos a construção de um país que tenha os interesses populares em sua base: um projeto de nação, construída com saberes e lutas do povo.

10/07/2018: OFICINAS

Nesta data, à tarde, em horário paralelo às plenárias específicas foram realizadas em diversos espaços da Paróquia Nossa Senhora da Terra as 10 (dez) oficinas, conforme já destacamos nesse relatório: **Bio cosméticos, Comunicação e Mídias Sociais, Circo, Danças Circulares, Dança popular urbana e cultura, Filtro dos sonhos, Leitura Orante, Música, Religiosidade Popular e Teatro do Oprimido.** (Ver. Pg.8)

De forma geral, as oficinas iniciaram com a apresentação de cada participante, seguindo-se da apresentação da/o/as/osicineira/o/as/os que por oportuno, iniciava o diálogo sobre a temática e a metodologia sugerida para a oficina. A partir de então, realizavam-se exercícios/dinâmicas de acordo com cada temática e a divisão de grupos ou equipes de trabalho.

A realização de oficinas, nos faz rememorar Paulo Freire quando este dizia que *“ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”* São, portanto, espaços formativos, onde de forma criativa a troca de saberes acontece. Partindo de uma metodologia dinâmica, democrática e participativa as oficinas foram desenvolvidas em um ambiente de interação entre os sujeitos, seja por meio da criação, da experimentação, do movimento, dos copos em movimento, da arte e da cultura de modo geral.

Assim, fundamentadas pelo diálogo, foram espaços onde a troca de saberes e fazeres possibilitou com que as/os participantes do congresso se envolvessem na sua temática,

abrindo a possibilidade da/o outro pensar e reconhecer-se enquanto sujeito a partir do seu espaço concreto e real, da sua vivência social e cultural.

10/07/2018: SARAU CULTURAL

As noites foram momentos de encontros interculturais, onde as delegações puderam compartilhar um pouco (apresentações artísticas, música, teatro, dança e poesia) das peculiaridades do seu estado. Esse primeiro dia foi marcado por apresentações do estado de Goiás, num gesto de acolhimento a todos e a todas que compareceram ao congresso.

Esses momentos serviram, também, para que a equipe de coordenação do congresso apresentasse informes sobre o evento, bem como a programação do dia seguinte.

@ CONEXÃO PJMP 40 ANOS

“Olá juventude de todo o Brasil que estão aí se preparando para estar Goiânia no V Congresso Nacional da Pastoral da Juventude do Meio Popular. Eu estou muito feliz com esse congresso na minha cidade de Goiânia. Não moro mais em Goiânia, moro em Palmas - TO. Mas eu vim de uma militância na Pastoral da Juventude do Meio Popular. Eu devo a essa pastoral tudo o que eu sou hoje, enquanto cidadã, enquanto pessoa, participante da sociedade, da política, da defesa Direitos Humanos. Eu acredito nessa juventude que não é para ser futuro, vocês precisam ser o presente, hoje. O Brasil precisa da força, da garra e da luta de vocês. Para lembrar os velhos tempos Ileaô...”

(Vanir - Articuladora da PJMP em Goiânia e em Palmas TO)

“Quero desejar todas as energias positivas para quem está no V Congresso Nacional da Pastoral da Juventude do Meio Popular. Infelizmente não pude estar aí contribuindo com esse momento tão importante para a nossa querida PJMP, mas estou mandando Ileaô, muita reza, muita luta e muita festa pra vocês que estão construindo esse momento tão rico e tão forte. Um abraço carinhoso, um abraço pernambucano e que a PJMP se torne cada vez mais forte e mais presente na caminhada desse povo que luta e quer um Brasil melhor, que está aí acreditando em possibilidades de mudança para esse Brasil”.

(André Fidelis - Ex-integrante da Comissão Nacional da PJMP - PE)

(11/07/2018) O TERCEIRO DIA DO CONGRESSO: JUVENTUDE, DIVERSIDADE, SUPERAÇÃO DA VIOLÊNCIA, EDUCAÇÃO POPULAR, FÉ E POLÍTICA.

Iniciamos o segundo dia com uma mística sobre a profecia. Partindo do chamado do Profeta, as/os jovens concentraram no espaço externo à quadra, local onde aconteciam as plenárias e onde estava situada a tenda. Com mantras, com música, ao som do sino e tambor:

[...]quanto tempo pode um povo viver
sem conhecer a liberdade
quanto tempo um homem deve virar a cabeça
fingindo não ver o que está vendo [...]

(Roteiro completo da mística em anexo)

Conduzidos por Danilo (BA) e Felipe Xavier (PE) ao som do caxixe a música diminuiu e o texto do profeta seja proclamado (Jer. 1:4-10). Após a leitura, numa reflexão sobre a missão e a profecia trouxeram a simbologia do anel de tucum:

O anel da palmeira da Amazônia, aliança com os espinhos sinal da aliança, das causas indígenas, causas populares quem carrega esse anel significa que assumiu essas causas e suas consequências. Você aceita esse anel? Ele queima muito por essas causas e compromissos até a morte ele é fogo, ele queima, ele pesa. Quem o carrega está carregando o peso de se comprometer com as causas sociais. Você está disposto a se comprometer?

Como símbolo de luta e resistência, as pessoas que tem o anel foram convidadas a levantar a mão esquerda e falar de suas lutas. O momento de mística foi encerrado com o Pai Nosso dos Mártires.

Diante desse momento de mística, a manhã desta quarta-feira, 11 de julho, começou festiva, com oração, muito canto e dança. Um movimento de corpos que pareciam se unir para afugentar o frio. Antes de iniciar a plenária, Wellington Neto e Ulisses apresentaram alguns informes e destacaram sobre os companheiros e as companheiras de caminhada que estão acompanhando o congresso pelas redes sociais, especialmente, pela página do Facebook.

Wellington destaca, ainda, que essas informações (vídeos, documentos, depoimentos) ficaram disponíveis após o congresso seja na página do Facebook, seja no site da PJMP. Dando continuidade, Ulisses informa sobre as várias mensagens recebidas, seja por vídeo ou por cartas, seguindo-se da leitura de algumas cartas. E destaca que existe um painel de retalhos, no espaço lateral, que é para as/os jovens escreverem mensagens durante os intervalos. O mesmo será entregue no final à delegação que sediará o próximo Congresso em 2023.

Tendo em vista essa interação, para fins deste relatório transcrevemos algumas mensagens enviadas por vídeo que aqui intitulamos “@Conexão 40 Anos” e dispomos as cartas em anexo. Quanto às mensagens estão dispostas nos espaços deste relatório, após o encerramento de cada dia.

Também neste início de manhã foram registradas a presença de Cátia Maria (Pedagoga – GO) e de Leon (Cáritas Nacional – DF) que foram convidados a falar com as e os jovens presentes. Tomando a palavra, **Cátia** destacou a sua atuação como pedagoga que discute a sustentabilidade e o meio ambiente e reforça que “ninguém pode tirar a nossa juventude, não é Frei Marcos”. Eu tenho discutido muito sobre o papel e a importância da juventude para que possamos viver o meio ambiente inteiro. O meio ambiente que possa trazer para nós a riqueza das águas, da mãe terra, a riqueza entre céu e terra, porque é daí que vem a nossa energia e a nossa espiritualidade.

Precisamos que a juventude esteja cada vez mais presente nos movimentos, que a juventude possa estar cada vez mais presente na política, porque são espaços de decisão e são espaços de poder. E é nesses espaços que nós precisamos construir políticas públicas que possam reverter os casos de violência. Goiás é, hoje, um dos estados com maior índice de violência do Brasil, e em meio a essa alta taxa de homicídio quem mais sofre, quem mais perece é a nossa juventude, os jovens que habitam a periferia.

Essa é uma realidade que precisamos reverter. E é nessa unidade, com essa igreja Frei Marcos que nós precisamos fazer corrente de unidade, de homens e mulheres, do campo e da cidade, com a comunidade LGBT e todo o povo para que nós possamos ter um mundo mais sustentável, valorizando essa casa que é a mãe terra.

Em seguida, **Leon** (Assessor da Cáritas Nacional) saúda a todos e todas e destaca que é de Minas Gerais, mas mora em Brasília em função do seu trabalho junto à Cáritas. Segundo ele, “desde o ano passado quando fomos informados do Congresso nós colocamos como prioridade para celebrá-lo junto com vocês”. Para a Cáritas Brasileira é muito importante saber que o compromisso da igreja com a juventude é, também, o compromisso da Pastoral da Juventude do Meio Popular. Compromisso com as juventudes que estão sofrendo, que estão angustiadas, sem direitos, mas também com as juventudes que têm beleza, poesia, felicidade e afeto.

Ele destacou que “alguém ontem falou que além da gente ficar falando das crises é preciso que a gente fale do amor. É preciso que a gente fale, que a gente vivencie e que a gente experimente belezas, afetos e poesias”. Pontou ainda: o que vocês têm vivenciado e celebrando nesse congresso é beleza. A igreja precisa de mais beleza.

No ano em que a igreja está falando de juventudes (sínodo) eu acho que vocês dizem que a nossa missão precisa ser no caminho da beleza, dos afetos e do abraço. Ressaltou, também, que em vários lugares há ação da Cáritas em parceria com a PJMP, como no Ceará e na Bahia. Por fim, destacou que o Congresso é um momento de repensar estratégias e possibilidades. [...] No momento em que a sociedade apresenta linguagens e metodologias novas, é preciso repensar e ressignificar o olhar, conclui parabenizando e desejando um ótimo congresso para todos e todas.

PLENÁRIA GERAL:

Juventude e superação da violência

Mediada Everlon Coura (CNPJMP – ES), a mesa contou com a presença dos professores Dilmo Luís Vieira e Alex Ratts. De início, Everlon fez uma breve explanação da temática e informou que dentro dos kits do congresso haviam alguns livros, doação do Frei Marcos, que poderia ser útil para os espaços de formação nos grupos de base.

Em seguida, o professor **Dilmo** inicia com a saudação “Amém pra quem é de Amém e Axé pra quem é de Axé”. Em seguida fez referência a uma frase do Leonardo Boff, do livro Espiritualidade - um Caminho de Transformação, ao dizer que nós estamos sempre dentro de Deus. Segundo ele, nós aprendemos ao longo do processo histórico que Deus está dentro da gente e, num momento de tensão igual estamos vivendo agora é importante que a gente compreenda essa lógica, entendendo que nós estamos dentro de Deus.

É importante que ampliemos a nossa relação com o sagrado e, também, a nossa relação com o outro. Partindo desse pensamento ele ressalta a importância de sentir e de cuidar dos outros e acrescenta que nesta sociedade onde a cultura do ódio está sendo disseminada, temos que falar da humanidade, da vida e da experiência de fé.

Precisamos superar a nossa visão fragmentada. A gente não consegue fazer a relação da água do nosso batismo, com a água do planeta. A gente não consegue perceber que a mesma água com que somos batizados é a água que sai da nossa torneira, que serve para cozinhar, para lavar, para beber. Para nós, além do Rio Jordão que é sagrado, temos o Rio 'Meia Ponta' que abastece Goiânia. Se esse Rio seca, a maioria da população goianiense ficará sem água.

Precisamos sair do nosso ambiente católico e cristão e dialogar com as experiências religiosas que foram construídas ao longo do nosso processo histórico, primeiramente como os povos originários e depois com os povos africanos. A gente não pode ficar querendo salvar o mundo apenas a partir do nosso olhar, mas a partir do olhar do diferente. Eu sempre costumo dizer por aí que a gente precisa sentir a gente, em todos os aspectos, pontuou. E a nossa

espiritualidade vai trazendo isso, de forma bem tranquila, na medida em que a gente se contempla, tanto no espaço do altar, como no espaço da vida.

Acrescentou, ainda: o processo de caminhada da PJMP fez parte da minha vida, reconheço a importância desse tempo de caminhada, numa perspectiva de compreensão do mundo e da realidade. Portanto, no momento em que estamos vivendo de cultura do imediatismo somos convidados a refletir sobre as nossas práticas e sobre as nossas relações, entendendo que o grande desafio nosso, no século XXI é permanecermos humanos.

Em sua fala, ele destacou o sofrimento do povo, o sangue derramado do nosso povo, sobretudo da juventude e realçou a necessidade de incomodar e querer mudar essa realidade. A gente precisa entender que somos seres históricos e que antes de nós existiram outros e outras. Há que se lembrar da diáspora africana como um fenômeno que aconteceu não somente no Brasil, mas uma experiência que traz as marcas da violência, violência que atingiu o nosso povo em todos os aspectos.

As marcas da colonização estão presentes no nosso processo de formação histórico, social e cultura. Precisamos, portanto, descolonizar além do nosso corpo, também, o nosso pensamento e, neste processo de luta e transformação, talvez até mudar o nosso discurso e pensar a estrutura de uma sociedade mais humanizada com a característica do rosto feminino de Deus.

Para Dilmo, o racismo é uma questão estrutural. Ele não é preconceito, mas gera preconceito. Trata-se de um sistema que começa com a diáspora africana quando os nossos ancestrais, mulheres e homens, que foram arrancados de suas terras e atravessaram o Atlântico.

Essa travessia é mais do que um deslocamento, é também perda de identidade. Numa sociedade que tem a dificuldade de reconhecer a África como o berço da humanidade. “Tem muita gente que acha que a África é um país”. Tudo isso sobressalta que o racismo está tão marcado e é tão forte que a gente não consegue compreender o racismo como um sistema, e não como preconceito.

Com essa experiência nossa, a gente vê a diversidade cultural que temos. Mas não podemos deixar de lembrar que é um país construído apenas com o olhar e com o interesse do branco. E aí essa discussão vai se reproduzindo pela sociedade. A gente precisa chegar a um ponto de discutir o racismo como gente discute muito bem o Capitalismo, o Socialismo, o Comunismo, etc.

Sabe por que? Porque se a gente não fizer isso, vai chegar um momento na sociedade em que os nossos instrumentos de libertação não vão surtir mais efeito. Essa é a raiz de toda a desigualdade do Brasil.

A gente vem ao longo do processo histórico percebendo a naturalização do extermínio dos povos originários e também do povo preto. Recentemente, a mídia falou dos meninos que ficaram presos na caverna, mas não destaca os jovens que são mortos. A gente vive uma estrutura que legitima a violência, que a naturaliza e na perspectiva da vida a gente precisa dizer que a juventude negra quer viver. Então assim, a gente não pode esquecer ao falar de violência, da diáspora africana, do processo de colonização, que depois se ressignifica com o Capitalismo.

Em sua fala ele destacou: agora eu posso dizer que sou uma pessoa preta. Estamos aqui para falar de violência não para legitimá-la, mas para construir elementos que possa ajudar a superá-la. A gente hoje está dentro de uma sociedade extremamente desigual e, neste contexto, a Pastoral da Juventude do Meio Popular é um espaço para que a gente possa discutir e construir instrumentos elementos para poder reverter essa lógica. Mas ao mesmo tempo, a gente precisa falar da nossa investida e devemos nos incomodar com o sangue derramado.

Ao fazer uma retrospectiva a gente percebe que a partir da década de 80 passamos a falar do sangue derramado, do sangue dos mártires, mas se a gente fizer essa retrospectiva histórica veremos que o sangue do povo negro vem sendo sempre derramado. Esta terra chamada Brasil foi construída com sangue do povo negro.

Acentua que é a partir das Comunidades Eclesiais de Base a gente vai conseguir fazer esse processo histórico sem nos incomodar, porque a gente vai entendendo que é uma lógica que se reproduz. A gente precisa, por exemplo, superar a violência que se cria na Idade Média, fragmentando corpo e alma, bem e mal. Então eu sempre pergunto: **Qual o rosto que a gente menos ver?** Indagou para a plenária que teve as seguintes respostas: da juventude negra, dos discriminados, das mulheres negras, dos excluídos, das populações indígenas. Estão todos certos, mas o rosto que a gente menos ver é o rosto da gente. Só consigo ver o meu rosto por meio da tela de um celular ou de um espelho.

Isso é para dizer que pra a gente mexer com as estruturas a gente precisa fazer esse caminho pra dentro, a tal ponto de conhecer o outro, a tal ponto de acreditar que a minha identidade só vai amadurecer de verdade a partir do outro. Tem um discurso aí que diz que a gente tem que respeitar as diferenças. Mas nesse momento, a gente precisa valorizar as diferenças a tal ponto de aprender com elas.

Mas isso é natural. A partir da Idade Média, nós, culturalmente, aprendemos a fugir do nosso corpo, dos nossos desejos, da nossa sensualidade. Todos os conceitos numa perspectiva de controle. E tem um grupo bastante conservador, agora, em todos os espaços da sociedade. E aí a gente precisa pensar, por exemplo, que a PJMP tem vários corpos. A gente

precisa pensar em que momento a gente foi vítima da violência e em que momento a gente a praticou. Nessa perspectiva a gente precisa estar sempre fazendo esse caminho, de fora para dentro e de dentro para fora.

O nosso desafio é superar a visão fragmentada das coisas, não conseguimos compreender que tudo está conectado, nós precisamos sair do nosso ambiente para dialogar com outras experiências, nós só conseguimos ajudar o mundo com olhares diferentes, e não somente com a nossa visão.

Se a gente não fizer isso, a gente não constrói essa espiritualidade ou só constrói uma espiritualidade conservadora que só quer saber de altar. Nada contra o altar. É um espaço sagrado. Mas a gente precisa experimentar esse Jesus histórico na vida de cada um e de cada uma. E muito mais do que isso, precisamos experimentar a face feminina de Deus.

Todas as vezes que experimentamos a vida, nos remetemos ao feminino. A própria palavra vida ela parte dessa perspectiva: a natureza, a água, a terra. Então porque será que a gente temos uma bíblia tão machista, senhoril, etc. Outra coisa que é marca da PJMP é a singularidade, por exemplo, na simbologia da roda, do círculo, da circularidade da vida e das relações sociais.

Vocês precisam entender que a singularidade é um valor civilizatório africano, a roda de capoeira, o samba de roda, o lugar aonde o povo preto celebra. A questão da singularidade é tão forte e tão presente na vida desse povo preto que ela se torna algo presente na vida desse povo. Para além das mesas, dos palanques e dos altares tem a singularidade. As Comunidades Eclesiais de Base também trabalham nessa perspectiva.

Nesses dias, encontrei como uma senhora da comunidade no supermercado e ela perguntou para mim: em qual igreja você está indo? Diante da minha resposta que não estava indo a nenhuma igreja no momento ele interpelou dizendo que não estava a gente não podia esquecer de Deus.

Eu falei, não esqueci de Deus. E ela falou, mas a comunidade é quem nos sustenta. Eu falei para ela: a espiritualidade é muito mais que participar de uma comunidade, eu falo isso porque eu venho descobrindo a minha identidade a partir da minha espiritualidade. E a eu disse pra ela. O caminho para Deus, do reino, ele acontece no dia a dia.

A gente precisa conversar e tomar muito cuidado para que nessa perspectiva da superação da violência a gente não seja violento também. Que a gente possa buscar caminhos de identidade.

Fecho a minha fala, falando de mim para vocês. Estou com 50 anos. A gente aprendeu culturalmente no Brasil que não deve falar a idade. Tem um provérbio africano que

diz: quando morre uma pessoa idosa, morre uma biblioteca, tamanha a sabedoria. Eu estou dizendo isso, para que a gente não absorva esse fermento estragado do capitalismo que você só vale enquanto produz. Tenho três filhas e adotei duas, com esse relato ele traz um pouco da sua experiência e da sua família, fala de identidade do povo preto, a partir do cabelo e a partir da estética.

Falar de violência é também entender de alisamento do processo histórico. Se não constrói identidade é também violência. Tornar-se violento é se achar mais, porque tem menos concentração de melanina na pele. E falar de violência é olhar para o corpo negro, só na perspectiva do pecado, ou do objeto.

A gente tem que na convivência que a gente precisa mudar essa lógica, entendendo que a PJMP vai lidar com esses cabelos e com essas meninas de cabelo alisado, sem elas saberem quem elas são. Pra mim, o maior sistema de violência é esse, é não garantir que nós saibamos quem nós somos.

Descobri que tem alguém está fazendo dança África e eu aos 50 anos estou fazendo dança África, porque estou querendo descolonizar meu corpo. A gente precisa pensar na violência imposta, também, pelo sistema através da alimentação.

Eu me arrisco a dizer que se a cultura africana e a cultura indígena tivessem se impregnando na cultura brasileira a gente não estaria nesse momento de crise. A gente tem que mudar a partir do nosso meio para não deixar se impregnar ou naturalizar.

Chamou a atenção para a dor de quem perdeu seus filhos por parte da violência, como o momento de dor vivenciado em Goiânia, diante da morte dos 10 jovens que foram queimados pelo estado no 7º Batalhão. Os depoimentos das mães, nunca vi algo tão parecido.

Falo da perspectiva de lugar em que estou hoje, da periferia. Vidas negras e jovens são mortas e o estado brasileiro só está como está porque não reconheceu na juventude negra o capital intelectual tão potente e tão forte que nos permite falar do nosso corpo, que permite valorizar a nossa melanina, o nosso cabelo crespo e dialogar com todas as etnias. "Eu somente sou porque nós todos somos juntos. Eu sou porque nós somos". A tal ponto de transformar o sangue derramado em resistência.

No espaço entre uma fala e outra, Everlon ressalta que uma mãe, que havia perdido o seu filho jovem recentemente, que sentiu na pele a dor morte de um filho, tinha sido convidada para a mesa, porém esta não pode comparecer. Em seguida, cantou-se:

Mais que uma sigla eu vou mostra para você, agora eu sou da luta, sou PJMP.

Dando continuidade à mesa, o professor **Alex Ratts** agradeceu o convite feito por Ana Rita e destacou a importância da PJMP na sua vida, ao falar da atuação junto à pastoral em Fortaleza – Ceará: “Quero falar um pouquinho do quanto a PJMP é importante para mim”. Em seguida, destacando a importância da vivência na pastoral ele acrescentou “imagino que vocês façam parte de mais de um movimento”, reforçando a importância do engajamento nos movimentos sociais, pois “o movimento prepara o copo para a luta”.

Além da militância na PJMP, ele falou sobre a militância no movimento, indígena, quilombola, de mulheres e homossexual, pontuando que os movimentos nos fortalecem e nos preparam para a resistência. Ainda no início da sua fala, destaca sobre importância de uma atuação política e avulta os nomes do Padre Zé Teixeira e a Ir. Yolanda Ferrari, dois grandes apoiadores da PJMP no Ceará.

Dirigindo-se para o centro da quadra, debaixo da tenda, ele recita o poema de sua autoria:

Celebração

Eu te celebro na grande tenda
Por entre o fogo ‘das guerreiras e dos guerreiros’
Iniciados no amor e no combate
Em memória do corpo e do sangue
Das antigas lutas ‘das dominadas e dos dominados’.

Juventude que nasce de um velho ventre
Conduzindo a canção e o clamor que estremecem
Ensaizando com a fé e suor do rosto
O sonho das estruturas novas
O êxtase do povo e dos amantes.

Eu te desenho por um breve momento
Na expressão de uma oferenda humana
Um corpo que ousa estar nu
E dança incendiado
Evangelho segundo a consciência de classe.

(RATTS, Alex. **Celebração.**)

A partir do poema, ele sublinha: a PJMP me ajudou a romper com essa Igreja conservadora, eu pertencço a uma comunidade negra, e acrescentou: não pertencço a nenhum partido político, mas apoio as lutas do partido da estrela vermelha, do sol, da foice e do martelo.

Referindo-se, ainda, à PJMP destaca que é um espaço para que a gente construa elementos para mudarmos essa lógica de violência que está posta. Não podemos esquecer dos nossos mártires e que o sangue do povo negro dos povos indígenas sempre foi derramado. E,

umas das saídas para acabar com esse sistema opressor é a atuação juntos aos movimentos populares.

Ele chama a atenção para a realidade do país, especialmente das periferias onde milhares de jovens são mortos. Essas mortes não têm sido iguais para todo mundo, apesar da dor ser a mesma, mas quando falamos de vidas negras vemos essa desigualdade.

Teríamos nessa mesa o relato de uma mãe que vivenciou a perda de um filho jovem. Jovens são mortos e precisamos cobrar o reconhecimento e o cumprimento da lei. Vamos retomar aqui algumas questões colocadas pelo Dilmo, buscando evidenciar essa violência que afetam mulheres negras e jovens negros.

Em Aparecida de Goiânia é onde temos o maior número de grupos de capoeira, de terreiros, de pessoas negras. Fico esperando na universidade os negros chegarem, mas muitos não chegam porque foram mortos, as cotas ajuda, mas não coloca todos. A população de Goiânia é mais ou menos 50% branca e 50% negra. De acordo com os dados que se encontram na internet, o mapa da violência em Aparecida de Goiânia é o seguinte:

JOVENS MORTOS EM APARECIDA DE GOIÂNIA

2010-2012

ANO	BRANCOS	NEGROS
2010	43	129
2011	53	169
2012	41	250

A partir da exposição desses números, o professor Alex chama a atenção para a desigualdade e para a violência contra os jovens negros, corroborando com a sua fala de que a morte é desigual.

JOVENS MORTOS EM GOIÂNIA

2010-2012

ANO	BRANCOS	NEGROS
2010	141	376
2011	158	497
2012	185	554

Esses dados, demonstram que mais famílias negras vêm sofrendo com a morte dos seus jovens. Temos que cuidar para não internalizar ou reproduzir a violência. O estado brasileiro só está assim porque não conseguiu reconhecer o capital intelectual que é a juventude negra.

De 2000 para cá, nós temos presenciado algumas políticas públicas, políticas de acesso e de afirmação negra – através das Cotas e do PROUNI. Estamos vivenciando um momento de visibilidade da cultura negra, mas é, também, um momento em que estamos perdendo jovens. Apesar disso, os jovens negros não têm conseguido chegar a universidade. O que nós vamos fazer com isso, para eles tenham maior acesso?

Ele destaca que acompanha/conhecer famílias negras e dessas tem uma pessoa fazendo graduação, uma fazendo mestrado, uma fazendo doutorado e uma que já terminou. Porém, dessas famílias, quase todas têm um jovem negro morto. Assim como afirmou o Dilmo, eu penso que a gente tem uma longa história de violência que se inicia quando os milhares de pessoas africanas são arrancados de suas terras.

Apontou ainda que o Nordeste é a região onde há o maior número de morte de negros. Mas, há uma parte que resistiu e formou quilombo, ressaltou. Neste sentido, refletindo acerca da violência ele questiona: Quem nos protege hoje? Nós procuramos refúgio na igreja, na militância e nos espaços que estamos inseridos, mas parece que esses espaços não são suficientes.

Falando de proteção, Alex salienta duas divindades africanas que protegem o povo negro. Segundo ele no reino de Oyo, onde hoje é Nigéria, tinham várias divindades e uma delas é Oxum – uma divindade de linhagem feminina. Há também um ser supremo que nós quase nunca falamos esse nome (mas eu vou falar, ressaltou) Olodumare. Olodumare veio para Bahia, para o Rio de Janeiro e está em Goiânia, pois aonde há violência há proteção.

Mais abaixo, onde fica o Congo e Angola, houve outra proteção (divindade) chamada Zambi (parece com Zumbi, né?) Os seus foram para o Ceará e para Santa Catarina. Neste momento ele faz referência, ainda, à igreja do Rosário dos Pretos que há em Fortaleza, e acentua que no Crato – CE, Pirenópolis-GO e na cidade de Goiânia tinha essa igreja, mas fora derrubada.

Enaltecendo a sua fala sobre Zambi, Alex cita os versos de Martinho da Vila:

Quando eu morrer
Vou bater lá na porta do céu
E vou falar pra São Pedro
Que ninguém quer essa vida cruel

Eu não quero essa vida assim não Zambi
Ninguém quer essa vida assim não Zambi
(**Assim não Zambi**, Martinho da Vila)

Assim como Oxum, Olodumare e Zambi outras proteções vieram como a Calunga que lá no reino do Congo se chama Nossa Senhora do Rosário. Nada de sincretismo, uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa.

Quem nos protege hoje? Pergunta novamente. Nós sabemos que há outras violências resultantes do tráfico: pessoas que se apaixonaram, que sobreviveram e que foram escravizados, especialmente no Nordeste que é uma área de maior violência contra corpos de negros e negras, apesar de ser uma região de maioria negra.

A história nos mostra os movimentos de resistência, seja nas plantações de arroz, de algodão do Ceará, nas minas de ouro, em Minas Gerais, na pesca da baleia em Santa Catarina. Em meio a essas lutas, uma parte tirou sua própria vida, tirou a vida do senhor, se rebelou e fez revolta.

É esse passado que nós da PJMP cantamos através da música “*negro nagô*”, fazendo uma reflexão do passado e uma projeção para o futuro “*quer dançar samba e ser doutor!*” E para encerrar quero lembrar que metade da população brasileira é feita por gente negra que construiu e constrói esse país: os campos, as periferias, os quilombos, são homens e mulheres, pessoas estranhas...

Em falas anteriores, aqui neste Congresso, foi falado acerca do amor. Será que no passado houve amor com os escravizados? ... houve tronco, açoites, senzalas, algemas, cadeados, de pessoas que são historicamente discriminadas. São as marcas da violência.

Quem protege os nossos corpos? Por que nós sofremos dentro de nós mesmos, por condição de sexual, ou de raça? Meus olhos orientados dizem que existem corpos gays nessa plenária. Quem nos protege? Nós procuramos refúgios nas igrejas, construímos refúgio nos espaços de militância, mas parece que isso não está bastando, porque gente ainda tem visto muito sofrimento.

ESPAÇO ABERTO: DIÁLOGO COM A PLENÁRIA.

Encerrando o primeiro momento, onde cada participante da mesa teve até 30 minutos para expor o seu pensamento sobre o tema, seguiu-se com o **espaço aberto para diálogo com a plenária**. Destacamos, portanto, que as falas foram organizadas de acordo com a ordem de apresentação de cada congressista:

1ª/o. Parem de justificar as nossas ausências! Estão justificando a falta de uma mulher na mesa porque uma companheira não pôde. Peço que todas as companheiras presentes fiquem de pé. Olhem, se uma não pode, podem ter certeza que terá 100 de nós que poderá.

Nunca participei de um congresso, de um espaço em que a ausência de um homem fosse justificada porque “ele não podia”, nunca participei de um evento em que tivesse uma mesa formada apenas por mulheres por que “um homem não pode estar presente”. Então, parem de nos invisibilizar, de nos silenciar. Só nós (mulheres) podemos falar de nossas dores e de nossas superações. “Companheiras, onde comigo, sozinha eu ando bem, mas com você eu ando melhor.”

2ª/o. Eu saio de uma realidade, de uma comunidade base onde a energia só chegou quando eu tinha 11 anos de idade. Saio de uma realidade de uma casa de barro, onde meu pai foi embora e só retornou 17 anos depois para me conhecer. Saio de uma realidade onde eu não me aceitava, me sentia mal. Na PJMP eu desço a lenha quando é preciso, mas a PJMP chegou na minha vida para me ajudar a reconhecer minha identidade, me perceber como sou e quem sou, onde moro, o que passei.

As vezes as nossas liturgias são violentas, vamos parar e pensar um pouco: será que a violência é somente a da polícia quando mata? Será que pratico violência em casa? Quando tenho medo de falar que amo é porque eu sou uma pessoa violenta?

A PJMP transformou minha vida e tem transformado cada dia mais, eu preciso aprender muito mais e muito mais a prática do bem-viver. Quando não temos a capacidade de falar eu te amo, desconfie, é porque somos violentos.

Aquilo que é piada as vezes é uma violência enorme, que agride o outro. A igreja precisa falar para minha realidade, a minha linguagem, senão ela está sendo violenta para comigo.

Nos dias atuais, na nossa caminhada de pastoral, e em meio a toda sociedade, falar ou discutir as diversas formas de violência, que nos atinge, e ir bem mais além dos dados que se encontram em nossos noticiários, acredito que quando falamos de violência é preciso não apenas pensar, na violência que gera a morte "física " mais também a violência que fere, o psicológico a imagem, e a sensibilidade humana.

É preciso parar e pensar que como sujeitos, em muitos momentos nos demonstramos um comportamento, homofóbico, racista, preconceituoso...etc. Essa mesa me traz uma reflexão

que ainda precisamos crescer e viver buscando construir a civilização do Amor, dentro de nossas bases, acolhendo e sabendo conviver com o diferente...

Minha conclusão maior: se não temos a capacidade de praticar de acolher o outro e a nos mesmo, deixando claro que "amamos", que nos amamos! É sinal que somos também sujeitos violentos capaz de violentar o próximo e a nós mesmo.

3^aº. Fiquei encanta com a religião Umbanda, nunca vi tanta beleza, o meu desejo é conhecer cada vez mais a espiritualidade de matriz africana. As pessoas têm medo de tudo que vem do negro, pois temos na mente que tudo que é de negro é ruim.

4^aº. Como pode um país que tem a maioria de população cristã, não ter simpatia pelos direitos humanos, não entenderem e espalharem intolerância em nome de Deus? As pessoas insistem em separar fé e vida...

Eu registro aqui como a PJMP tem sido importante para mim, como tem sido água renovadora da fé, por muito tempo eu me violencei acreditando que a igreja não era meu lugar, por muito tempo eu acreditei que precisava ser curado por ser LGBT. Tudo que sou devo a PJMP.

Eu costumo dizer que a PJMP é o feito mais legítimo de ser igreja e de ser cristão, justamente por essa forma de acolher a todos sem distinção, por estar ao lado de todos aqueles que sofrem opressão. Jesus disse eu vim para que todos tenham vida, e não somente para aqueles que são heterossexuais e brancos tenham vida.

Marielle Presente!

Dandara Presente!

Após a explanação de algumas falas da plenária, entre questionamentos e reflexões, **Ildo** destacou: para mim o grande desafio nosso hoje é compreender o meio popular, falar da pastoral da igreja, e a gente vai compreendendo os limites que temos nessa Igreja. Agora **falar do meio popular em pleno século XXI é mais complexo do que imaginamos, falar dessa identidade que é construção, é necessário fazer esse movimento de dentro para fora.**

Na década de 70, se perceber como jovem empobrecido me bastava. Mas hoje me descobrir como negro foi a melhor coisa da minha vida. Esse meio popular tem a marca desse jovem que deseja ser alguém, talvez ele nunca frequente essa igreja. **Essa sigla PJMP vem sempre cheia de desafio.** Nós não vamos construir uma sociedade igualitária, justa e fraterna sem a figura feminina. A nossa espiritualidade tem que ter um olhar feminino.

5ª/º. Como a gente enquanto igreja podemos mudar esse quadro de violência? Qual bandeira podemos assumir para acabar com isso? O que está faltando para a igreja motivar seus missionários para assumir os conselhos? O que está faltando à igreja para que os religiosos e religiosas assumirem esse compromisso participativo na transformação da sociedade?

6ª/º. Alice, em nome da Comissão Nacional da PJMP, esclarece o porquê da mesa não está composta com a figura feminina.

7ª/º. Qual a principal violência que nos incomoda? Cinco (05) jovens foram mortos e nada saiu na mídia, outra foi a morte dos 10 jovens que foram queimados na prisão. Nós falamos de dados estatísticos, mas as pessoas não são mencionadas. São mais de 55.000 jovens por ano. Estigmatização por parte de parte da sociedade que afirma que é por causa de drogas. Convidou que cada participante fizesse mencionasse o nome de jovens (próximos) que foram vítimas de violência. *“Mataram mais um irmão, mataram mais um irmão (Bis), mas ele ressuscitará e a história não esquecerá”.*

8ª/º. Eu sempre fui julgada por não ter um corpo bonito, por não usar roupas curtas, fui violentada pelo meu companheiro, foi abusada e ninguém me procurou para saber o que estava acontecendo, somos violentadas o tempo todo. Demonstre amor, pois foi ele que me fez superar todas as violências que sofri.

9ª/º. Neste congresso só queria falar destas mulheres que veio participar. Continuem assim, vocês vieram abrilhantar.

Somo do meio popular

Outros jovens vamos chamar

Para mais grupos formar

E não deixar se apagar

Esta chama vai irradiar

E a PJMP no Brasil vai se espalhar

Nós não vamos nos calar

Este congresso veio nos fortificar.

10ª/º. Superar é dizer “sim” mas as vezes é dizer “ não”,

Superar é colocar no centro da vida o nós em troca do eu.

Superar é acolher mesmo sem compreender.

Superar é viver o hoje para que o amanhã seja renovação.

Superar é aceitar sua identidade mesmo que o mundo não lhe deixe a vontade.

Superar é sofrer, mas depois reviver.

Superar é anunciar, depois silenciar

Superar é sonhar um sonho que nasce e outro lugar.

Superar é sentir a dor, mas não deixar que ela determine o seu valor.

Superar é sonhar, acreditar, caminhar e realizar.

Superar é sair da crítica para a ação.

Superar é ver no irmão o cristo que é comunhão.

11^aº. Gente cuidado com esse sistema e com mídia, eles que são os nossos inimigos, outra coisa que me deixa inquieto e a imagem que a igreja tem de Jesus Cristo branco. “ Não somos um corpo que tem uma alma, somos uma alma que tem um corpo”.

12^aº. Essa pastoral é minha escola, pois é aqui que aprendi a ter um olhar crítico sobre todas as dimensões da vida. Outra coisa, é importância de conheçamos nossa identidade. Quando morre um jovem, morrem parte de nós.

Após as colocações da plenária, ora com questionamentos, ora com reflexões, ora com poesia foram apresentadas algumas considerações por parte da mesa. Segundo **Alex**, nós acreditamos na igualdade por dois motivos, uma é pela lei que diz que somos todos iguais, nós não somos iguais, somos iguais nas nossas comunidades, pastorais (enquanto membros dela).

Somos violentados e violentadas nas universidades pelos orientadores por não aceitarem as diversas falas dos povos. E, concluiu dizendo que, o medo do terreiro é questão histórica, o medo sempre vai existir em nós, o negro é visto como incapaz, como alguém que não tem intelectualidade. É de dentro que as coisas mudam.

De acordo com **Dilmo** a gente precisa ressignificar, os conselhos, os movimentos populares querem de nós tempo. A igreja, onde tem a Teologia da Libertação, a gente pode perceber a mudança acontecendo. Agora tem uma hierarquia da Igreja, por mais que Francisco tenha um discurso libertador, essa estrutura da Igreja não muda. A organização do povo é bastante significativa. A vida continua pedindo passagem e nessa perspectiva que a vida tem que seguir a vida.

É preciso compreender as possibilidades que a Igreja nos cria. Falar do meio popular no século XXI é falar num processo de identidade, constante. Ele destacou, ainda, que se identificou com a PJMP em função da consciência de classe, do jovem empobrecido. Na caminhada, fui descobrindo a minha consciência de jovem negro, acrescentou. O desejo de ver

o seu povo (pretos) nos livros didáticos. A sigla PJMP sempre traz desafios que devem ser enfrentados com ternura.

A estrutura do nosso país, com uma visão eurocêntrica, invisibiliza muitas pessoas, especialmente as mulheres. Temos muito o que aprender com as mulheres. A gente precisa ressignificar as nossas experiências.

Onde tem a Teologia da Libertação ou teologias se libertando temos experiências fantásticas. Experiências de anúncio profético, comprometida com o social.

Fala da estrutura da igreja que segue o neopentecostalismo. A Pastoral de Juventude do Meio Popular, abre espaço e dá voz para que pessoas que são silenciadas muitas pela sociedade e, muitas vezes da igreja.

No sistema racista significa ter menos oportunidade, está na mira da polícia. Pensar na perspectiva da igualdade racial, pois somos fora do continente africano a maior população negra do mundo. Vivemos quase 400 anos de escravidão negralizada. O mais importante é olhar para o continente africano como o continente produtor de conhecimento da humanidade.

Espaço diversificado, rico e plural que é a Pastoral da Juventude do Meio Popular – PJMP.

PLENÁRIAS ESPECÍFICAS

I. Da Educação Popular à emancipação dos povos – saberes e fazeres compartilhados.

Com a mediação Ulisses Willy (Assessor Nacional da PJMP – PB) e participação de Carlos Marcelo (Assessor Nacional da PJMP – GO) e Carlos Oliveira – (Educador Popular – RJ). Iniciando a sua fala **Carlos Marcelo** destaca a sua trajetória na Igreja, o seu envolvimento com a PJMP e o engajamento nos movimentos sociais.

Em seguida ele destaca o papel na educação popular, apontando que existem diversas interpretações sobre o tema, depende do lugar onde estamos falando. Acentua que é um processo contínuo, de construção constante, que trabalhar na perspectiva dialética.

Traz, ainda, a questão da autonomia (autogestão) nos processos formativos de educação popular e faz referência a “Como trabalhar com o povo” de Clodovis Boff. A partir desse entendimento ele traz a importância da dimensão ética e social na formação das lideranças. "É preciso trabalhar e ai de mim se eu não trabalhar como o povo", acentuou.

Segundo Clodovis Boff as etapas da educação popular são: para o povo, com o povo e como o povo faz. Ressalta, ainda, a importância da educação popular para a formação, pontuando que:

- Não podemos descartar o senso comum.
- Muitas vezes estamos à frente ou acima do povo.
- A educação popular precisa se alimentar e se resignificar.

Partindo desses pontos, reitera a importância dos processos formativos e destaca a importância da articulação, de estar com o povo. É preciso se qualificar, sem descartar o pensamento e a fala de cada um. Compreendendo a necessidade de termos os nossos intelectuais orgânicos. E finaliza com as seguintes questões: O que a gente entende por educação popular? Qual a contribuição da educação popular para a minha emancipação?

Carlos Oliveira, começa a sua fala pedindo licença para sair da mesa e entrar no círculo. Integrado ao círculo, solicita que todos se apresentem e falem um pouco dos seus saberes e fazeres.

Após a apresentação de cada um e cada uma ele expôs a forma como elaborou a sua fala e que irá disponibilizá-la por meio, para eventuais leituras e estudos. Com um texto intitulado PARA ALÉM DO “SER” PASTORAL, AÇÕES AFIRMATIVAS E PROTAGONISMO DA JUVENTUDE DO MEIO POPULAR ele propõe um olhar sobre os processos formativos da Pastoral da Juventude do Meio Popular, buscando estabelecer um diálogo entre estes e a Educação Popular.

Ele faz referência aos 50 anos da obra Pedagogia do Oprimido e faz uma relação entre a obra de Paulo Freire e a PJMP, apontando elementos que remetem a esse diálogo entre a Pedagogia Freireana e a PJMP. Uma reflexão que parte a partir da consciência de classe e das práticas formativas suscitadas pelo Ilêaô. Tendo em vista a dimensão do diálogo apresentamos, relatamos alguns trechos de sua fala.

Carlos Oliveira destacou que olhando para a nossa história, é importante termos consciência de que a nossa ação pastoral é rica em experiências através das quais os diversos saberes – tal como retalhos, contraditória, porém diversa – se formam num tecido multicultural, num rico tapete de cores, de vidas que se entrelaçam constituindo aquilo que chamamos de identidade, reconhecendo que é essa diversidade, no saber e no fazer, que nos une como jovens do meio popular.

Segundo ele, foi o golpe de 1964 que destituiu a antiga Juventude Operária Católica – JOC e que foi a partir desse golpe, da necessidade de reorganização dos jovens que surge a PJMP, uma pastoral de juventude específica capaz de discutir as questões da juventude do meio

popular, tantas vezes marginalizada, silenciada e, até dizimada, tanto pela ditadura militar, quanto pela ditadura do consumo, excludente, ditadora de padrões, ditada pela cartilha neoliberal.

A conjuntura atual nos convida a pensar sobre as nossas práticas, pautas, formas de ação e as articulações necessárias para atender às demandas da juventude, que envolvida, muitas vezes pelo universo digital, se individualiza, se isola, mata e morre. Me parece que temos a missão de resgatar o lado humano, de construir redes vivas, de fazer fissuras nas barreiras digitais e pensar os anseios da juventude atual. Que as redes sociais, sejam construídas pelo afeto, pelo toque, pelo cuidado com o outro, e que o digital não assuma esse protagonismo, mas seja somente um recurso, uma ferramenta de comunicação – nada mais além disso.

Diante disso, somos instigados a pensar sobre o papel da educação popular ao longo dessa jornada e o modo como ela nos atravessa, nos envolve, nos toca. Será que as nossas práticas nos grupos de jovens ou nos organismos dos quais participamos estão contribuindo para pensarmos a nossa realidade? De que maneira podemos contribuir, por exemplo, para a melhoria da educação, visto que a “educação bancária” ofertada pela escola tem sido instrumento de exclusão e silenciamento dos jovens das classes populares? Permeando essa discussão, queremos à luz da “Pedagogia do Oprimido, após 50 anos de sua publicação, referenciar Paulo Freire e problematizar a realidade por meio dessa fala.

Urge a necessidade de assumirmos papéis, de tomarmos posições: estamos do lado do opressor ou do oprimido? Será que as nossas práticas, os nossos discursos, não têm replicado o poder do opressor? Para pensarmos juntos, Paulo Freire, com sua vasta obra sobre uma educação libertadora, nos aponta a necessidade de novos sujeitos capazes de intervir na sociedade e de pensá-la sobre uma outra perspectiva mais justa e igualitária.

Trazendo o conceito de educação popular para essa discussão, Danilo Streck (2010) destaca que geralmente é contada a partir da década de 1960, época em que no Brasil coincide com uma forte mobilização popular na qual se encontrava inserida a educação, em especial a alfabetização de adultos. Entre as mobilizações, é importante destacar os movimentos organizados pela juventude católica, o Movimento de Educação de Base – MEB e as organizações do campo, especialmente, os sindicatos dos trabalhadores rurais.

Em constante diálogo com Paulo Freire, queremos lembrar duas ideias-força por ele apresentada: a primeira de que somos seres inacabados e que, em função disso, vamos nos constituindo a cada dia; a segunda é a ideia da incompletude, pois nos completamos na troca de saberes e no fazer juntos com o plural/diverso que está no/s/a/s outro/s/a/s.

Enquanto pastoral do meio popular, temos muito o que aprender com os movimentos sociais que, dentro do seu “repertório de ação” (Alonso, 2012) buscam na educação popular encontrar formas de ação à fim de desenvolver caminhos para a libertação. Em recente estudo, Tavares (2017) destaca que na contemporaneidade “a educação popular é entendida como uma pedagogia e teoria da ação social, isto é, como um conjunto de princípios políticos, epistêmicos e pedagógicos que fundamentam ações e políticas junto ao movimento popular”.

A educação popular assume um papel político no sentido de preparar os/as jovens para uma atuação mais engajada, para ser luz numa sociedade que marginaliza, oprime e exclui as camadas populares. Diante de tudo isso, me parece olhar interessante olharmos para as nossas práticas e, assim como entoamos no “Ileaô”, suscitar em nós a pergunta: “quem é a juventude do meio popular”? As nossas práticas ou processos formativos estão atendendo às demandas das camadas populares na sociedade atual? De que maneira temos contribuído ou pretendemos contribuir para o protagonismo desses/as jovens? É importante resgatar aqui os versos:

Somos filhos de trabalhadores
A nossa classe é a classe popular
Mas temos sonhos e também muitos amores
Também queremos trabalhar, participar
É a juventude do Meio Popular.

Ora, se a nossa classe é a classe popular, precisamos compreender que um dos caminhos para que possamos alcançar os nossos sonhos é, senão, pela educação. E não dá para pensar que com a “educação bancária” – ofertada pela escola – conseguiremos alcançar esse protagonismo. Na perspectiva do trabalho, será que as relações de trabalho impostas são aquelas que desejamos? Um trabalho seguindo a lógica do capital, onde o “opressor”, dono do capital, se apropria da mão de obra do “oprimido”, fazendo com que ele se torne objeto da produção, e não sujeito social.

Pensando nisso, advertimos que a

Nossa luta é pelo engajamento
No nosso bairro e também no sindicato
Nós precisamos ficar todos unidos
Pra conquistar nosso direito que é negado
É a juventude do Meio Popular.

A luta pelo engajamento e pela participação, nos sindicatos, nas associações, nos organismos estudantis, nos movimentos sociais lembrada no nosso hino e ampliada nesta fala, ganha sentido com o pensamento de Reis (2012) quando ela afirma que “a prática pedagógica

não ocorre isolada de uma prática social mais ampla” isso significa dizer que os nossos processos educativos – na luta e conquista por direitos – se dá efetivamente por meio do tripé: união-diálogo-ação. Cabe-nos ainda pensar que a luta pelo engajamento é apenas o primeiro caminho de algumas lutas que travaremos em outros campos. Logo, engajar-se é uma das dimensões do processo de construção do saber que se dá, efetivamente, na dinâmica das relações sociais.

Ainda, neste diálogo com Souza (2005) precisamos refletir sobre as nossas práticas, desenvolvendo processos formativos voltados “para a transformação social e, portanto, centrado no sujeito histórico que produz, apropria e vive a educação, localizado numa determinada situação do mundo”.

Mas que mundo queremos? Que jovens queremos para a Pastoral da Juventude do Meio Popular? Que meio popular é esse em que pretendemos atuar? Já que estamos

Pelos campos, cidades e vilas

No trabalho ou então desempregados

Nas caatingas, nas fábricas, nas filas

Com muita força e coragem de lutar (?)

Estamos, realmente, com coragem e dispostos a lutar? Como, em comunhão com o bem-viver, temos nos envolvido com a agricultura familiar, com a economia popular solidária, com a solidariedade ao outro, inclusive na educação, já que estamos falando de troca de saberes e fazeres?

À luz do sertanejo não pode perecer à energia – sinônimo da modernidade – manteremos acesa ou deixaremos a lamparina apagar? Como podemos ser luzes para o meio popular? Como desejamos gerar vidas para a esta juventude que no silêncio das redes sociais, adoece, individualiza, internaliza, “o/um/vários grito/s de esperança e de paz”?

É esse carinho pelos pobres que nos faz lembrar, companheiros/companheiras somos jovens populares, da cultura, da educação, da economia popular – solidários na ação, no pensar e repensar a história. Como nos diz Zé Vicente “é esta a nossa hora e o tempo é para nós”, assim sejamos solidários com o/a outro/a para que possamos tornar cada dia mais linda a nossa história – dentro e para além PJMP.

Para finalizar destacou que para os jovens da Pastoral de Juventude do Meio Popular, o Ileaô é muito mais que um hino, que um mantra, que uma poesia, que uma oração. Ele é um elemento simbólico. É uma lição de vida. É a reafirmação da nossa identidade, da nossa luta e do nosso jeito de ser.

Após cada um explicar o seu olhar sobre a educação popular, o diálogo com a plenária contribuiu para ampliar esses saberes e fazeres. Segundo os participantes da plenária: (por ordem de falas)

1^a/º. A educação popular é a maior faculdade. Foi através da educação popular que eu cheguei à faculdade. Variação da vivência e da experiência.

2^a/º. É a maior escola, onde a gente aprende a atuar, a participar politicamente.

3^a/º. A história popular é importante e nos enriquece enquanto sujeitos, se despojar da gente para deixar a comunidade caminhar/caminhar junto.

4^a/º. O que o povo faz, a escola e a faculdade às vezes desconstrói. Quando você vai para outros espaços às vezes é criticado pela sua cultura.

5^a/º. Cada um já trás o seu conhecimento prévio. Tenta levar isso para a educação tradicional. Trazer um pouco de cada um.

6^a/º. A valorização e a busca da realidade local. Relação de cima para baixo. Uma tentativa de apagar a memória local. Apreciação do senso comum. Dificuldade de formação das pessoas que fazem educação popular. Projeto para que não haja matérias de pensamento. (Filho de Professora/ Estudante de Direito)

7^a/º. Conheceu a educação popular nas ocupações. Organizar os estudantes, formar lideranças capazes de fazer uma crítica da realidade. Pensar maneira de como quebrar barreiras, pois se deixar para o governo e a elite decidirem continuaremos aliados. (Mov. Estudantil)

8^a/º. Temos o papel, enquanto professores, para trabalhar a educação popular.

9^a/º. Relata uma experiência de pré-vestibular popular em Fortaleza, uma experiência de construção em conjunto.

Na construção desse diálogo não houveram considerações finais. Os diálogos suscitam em olhares para algumas questões como: a importância da dimensão da escuta, do se colocar no lugar do outro; a dificuldade e ousadia necessária para trabalhar a educação popular na educação formal; a educação popular nos constitui como sujeitos sociais e reforça a nossa classe, por isso é necessário trabalhá-la.

Foi apontado, também, a necessidade de continuação da formação de lideranças na PJMP; de se organizar e atuar enquanto classe estudantil; de usar os meios de comunicação como ferramentas, como espaço para chegar até os/as jovens.

Reconhecemos que o jovem precisa de oportunidade: formação popular, cursos, escolinha para a juventude. Cada um de nós pode ser semente no nosso bairro (valorização da região) e apoiar novas alternativas, como por exemplo os movimentos sociais.

Entre as questões que surgiram a partir dos saberes e fazeres, foi proposto a criação de GT's de educação e comunicação popular, capaz de desenvolver ações e ocupar os espaços sociais. É preciso conhecer para atuar junto e, neste sentido, trazer um hino da PJMP para os nossos encontros é uma forma de discutir sobre direitos e sobre a consciência de classe.

Ao final, os Carlos Marcelo e Oliveira agradeceram a todas e todos pela presença e foram sorteados, por iniciativa de Carlos Oliveira, dois livros sobre educação popular e uma camisa da Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel.

II. Fé e política.

Mediada por Débora Almeida – (CNPJMP – BA) e contando com a participação do Frei José Fernandes e de Edvaldo Jericó aconteceu neste 11 de julho, no horário da tarde, a plenária discutindo esta temática. (Porém, até a data de encerramento deste não recebemos relatos sobre a mesma).

III. Tradições de homens só não valem mais a pena. Nós cremos sim em Débora, em Sara e Ester.

Com a mediação de Elias Neto (BA) e participação de Ana Rita (GO) foi realizada a plenária sobre esta temática. De acordo com o relato apresentado pelo mediador, os presentes resolveram que seria mais interessante que, ao invés de uma plenária, fosse feito uma roda de conversa.

A facilitadora adorou a ideia e assim foi feito esse ajuste. Deu-se início aos trabalhos com uma atividade de grupo, dividiu em dois grupos, um iria refletir como a mulher é colocada em sociedade e o outro de qual forma o homem é apresentado na sociedade e posteriormente os dois grupos iriam refletir como os Homossexuais são tratados em sociedade.

O primeiro grupo abordou que a mulher é tida como sexo frágil, segundo sexo, submissa ao homem, objeto sexual com mais ênfase na mulher negra. Já o segundo grupo destacou a figura do homem como o machão, a autoridade máxima, o garanhão, o cheio de direitos.

No terceiro ponto os grupos trouxeram os homossexuais como seres marginalizados socialmente, primeiro pela família e posterior pela sociedade, limitados a viverem oprimidos e escondendo seu jeito de ser, além de serem violentados o tempo inteiro.

Após essa dinâmica de grupo e socialização, foi aberto o debate sobre o tema gerador da plenária. Muitas foram as reflexões e discussões. Foi tratado sobre o machismo exacerbado existente na sociedade que oprime todas as pessoas que não são do sexo masculino e héteros. Debatemos, ainda, sobre o papel da mulher na sociedade, suas lutas e conquistas, porém ainda é perceptível a exclusão e injustiça de direitos entre homens e mulheres. Falou-se sobre a igreja puramente machista e patriarcal.

Discutimos sobre as diversidades e percebemos que vivemos em mundo de brutal violência e desigualdade. Os homens héteros tem todos os direitos e as mulheres e homossexuais são privados de gozar tais direitos.

Trouxemos a luz algumas mulheres que lutaram e lutam por dignidade e igualdade de direitos, a exemplo Maria da Penha, Conceição Evaristo, Serafina Machado, Dandara, E as mulheres da bíblia que mesmo naquele sistema opressor, buscavam força e desejavam transformar aquela realidade.

Enfim a plenária foi bem discutida, alguns homens presentes colocaram que iriam sair daquele espaço com alguns pensamentos diferentes, conseguindo refletir sobre seus preconceitos internos. Já as mulheres e homossexuais presentes só reforçaram que esses espaços de discussão colaboram para o fortalecimento do empoderamento e luta constante por direitos iguais entre os seres humanos. Para terminar foi lido o poema:

Sou Puta Brasileira

Helena Ferreira

“Sou puta
Quando uso a boca vermelha
Meu salto agulha
E meu vestido preto.
Sou puta
Mordo no final do beijo
Não fico reprimindo desejo
E nem me escondo na aparência de menina.
Sou uma puta de primeira
Acordo às 6:30
Pego ônibus debaixo de chuva
Não dependo de salário de macho
E compro a pílula no final do mês.
Sou uma puta com P maiúsculo

Dispensando o compromisso
Opto pela independência
Não morro de amor
Acordo sozinha
Cresço sozinha
Vivo na minha
Bebo em um bar de esquina
Vomito no chão da cozinha.
Sou uma putinha
Passo a noite em seus braços
Mas não me prendo no laço
Que você quer me prender.
Sou puta
Você tem o meu corpo
Porque eu quis te dar
E quando essa noite acabar
Eu não vou te pertencer
E se de mim você falar
Eu não vou me importar
Porque um homem que não me faz gozar
Nunca terá meu endereço.
E não é gozo de buceta
É gozo de alma
É gozo de vida
É me fazer sentir amada
Valorizada
E merecida
E se de puta você me chamar
Eu vou agradecer.
Porque a puta aqui foi criada
Por uma puta brasileira
Que ralava pra sustentar os filhos
E sofria de racismo na feira
Foi espancada e desmerecida
E mesmo sofrida
Sorria o dia inteiro
Uma puta mulher ela foi
E puta também eu quero ser.
Porque ser mulher independente
Resolvida
Segura
Divertida
Colorida
E verdadeira
Assusta os homens
E os machos
Faz acontecer um alvoroço.
Onde já se viu mulher com voz?
Tem que ser prendada e educada
E se por acaso for “amada”

Tem direito de ser morta pelo parceiro
Cachorra adestrada pelo povo brasileiro
Sai pelada na revista
Excita
Dança
Bate uma
Cai de boca
Mama ele e os amigos
E depois vai ser encontrada num bueiro
Num beco
Estuprada
Porque tava de batom vermelho
Tava pedindo
Foi merecido
E se foi crime “passional”
Pobre do rapaz
Apaixonado estragou a própria vida.
Por isso que eu sou puta
Porque sou forte
Sou guerreira
Não sou reprimida
Nem calada
Sou feminista
Sou revoltada
Indignada
E sou rotulada assim
Como PUTA!
Então que eu seja puta
E não menos do que isso.”

11/07/2018: OFICINAS.

Neste segundo dia de congresso, mais uma vez, à tarde, em horário paralelo às plenárias específicas foram realizadas em diversos espaços da Paróquia Nossa Senhora da Terra as 10 (dez) oficinas, conforme já destacamos nesse relatório: **Bio cosméticos, Comunicação e Mídias Sociais, Circo, Danças Circulares, Dança popular urbana e cultura, Filtro dos sonhos, Leitura Orante, Música, Religiosidade Popular e Teatro do Oprimido.** (Ver. Pg.8)

De forma geral, as oficinas iniciaram com a apresentação de cada participante, seguindo-se da apresentação da/o/as/osicineira/o/as/os que por oportuno, iniciava o diálogo sobre a temática e a metodologia sugerida para a oficina. A partir de então, realizavam-se exercícios/dinâmicas de acordo com cada temática e a divisão de grupos ou equipes de trabalho.

A realização de oficinas, nos faz rememorar Paulo Freire quando este dizia que *“ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”* São, portanto, espaços formativos, onde de forma criativa a

troca de saberes acontece. Partindo de uma metodologia dinâmica, democrática e participativa as oficinas foram desenvolvidas em um ambiente de interação entre os sujeitos, seja por meio da criação, da experimentação, do movimento, dos copos em movimento, da arte e da cultura de modo geral.

Assim, fundamentadas pelo diálogo, foram espaços onde a troca de saberes e fazeres possibilitou com que as/os participantes do congresso se envolvessem na sua temática, abrindo a possibilidade da/o outro pensar e reconhecer-se enquanto sujeito a partir do seu espaço concreto e real, da sua vivência social e cultural.

11/07/2018: SARAU CULTURAL.

Nesta terceira noite de congresso foi realizada mais uma noite cultural. Um momento de encontro, onde as delegações da Bahia e de Alagoas, puderam compartilhar um pouco das peculiaridades do seu estado.

Entre ritmos, canto, dança e poesia a juventude se expressou, cantou e dançou. Ao final, a equipe de coordenação apresentou, ainda, alguns informes com a programação do dia seguinte.

@ CONEXÃO PJMP 40 ANOS

Caríssimos jovens da Pastoral da Juventude, da PJMP. Com muita alegria posso estar através da mídia mantendo contato com vocês já que eu não pude estar nesse Congresso realizado na cidade de Goiânia. Nesse ano tão importante do sínodo da Juventude, nesse ano tão importante de rever as nossas raízes, celebrar os 40 anos de caminhada, gostaria de manifestar a minha comunhão, a comunhão da CNBB, dos bispos da CNBB. Expressar a nossa alegria com todos esses jovens aí presentes, neste momento difícil no nosso Brasil e na certeza de que não faltarão oportunidades para que através da meditação, da formação reafirmarmos a nossa vocação de uma Pastoral da Juventude do Meio Popular a serviço da vida a serviço da justiça e da democracia. Conte com nosso apoio à distância, com as nossas orações e com as nossas bênçãos, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Dom Nelson (Bispo CEPJ)

Queria deixar um grande abraço para todos e todas que estão participando do nosso V Congresso Nacional da Pastoral da Juventude do Meio Popular em terras de Goiás, estado de luta que está reunindo jovens de todo Brasil. Que possamos nesse congresso renovar nossas energias para continuar na luta, na luta pela liberdade, na luta pelo protagonismo da Juventude e na luta por um mundo, por um país melhor, a partir da nossa localidade. Por isso aqui de Manaus eu queria desejar todas as energias positivas pra nossa turma boa que está aí no nosso quinto Congresso Nacional da Pastoral da Juventude Popular. Muito axé e daqui do Amazonas nós mandamos todas as energias positivas e os ventos do Norte para que possa ser realizado o congresso belíssimo, para que possa gerar muitas vidas muitos frutos e muito amor. Viva a juventude do Meio Popular. Viva a PJMP.

Eric Moura (Ex – Equipe Nacional de Serviços PJMP)

(12/07/2018) TERCEIRO DIA DO CONGRESSO: DIVERSIDADE, AFÉTOS E TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO.

Iniciamos o dia com a mística sobre a terra, sobre a casa comum, intercedendo a proteção de N. Senhora da Terra. Numa grande ciranda a reflexão o círculo e a sua simbologia:

Somos um círculo
dentro de um círculo,
sem um começo e sem um fim.

Somos um círculo
dentro de um círculo,
sem um começo e sem um fim

Com o círculo formado, um grande fio energizado pelas mãos da juventude presente parece ir costurando o grande círculo, tecido de sonhos, de esperança e de unidade. Somos um círculo, dentro de um círculo, sem começo e sem fim.

Enquanto se canta, os fios vão ligando cada jovem e Dandara, representando a Mãe Terra, vai conduzindo o momento. Seriam os nossos pés o mais importante membro do corpo que Deus nos fez? O pé que sustenta o corpo que dá os primeiros passos a galgar nos caminhos de luta que pisamos forte sobre a terra sedenta? O pé que nos guia e nos leva para a caminhada como os pés da Mãe Senhora da Terra que forte, singelos pés que marcham com os excluídos e excluídas da terra.

A partir dessa reflexão, Dandara motiva para que todos e todas tirem os sapatos e pôr os pés no chão, ao som da música Negra Mariama. Na sequência, a ciranda “Pé de Cerrado” e uma unção com o barro, onde todos e todas (em duplas) vão até o centro da quadra, debaixo da tenda, e com a terra vermelha (molhada), memorando o sangue dos mártires da terra, reciprocamente, fazem o sinal da cruz. (O roteiro da mística encontra-se nos anexos)

PLENÁRIA GERAL:

Diversidade e AFÉTos

Após todos e todas serem unguídos com a terra, com a terra vermelha do cerrado, deu-se início à terceira e penúltima plenária geral do V Congresso Nacional da Pastoral da juventude do Meio Popular – PJMP. Mediada por André Silva (GO), estiveram presentes na mesa Sérgio Rogério (Assessor da PJMP – AL), Nathália Mesquita (Coordenação da PJMP de Fortaleza – CE) e Ulisses Willy Rocha de Moura – (Assessor Nacional PJMP – PB).

Abrindo a mesa, **Sergio Rogério** afirma que a gente possa falar daquilo que é externo, de uma fé que venha cheia de afetos. Qual o significado da fé nos dicionários? Segundo

ele, encontrou três definições: fé como dedicação, fé como afeição, fé como demonstração de carinho.

A respeito da percepção de carinho entre os jovens da PJMP, ele destaca que a gente percebe que o carinho entre jovens da PJMP é diferente. Mas essa dimensão do carinho e do afeto a gente começa a perceber ao longo do tempo. Os primeiros abraços são distantes, mas no decorrer da caminhada o carinho é mais forte e o afeto é bem maior.

A partir dessa experiência na PJMP a gente começa a encontrar os nossos companheiros na rua que não são da pastoral e não se contenta mais em, apenas, pegar na mão e sim abraçar, beijar no rosto e etc. Nem todo mundo tem a sorte de ser PJMP.

Ele lembra que no congresso dos 20 anos da PJMP – em João Pessoa – PB tinha cinco eixos temáticos, um dos temas era justamente sobre afetividade e sexualidade. Na PJMP a gente discute o que a gente sabe e aponta que a Escola sem partido vem para barrar as discussões sobre sexualidade nas escolas. A escola é um bom lugar, mas também é um mau lugar.

Também na sua fala ele trouxe o poema “De toda cor. A leitura foi realizada por Wellington Neto (SE) Secretário Nacional da PJMP, conforme transcrição abaixo:

De Toda Cor

Renato Luciano

Passarinho de toda cor
Gente de toda cor
Amarelo, rosa e azul
Me aceita com eu sou (Bis)

Eu sou amarelo claro
Sou meio errado
Pra lidar com amor
No mundo tem tantas cores
São tantos sabores
Me aceita como eu sou

Passarinho de toda cor
Gente de toda cor
Amarelo, rosa e azul
Me aceita com eu sou

Eu sou ciumento, quente, friorento
Mudo de opinião
Você é a rosa certa
Bonita e esperta
Segura na minha mão

Passarinho de toda cor
Gente de toda cor
Amarelo, rosa e azul
Me aceita com eu sou.

Apontou, ainda, que o silêncio às vezes massacra mais do que a fala. A gente percebe o afastamento dos meninos e das meninas dos grupos de bases e não procura saber o porquê. Em nossas relações sociais, muitas vezes acabamos oprimindo e castrando as pessoas, deixando de conversar sobre sexualidade, especialmente com as/os jovens. Enfático em sua fala, ele sobressalta que a gente precisa conversar sobre sexualidade para que os jovens não sejam silenciados e massacrados.

O silenciamento pode acontecer por vários motivos e a gente pode contribuir para este silenciamento. Ao final, aponta que devemos falar sobre essa temática em cada congresso, sempre com um olhar para a nossa construção interna, para as relações que construímos enquanto Pastoral da Juventude do Meio Popular. Esse é um espaço nosso, é no nosso ambiente de discussão que travamos diversas lutas. Pedimos que o V Congresso Nacional da PJMP seja um novo Pentecostes: com afetos, com mais amor ao próximo.

Tomando a palavra, **Nathália Mesquita** fala da sua atuação na coordenação da PJMP de Fortaleza e destaca que participa da AJURE. Ela afirma traz em sua fala a memória Deusa Asherah (esposa de Deus, que ficou fora da Bíblia) e destaca que não ou pouco fazemos referência (memória) a ela. A deusa que vemos é de Maria, mas essa Maria está sempre vestida, não mostra nada do seu corpo.

Frei Beto mostrou a imagem de Maria, mostrou como o afeto está ligado a corporeidade. Vemos que a sensualidade da mulher tenta ser apagada de diversas formas, essa violência no jeito de vestir também acontece, como nós mulheres somos impedidas de nos mostrarmos, sofremos essa violência constantemente. Para essa reflexão, ela trouxe o fato de uma imagem de Nossa Senhora vestida de calça, divulgada nas redes sociais, chamando a atenção para a repercussão que esse fato trouxe. É como se o corpo não fosse algo, também, sagrado.

Assim como esse fato, é importante destacar como a violência acontece dentro de casa. É preciso que nós tenhamos essa fé na deusa, o afeto parte de dentro de si e a partir disso você se reconhece como pessoa e começa a amar o outro.

A palavra-chave desse congresso está sendo o AMOR, isso é uma relação de afetividade. O amor que está em mim e passado para todos, então, mulheres, que tenhamos essa fé do amor, que possamos lembrar de sermos deusas, tratadas como deusas.

Que nós aqui possamos no reconhecemos com essa Senhora linda que é Nossa Senhora da Terra, uma senhora que é diferente das nossas senhoras que conhecemos. Ela fez ainda, a leitura do poema que se segue:

Black Friday

Cristiane Sobral

Alguns homens sonham com meu corpo
Entre os seus lençóis
Eles desejam desesperadamente
Consumir meu sexo
Mas não suportariam meu banzo
Meu clamor
Não aguentariam vestir a minha pele negra
Nem por um segundo

Eles poderiam tomar posse de tudo que sou
E até germinar ali os seus filhos
Mas sairiam sem olhar pra trás

Esses homens devorariam o meu corpo
Com ardor
Como lobos sugariam o meu interior
Até secar meu ventre...
Impunes, voltariam para os seus lares brancos
Sem o meu menor pudor

Tenho medo desses homens
Que rezam para o criador
Que juram um falso amor
Eu tenho medo desses homens

Não aceito os seus sorrisos
Nem me iludo com as suas promessas
Não sou produto com desconto
Esqueçam as ofertas

Black Friday
Meu corpo nunca estará em liquidação!
Para vocês jamais venderei barato
O que sempre custará o dobro.

Ao final de sua fala ela trouxe os seguintes versos da canção: “companheira me ajude, eu não posso andar só, eu sozinha ando bem, mas com você ando melhor”.

Último da mesa a se apresentar, **Ulisses Willy** faz uma breve dinâmica, vamos pintar esse painel através de Ruah (Em hebraico: feminino), então vamos pensar nesse espírito de vento como a presença feminina de Ruah. No livro da Sabedoria, capítulo 8, essa mulher percorre pelos caminhos da vida.

Eu gostaria de começar essa fala com a imagem da divina Ruah que acolhe a todos e a todas, do colo de mãe, de mulher que quer que todos sejam confortados. Trazendo os versos de Padre Zezinho ele destaca: “um jovem custa muito pouco, um pouco de muito amor...”

Ulisses fala, ainda, da necessidade de fazer gerar vínculos e alude ao desejo do Papa Francisco de querer uma Igreja em saída, uma igreja que acolha a todos e a todas. E acrescenta que a PJMP é como um mosaico que – em vários tamanhos – contribui para a formação e para a tomada de tomar consciência. A consciência do ser/estar no mundo.

Em uma sociedade marcada pela violência é importante que reconheçamos as nossas formas diferentes de ser, e a Igreja precisa enxergar isso. A partir desse olhar e dessa perspectiva vemos como somos e como a presença desse espírito de unidade nos faz encontrar o outro na sua verdadeira beleza.

Esse é um caminho que demanda tempo, mas que pode ser construído à partir das nossas relações. Neste sentido, Ulisses apresentou alguns livros que fala sobre a diversidade na Igreja e aponta que “esses são alguns livros, tem muito mais de alguns irmãos luteranos, anglicanos e batista do Nordeste que escrevem sobre essa temática. ”

Por fim, ele afirmou: eu gostaria de trazer para esse momento um pensamento de santo Agostinho “ ame e faça o que quiser”. Se de fato posso afirmar que me faz bem e que é bom, para viver bem a vida, o amor. “O amor de todo mundo para mudar o mundo, para mudar o mundo o amor de todo mundo”.

Encerra a mesa com o seguinte poema:

A doença vem de cima!

Que país é esse?
A cada dia morremos um pouquinho!
Desmandos sociais, retrocessos a todo instante.
Os nossos direitos são usurpados, destruição!
Roubos, roubos, e até nossa liberdade está sendo roubada.

Que país é esse?
De onde imaginaríamos ser defendidos e protegidos...
Somo acusados, diagnosticados.
A doença que é roubar, ninguém quer tratar.
Já ser gay em doença se transforma.

E o pior que podia acontecer que um senhor JUIZ,
A lei da cura gay consolidou!
E a nossa liberdade?
O vento levou!

Que país é esse?
É golpe, atrás de golpes.
O pobre luta por direitos conquistados a duras penas!
Porem a cada nova lei criada, sua boca é silenciada!
E a nossa face?
Surrada, surrada e surrada!

Que país é esse?
As pessoas estão em luto eterno,
Em repudio a esse sistema opressor!
O negro, o pobre, a mulher, o homossexual,
gemem como em dores de parto!
Dores que não passam...
Aumentam! Aumentam! Aumentam.

Que país é esse?
Local de devaneios!
Local de injustiças!
Local de usurpação!
Local de preconceitos!
Local de morte!
Morremos um pouquinho a cada instante!
Um pedaço de nós é retirado cotidianamente!
Mas o pobre e usurpado
Levanta a cabeça,
e da dor,
Reinventar-se!
Ama!
Luta!
Vive!
Avante Sempre.

(SANTOS NETO, Elias, Cansação, setembro, 2017)

ESPAÇO ABERTO: DIÁLOGO COM A PLENÁRIA.

Encerrando o primeiro momento desta I Plenária Geral do dia, onde cada participante da mesa teve até 30 minutos para expor o seu pensamento sobre o tema, seguiu-se com o **espaço aberto para diálogo com a plenária**. Destacamos, portanto, que as falas foram organizadas de acordo com a ordem de apresentação de cada congressista:

1^aº. Essa mesa é fruto do quarto congresso da PJMP que aconteceu em Recife, pois a juventude LGBT escreve para a PJMP pedindo um espaço para se colocarem. Parabéns a mesa por colocar tão bem essa temática. A gente sabe que se aprende a ser homem e a ser mulher, é uma construção social. Como a gente pode estar fazendo esse trabalho para ter a juventude com afetos? A dimensão do aprender e do protagonismo com afeto? De vez em quando vem à mente a música “ Com açúcar e com afeto” de Chico Buarque de Holanda.

Como a gente pode fazer os nossos jovens terem afetos?

2^aº. Cê quer saber então, vou te falar porque as pessoas sadias adoecem, Bem alimentadas, ou não. Porque parecem que tudo está guardado na mente. O que você quer mesmo sempre condiz, com o que o outro sente.

Eu tô falando é de atenção que dá colo ao coração e faz marmanjo chorar

Se faltar um simples sorriso, às vezes, um olhar que vem da pessoa errada não conta amizade é importante, mas o amor escancara a tampa.

E o que te faz feliz também provoca dor a cadência do surdo no coro que se forjou, e aliás, cá pra nós até o mais desandado.

Dá um tempo na função, quando percebe que é amado

E as pessoas se olham e não se falam, se esbarram na rua e se maltratam, usam a desculpa de que nem cristo agradou.

Falô! cê vai querer mesmo se comprar com o senhor?

As pessoas não são más, elas só estão perdidas.

Ainda há tempo!

Música: Ainda há tempo de crioulo.

3^aº. Minha história é parecida com a de muitos, meu pai abandonou uma mulher negra com os seus filhos, esse tema é muito oportuno.

- Afetividade/ diversidade como valor totalizante da PJMP;
- Atualizar direitos humanos como causa e missão da PJMP;
- Falar mais sobre identidade de gênero x contradição ideológica de gênero.
- Falar sobre processo transsexualizador.
- Falar sobre violência e homicídio da população LGBTs
- Como politizar a pauta da população LGBTs?
- Como colocar na rota do debate sobre diversidade e família para construir fluxos e processos emancipatórios?

4ª/º. É o movimento do desejo que vai construir nossa sexualidade, nós temos que reformular o novo modelo de família. A sexualidade reprimida e o sentimento de culpa inconsciente são fatores desencadeadores dos sintomas neuróticos, conforme nos indica Freud. Há pessoas que, devido à repressão e negação de sua sexualidade, desenvolvem transtornos como depressão, ansiedades, fobias e outras formas de adoecimento psíquico. Segundo Freud, a sexualidade humana, na sua constituição natural, é bissexual. Em um determinado momento da vida do ser humano, a energia sexual ou energia do desejo (libido) se direciona para o sexo oposto (heterossexualidade) ou para o mesmo sexo (homossexualidade). Nesta perspectiva, a homoafetividade não é doença, como erroneamente ainda pregam líderes religiosos fundamentalistas, mas sim uma orientação do desejo, o qual se direciona enquanto energia vital para o mesmo sexo.

Muitas de nossas práticas religiosas estão adoecendo os jovens homoafetivos, à medida que compactuam com a ideologia da patologização da homoafetividade. Em oposição a estas práticas desumanizadoras, faz-se necessária a aceitação incondicional do humano, de si mesmo e do outro, como ensina Carl Rogers e outros teóricos da Psicologia Humanista, bem como a vivência do AMOR INCONDICIONAL, da forma que Jesus Cristo Libertador nos ensina no seu evangelho.

O amor homoafetivo é uma das múltiplas manifestações do AMOR MAIOR, o qual cria e recria o universo. É indispensável, portanto, que nos grupos de base e nos encontros da PJMP se discutam sobre temas ligados às relações amorosas homoafetivas, aos novos modelos de família, incluindo as famílias com casais de mesmo sexo, bem como adoção de crianças por casais homoafetivos.

5ª/º. A pastoral é uma escola, um espaço de reflexão, conversa e debate. Nós precisamos discutir cada vez mais a identidade de gênero nas nossas bases e grupos. Precisamos quebrar muitos tabus nas nossas palavras de que morreu uma pessoa, mataram um jovem, pois devemos dizer sempre um irmão nosso morreu, por que as nossas falas também contribuem com a violência.

Após algumas potentes falas, **Nathalia** destaca: percebo no meu grupo de base que o trabalho como o afeto contribui para fortalecer o vínculo na base, através do conhecimento da realidade e da história de vida de cada jovem. Conhecer sua realidade é um caminho para fortalecer os vínculos de amizade. A resposta está na base. Em relação a fala do Chiquinho,

meus pais são casados na Igreja é muito difícil, pois temos que pagar um valor muito alto para isso, fora todo o processo de escrita.

De acordo com **Sérgio** precisamos puxar essa discussão nos grupos de base, pois a maioria dos líderes comunitários são homossexuais. A PJMP chega aos 40 anos por essa resistência, por não nos acomodarmos e aceitamos o outro como é. Na PJMP a gente ainda encontra resistência, olhares diferentes de pessoas no nosso meio, muitas coisas do que está escrito não é efetivado na prática. Além disso, nós temos muitas coisas falando sobre a diversidade no site da PJMP e a nossa diferença é, também, porque a gente acolhe com um sorriso no rosto e com muito carinho e afeto.

Concluindo, **Ulisses** sugere que conversar e conversar muito mais sobre essa temática e aponta que para o início do ano que vem sairá subsídio pós-congresso. Em relação ao questionamento do companheiro Chiquinho, entendo o que você fala, mas ainda estamos no primeiro passo.

6ªº. O primeiro afeto eu aprendi na PJMP, foi na PJMP que fui acolhida, que me vejo e me sinto importante, e o que aprendi na PJMP retribui para minha família, agora é o momento de agradecer pela chuva, mas não podemos deixar de agradecer a Lula pelas melhorias feitas para melhorar a vida dos sertanejos.

7ªº. Quando a gente faz moção de ser uma pastoral do meio popular temos questões urgentes, mas têm pautas, pontos que ainda temos receio em trabalhar, a gente fica preocupado como esse modelo de sociedade em todas as dimensões enxerga isso. Não podemos deixar de trazer como a nossa afetividade e sexualidade de nós mulheres são massacradas e por sexualizar a mulher. O que a gente pode apontar de desafio para os nossos estados?

8ªº. Vem me fala tu de amizade... a afetividade que vocês falaram é necessário trabalhar, principalmente as questões de gênero na PJMP, desde os 40 anos a gente sabe que a afetividade gera emoção do amor, o nosso corpo fala. A afetividade nos convoca, esse apego, esse amor, nos faz sermos diferentes e nos convida a sermos gente enraizada na vida do povo nesses quarenta anos.

9ªº. A mãe de Nathalia foi uma guerreira, a minha sobrinha, queria falar para as mulheres aqui presente, não se calem, não se calem, pois somente nós iremos sofrer com isso, diante do que aconteceu na minha família, eu fiz um juramento para mim mesma: “enquanto eu

viver vou lutar para que na minha família e nem na minha sociedade uma mulher será violentada”

10^aº. Nossa atuação contra a homofobia, lesbofobia e machismo não pode ser tímida, não podemos comungar com isso. Homens da PJMP sejam diferentes, sejam construtores e sejam verdadeiramente companheiros e sejam melhores. Parem de protegerem machos escrotos e vamos juntos construir uma sociedade com mais equidade de gênero.

11^aº. Fala da questão dos relacionamentos a partir das mídias digitais. Tornar essa temática um objeto nas paróquias e nos grupos de jovens. Conclui com uma poesia que destaca os termos preconceituosos utilizados pelo senso comum.

12^aº. Na véspera de começar o congresso me pediram uma contribuição e eu neguei, mas diante de tudo que vi aqui me senti à vontade de contribuir, trago aqui o depoimento de Fabrício Rosa um companheiro que luta contra o tráfico humano. Um dia pedi para ele trazer a esposa e ele me disse que não tinha esposa e sim um companheiro. A partir dessa fala, foi feita a leitura de **“um relato de vida para ter orgulho de quem somos”**, disponível para leitura no Anexo I deste relatório.

13^aº. Parece muito importante notar nos evangelhos que toda prática e o ensinamento de Jesus passam por uma referência constante ao corpo. Dois aspectos chamam a atenção neste sentido. O primeiro é que no corpo se espalham todas as dificuldades e, conseqüentemente, as denúncias que se podem fazer através dos critérios do Reino de Deus. Na fome, na cegueira, na surdez, na lepra, na loucura, na deficiência do coxo e da mão seca e na figura do pobre.

O corpo se torna lugar de uma grande parábola em que a vida é reprimida e pede libertação. O segundo aspecto é que o corpo expressa também o grande anúncio do Reinado de Deus que chegou. O corpo se faz lugar da partilha. As chagas de Jesus mostram o amor radical com que nos amou.

Aliança nova em que ele reparte conosco sua vida. (Lc 7, 18-23; Mt 25, 35) O Reinado de Deus nas parábolas de é comparado a festa, banquete, satisfação de comer e beber.

- Concílio vaticano II- Gs 14, 51.

O corpo não pode se tornar instrumento de produção e consumo, objeto de negociação, mas lugar de relações humanas interpessoais e expressão do próprio ser humano

- Exortação

Alegria do amor a Família.

Conselho Pontifício para Família- Sex. Humana, verdades e significado/1995.

- ⇒ Verdade e significado do sexo
- ⇒ Chamado ao verdadeiro amor
- ⇒ Domínio de si, castidade como dom de si, vocação ao celibato.
- ⇒ Construção de um projeto de vida com equilíbrio de juízo.

14^aº. Violência com o outro oprime. Incomoda ao se falar de temas que são contrários ao modelo branco, patriarcal e burguês.

Quando se faz a opção de ser do meio popular, uma opção de classe, não podemos fechar os olhos para realidade dessa juventude. Silenciar é ser cúmplice.

A sexualidade feminina é transformada e negada. A todo instante querem nos objetivar.

O que podemos aproveitar desse tema para nossa caminhada?

15^aº. Chama a atenção para os preconceitos enraizados no senso comum. Citando uma letra do funk “Só as cachorras, as preparadas, as popozudas/ pula sai do chão, vem pra cá que eu sou tigrão” procuro atentar para o zoomorfismo que está presente em vários estilos musicais. Essas ideias ecoam através das mídias sociais e são replicadas através de aplicativos que, hoje, vão além da animalização da pessoa humana. As relações são objetizadas, coisificadas por seres muitas vezes descartáveis que em nome das relações digitais esquecem, sequer, de conhecer o/a outra na sua essência.

A sensação que temos é que estamos em uma vitrine do/s corpo/s, do/s nude/s trocados e depois descartados, visto que a memória digital é curta. Como a mesa vê a afetividade a partir dessas relações digitais? Como, considerando a PJMP um pastoral do Meio Popular, pode fazer diferente do que está posto?

Devido à participação intensa da plenária, com depoimentos, reflexões e questionamentos, o horário planejado para a mesa estava bastante avançado. Sendo assim, as considerações dos membros da mesa foram breves, conforme destacaremos. **Ulisses** declarou que ficou muito satisfeito e alegre com a fala de todos/as. “Agradeço pela contribuição”. Para **Nathalia** é muito importante reafirmar que um homem não fala por mulher, somente a mulher pode falar por ela. Muito importante demonstrar afeto. E **Sérgio**, concluiu, agradeço a CN e CNA pelo convite, a gente traz as experiências que temos sobre essa temática. A nossa identidade sexual é definida a partir do outro.

PLENÁRIA GERAL:

Se calarem a voz dos profetas as pedras falaram- 50 anos de Medellín e a Igreja na América Latina.

Com a mediação de Aurislane (CNPJMP – CE) iniciamos a segunda plenária geral deste 12 de julho de 2018. Numa tarde calorosa, foram chamados para compor a mesa o Frei Marcos, Murian (CEBI – GO) e o Padre Antonio Gomes.

Logo no início da sua fala, o **Frei Marcos** afirma que Igreja forte é uma Igreja pobre. A Igreja é o povo de Deus, porque Jesus nasceu em uma manjedoura sem nenhum privilégio. Para ele, a Comunidade de Base é célula inicial para Igreja, é a célula inicial para a celeridade e a busca da Teologia da Libertação. Toda teologia precisa da libertação se não for para a libertação não tem teologia.

Em sua fala, ele faz referência ao documento de Aparecida, onde destaca que é um registro importante da Igreja. Em seguida acentua que a igualdade é fundamental entre todos os seres humanos, entre homens e mulheres.

Para o Frei Marcos, a partir do Vaticano II torna-se emergencial desenvolver a consciência que a Igreja é povo de Deus, pois sugere uma ação (carisma e ministério) junto com comunidade. A Igreja deve a todo momento estudar as santas Missões e ter opção pelos oprimidos, pois esse é o caminho de Jesus.

Cremos que por meio do evangelho Deus faz aliança com os pequeninos, alimentando a esperança de transformação do mundo. Essa aliança com o povo explicita uma verdade, a necessidade daqueles e daquelas que se sente pobres que se envolvam, que se doem a uma causa social permanente e comprometida com os movimentos sociais.

Por fim, destaca que o projeto de Jesus de Nazaré convida a todos os cristãos a aprofundarem esse encontro com as causas sociais. Assim, conclui, a Igreja povo de Deus está viva aqui na paróquia de Nossa Senhora da Terra em Goiânia – Brasil.

Dando continuidade à mesa, **Murian** destacou que depois de Medellín vemos uma Igreja com o rosto latino-americano, com uma fundamentação teológica baseada no método: ver, julgar, agir e celebrar.

Assim, iluminado pelo Vaticano II, Medellín que em agosto fará 50 anos, se volta para o jeito latino-americano ao ver que a América Latina passava pelo processo muito grande de pobreza. Esse olhar para a realidade da América Latina faz com que a Igreja reflita e entenda qual o seu papel: opção preferencial pelos pobres.

A ação é a ousadia do espírito, por isso é preciso agir. Nessa perspectiva de ver e julgar, Medelín traz uma orientação que foi a criação das pastorais de base. Entretanto, antes das pastorais de base veio a pastoral popular.

Ela destaca, ainda, que depois de Medelín a Igreja volta a se encontrar em Puebla, de onde vai surgir um novo documento. Porém, referindo-se a Medelín ela sublinha que foi lá que a juventude passou a ser vista como corpo social que tem seu próprio métodos. A partir de então, a Igreja reconheceu o papel da juventude na América Latina e criou uma autêntica pastoral de juventude capaz de questionar a realidade e atuar diante dela.

Medelín serviu como um momento de escuta para esses gritos dos jovens da América Latina. É preciso, portanto, ouvir esses gritos e desenvolver ações a partir deles. A PJMP age a partir disso.

Encerrando a plenária, o **Padre Antonio Gomes** destacou que o concílio Vaticano II foi o sopro para Igreja, especialmente para a Igreja da América Latina e nos convida a pensar o movimento da ação católica, de uma Igreja que quer fidelidade a Jesus Cristo.

A Igreja do povo de Deus, com as alegrias e as esperanças, as dores e as angustias dos discípulos do senhor. Em sua fala, ele lembra que o concílio Vaticano II foi uma grande reunião dos bispos mundiais que resultou em reflexões e documentos sobre o povos, a justiça e a construção da paz.

Nesses documentos a gente verá um movimento da Igreja que passa a refletir sobre a importância da educação libertadora. O documento de Medelín, por exemplo, vai trabalhar a evangelização da Igreja. Ele nos leva a pensar uma estrutura de Igreja a partir de uma visão pastoral (conjunta) integrada ao social. Uma igreja nos convida a ser agentes de transformação.

Medelín expressa o jeito de ser da América Latina. Trata-se de um documento que vai trazer uma profunda reflexão sobre a caminhada do povo brasileiro e nesse processo da caminhada, 10 anos depois vai nascer (fruto da juventude operária) a Pastoral da Juventude do Meio Popular – PJMP com o apoio e testemunho evangélico de Dom Helder Câmara em Recife-PE.

Segundo ele, Medelín orienta para a construção de uma Igreja para os pobres, para todo povo Deus. Ressalta que a vida religiosa fez um caminho, uma caminhada unida com os povos nas lutas com os pobres como testemunhos do corpo santo de Deus.

Destaca, portanto, que o quarto elemento para uma Igreja Libertadora foi uma ação uma filosofia da libertação, capaz de pensar e se colocar a serviço, uma das razões pelas quais precisamos estar nesse processo. Referindo-se a um poema (Partindo...) concluiu: “preciso

apenas um pouco para não cansar na caminhada a pé, preciso também de um bocado de esperança para seguir firme para mudança”.

ESPAÇO ABERTO: DIÁLOGO COM A PLENÁRIA.

Encerrando o primeiro momento desta II Plenária Geral do dia, onde cada participante da mesa teve até 30 minutos para expor o seu pensamento sobre o tema, seguiu-se com o **espaço aberto para diálogo com a plenária**. Destacamos, portanto, que as falas foram organizadas de acordo com a ordem de apresentação de cada congressista:

1ª/º. Fala se sobre Medellín e sobre uma igreja em saída. O nosso congresso que tem como tema o protagonismo da juventude é, também, uma celebração da nossa história, da nossa luta. A nossa pastoral está fragmentada na base, o que deu certo na década de 80 não dá mais certo nos dias atuais.

Penso que antes do congresso é necessário ouvir a base. O projeto pastoral tem que fortalecer a base. Assim, o Congresso é para nós traçarmos metas, ou a gente faz um pré-congresso para poder traçar metas e avaliar o trabalho da base.

2ª/º. Cansada de ler jornal, neles a juventude está sempre inquieta, mas é preciso quebrar esses paradigmas.

3ª/º. A Igreja precisa mais do que ocupar espaço, precisa gerar processos para que essa Igreja em saída aconteça, atendendo aos apelos do evangelho. Nossa igreja libertadora e profética ainda está muito viva. Está muitas vezes como brasas que quando são “assopradas” logo se avivam.

O Papa Francisco está chamando a gerar processos. Precisamos animar nossos jovens que desejam ir para os seminários ou casas religiosas. Nossas paróquias tem a cara do padre, nossas dioceses tem a cara do bispo. Precisamos fortalecer lideranças laicais e lideranças de ministros ordenados comprometidos com a Igreja em saída, como Papa Francisco quer e sonha.

4ª/º. A gente fica muito feliz com uma palestra dessa, ficamos emocionados, uma provocação que fica em nós como é: diante das tecnologias como a gente lida com tudo isso?

5ª/º. A Igreja é conservadora e a sociedade é injusta. Antigamente era muito fácil apontar os problemas quando existia uma pirâmide, mas hoje não é fácil apontar a origem de um

determinado problema. Nós temos uma pastoral composta por uma maioria de pedagogos, **a PJMP poderia criar um canal no youtube para orientar a base sobre sua estrutura.**

6º. Eu não tenho compromisso com a miséria, eu tenho compromisso com a vida digna. Temos que parar com essa história de que temos compromisso com a miséria, temos que ter compromisso com a igualdade. Na PJMP, em Puebla e em Medellín o compromisso com uma Igreja libertadora tem que está presente na mente dos jovens.

7º. Quem aqui já leu o documento de Medellín? O documento de Aparecida? É muito importante as nossas bases lerem os documentos de Medellín, Puebla e Aparecida, pois é importante a gente avaliar isso, visitar as comunidades rurais, visitar as nossas bases. Se a gente não estuda esses documentos e não avalia nossa ação pastoral, a gente não caminha para frente, a nossa ação vai se perdendo. Conhecer de verdade o trabalho pastoral e saber trabalhar com outros movimentos e outras realidades.

8º. O documento de Medellín é poético, ele deixa a Igreja se encontrar e ter os pés no chão, nos mostra que caminhos devemos seguir. Viemos aqui não somente para fazer festa de 40 anos, mas para sairmos diferentes, você sai com uma bagagem enorme de conhecimento, estamos aqui para construir juntos. Eu vou sair daqui mais forte, vou sair mais consciente da minha função no meu grupo de base, temos que construir juntos, estamos falando de 50 anos e hoje estamos construindo um documento de Goiânia, vamos assumir hoje o nosso compromisso, nós precisamos construir o nosso documento.

9º. O Congresso é um momento celebrativo, festivo e de formação. A instancia que delibera e aponta os passos futuros é a Assembleia Nacional, pois ela é o espaço de deliberação e planejamento da PJMP, inclusive é na Assembleia que construiremos o próximo congresso.

Há uma diferença entre congresso e assembleia. É preciso a gente compreender e entender cada espaço e a própria estrutura da PJMP. É importante, ainda, destacar a importância do debate e de ouvir as bases, o que já vem sendo feito desde o seminário de militantes que aconteceu em Parnamirim, em julho de 2017.

Após as colocações da plenária, ora com questionamentos, ora com reflexões, ora com poesia foram apresentadas algumas **considerações por parte da mesa:**

O Frei Marcos destacou: Em primeiro lugar quero parabenizar a PJMP. Para mim a PJMP é uma pastoral que é o rosto de Deus. Vocês lembram que o primeiro encontro das

Comunidades de Base? Elas nascem do desejo e da necessidade do povo, por isso temos que fortalecer as Comunidades de Base.

Nesse jeito novo de ser Igreja a missa é mais para fora, para aqueles e aquelas que lutam: os movimentos populares, os sindicatos de trabalhadores, os povos negros e indígenas, que se organizam para lutar por justiça. Tem que ser Igreja para os pobres, com pobres.

Eu entrego a minha vida por essa Igreja povo de Deus. Nós temos que ser essa Igreja Libertadora e viva, comunhão expressiva de amor. Estudando e incentivando o outro a participar de uma igreja viva e libertadora que acontece por meio da comunhão com o outro. Precisamos, sempre, ser testemunhas dessa Igreja viva e Libertadora.

Vejo aqui é uma pastoral feita de muito carinho e de respeito a liberdade, conclui.

Murian afirmou: me sinto contemplada com tudo que vi e ouvi aqui e o Padre Antônio sublinhou que nos dias 16, 17 e 18 de novembro, na cidade de Palmares – PE, acontecerá a Assembleia Nacional da PJMP. Ele acrescenta: na assembleia de 2016 a gente começou a criar o plano Político Pastoral da PJMP e nessa iremos concluir. Que a arte nos aponte os caminhos da evangelização e do amor.

12/07/2018: FEIRA E SARAU CULTURAL.

A última noite do V Congresso Nacional da Pastoral da Juventude do Meio Popular – PJMP foi marcada por muita poesia, por dança e expressão popular. Os estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará trouxeram um pouco da sua cultura para animar a noite.

Foi também um momento de convidar todos aqueles e aquelas – especialmente de Goiânia – que contribuíram para a realização do Congresso: equipes de organização, de acolhimento, de recepção, de cozinha, de saúde, às religiosas e ao Frei Marcos. Foi um momento em que expressamos a nossa gratidão à Paróquia de Nossa Senhora da Terra por nos receber ao longo desses dias. Na ocasião, as equipes receberam o certificado de participação no Congresso.

Nesta ocasião foi realizada a feira solidária – onde os produtos regionais foram expostos e colocados à venda. Por fim, aconteceu um show com uma banda de Goiânia que contagiou a juventude presente com uma boa Música Popular Brasileira – MPB.

@ CONEXÃO PJMP 40 ANOS

Eu sou o professor Jason. E é com muita alegria que eu falo dos 30 anos da PJMP de Goiânia. PJMP que me ensinou muito, me ensinou a entender o evangelho na perspectiva da luta do povo. Do povo que luta pelos seus direitos e pelas suas conquistas. PJMP me ensinou através da sua espiritualidade que o evangelho tem que ser vivido para que o povo tenha uma vida nova, e que a gente possa construir uma sociedade nova. Viva a PJMP.

Prof. Jazon – (Articulador da PJMP – GO)

**Os punhos no ar, sonho novo/ Nós somos sementes do povo/ Queremos ser livres, amar! /
Trazemos no peito a esperança/ A história na mão, confiança/ Que um dia nós vamos
ganhar! (Cantado)**

Amigas e amigos da PJMP aqui é o poeta Zé Vicente, companheiro, cúmplice de vocês desde a origem. Daqui do meu sertão do Ceará eu estou com meu coração ligado a cada um e cada uma de vocês nesse Congresso dos 40 anos em Goiânia, para que seja o momento forte de reafirmação, de renovação, de reconstrução de muita coisa que nós precisamos agora retomar nesta caminhada, nestes tempos de urgência do Brasil, da Igreja, da Missão de todos nós. Vamos juntos, estou com vocês. O meu grande abraço. Cantem, contem comigo, este sonho, essa utopia invencível que abraçamos em nome de Jesus de Nazaré o nosso mestre eterno, o nosso jovem que toca fogo nas nossas inquietações, nos nossos sonhos, no nosso amor. Vamos juntos.

**A história ninguém deterá/ É rio que corre pro mar/ Ninguém vai nos calar, nos calar!
(Cantando)**

Zé Vicente (Poeta, cantor e compositor)

(13/07/2018) EM ROMARIA, RUMO A CASA DO PAI ETERNO: IDE EM PAZ E TORNAI VIVO O ANUNCIO DA PROFECIA.

Numa manhã marcada por momentos de fé e oração, após o café as caravanas seguiram de ônibus até o município de Trindade – GO, onde aconteceu a Romaria ao Santuário do Divino Pai Eterno, celebração e envio.

Ao chegar no portal da cidade todos desceram dos ônibus para seguir a pé até o Santuário. Porém, antes de iniciar a caminhada, orações e cantos de louvor foram realizados:

*Bendita e louvada seja/ Esta santa romaria/ Bendito o povo que marcha/
Bendito o povo que marcha/ tendo Cristo como guia/. Sou, sou teu Senhor/
Sou povo novo, retirante e lutador e lutador/ Deus, dos peregrinos, dos
pequeninos Jesus Cristo, Redentor. (Zé Vicente – Bendito dos Romeiros)*

Algumas pessoas conduziram esse momento orante motivado por Ulisses, e que contou com a participação de religiosos e religiosas presentes no Congresso, entre ele o Padre Toninho. Em seguida foi cantada a Ladainha dos Mártires da Terra (Alagamar), sob a convocação de que as pessoas que estavam com as 40 cruzes levantassem-nas, trazendo à memória o nome de 40 homens e mulheres que no exercício da luta tiveram as suas vidas ceifadas.

Para início da caminhada solicitou-se que todos e todas se posicionassem à frente do trio elétrico, seguindo, assim, pelas ruas de Trindade. Com oração, canto, dança e muita energia a caminhada aconteceu, sendo marcada por algumas paradas, especialmente na chegada do santuário, onde antes de subir a rampa um momento de reflexão em torno dos símbolos do congresso e um grande pau de fita que parecia trazer ao mesmo tempo a cultura popular e a diversidade.

E assim, em procissão aconteceu a entrada no santuário. Naquele momento, falando de resistência e de luta a juventude fez ecoar gritos de “Lula Livre”. A missa foi realizada pelo Frei Marcos e concelebrada por padres que participaram do congresso, com uma reflexão sobre o protagonismo juvenil e sobre a missão que cada um/a assume ao deixar Goiânia e partir para as suas comunidades.

Por fim, veio o anúncio do próximo Congresso, que celebrará os 45 anos da Pastoral da Juventude do Meio Popular – PJMP. Para o anúncio, o mural de retalhos que referenciamos neste relato, no início do dia 11/07/2018, assinado pelas/os jovens foi levado até o altar, seguindo-se de dois jovens representando os estados da Paraíba, Rio Grande do Norte, Bahia, Pernambuco e Goiânia, consecutivamente, fazendo um resgate dos congressos já realizados.

Diante dessas representações, foi anunciado que o VI Congresso Nacional da Pastoral da Juventude do Meio Popular – PJMP será no Ceará.

O anúncio foi um momento de comoção, de festa e de esperança de (re)encontros no Ceará. Em seguida foram distribuídas fitinhas coloridas em lembrança do Divino Pai Eterno e servido um almoço, organizado pelos missionários redentoristas que administram o santuário. Assim, foi o nosso congresso. Grandes partilhas do início ao final. O almoço foi um momento de partilhar experiências, de partilhar afetos e, também, de despedida.

Após o almoço as caravanas iniciam o seu caminho de retorno... E junto com elas o VI Congresso Nacional de PJMP já inicia... como nos ensina Zé Vicente: “vamos lá, vamos lá a história ninguém deterá...” Sim, nós fizemos e faremos parte dessa história.

REFERÊNCIAS/SUGESTÕES PARA ESTUDO A PARTIR DOS DIÁLOGOS TECIDOS A PARTIR DAS PLENÁRIAS GERAIS E ESPECÍFICAS.

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**. Ed. 1ª. São Paulo: Elefante, 2016. Disponível in: <https://rosaluxspba.org/wp-content/uploads/2017/06/Bemviver.pdf>

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade um Caminho de Transformação**. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

CAMINHA, Pero Vaz. **Carta al Rei de Portugal**. http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf

CARTA CAPITAL, revista. **Os petroleiros contra-atacam**. Nº 1.011, de 11 de julho de 2018, p. 22)

CHE GUEVARA, Ernesto. **De moto pela América do Sul – Diário de viagem**. 2ª Ed. São Paulo: Sá Editora, 1993.

FERREIRA, Helena. **Sou puta brasileira**. Poema. Disponível in: <http://libertamaster.com.br/2016/01/sou-puta-brasileira-por-helena-ferreira/>

GUTIERREZ, Gustavo. **Beber no próprio poço**. São Paulo: Loyola, 2000.

MEDELÍN. **Presença da Igreja na atual transformação a América Latina à luz do Concílio Vaticano II**. Documento. Disponível in: http://pjmp.org/subsidios_arquivos/cnbb/Medellin-1968-2CELAM-PORTUGUES.pdf

PAPA FRANCISCO. **Laudato Si**. Disponível in: https://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf

PLANALTO. **Lei 9.433, de 8 de janeiro de 1997**. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9433.htm

PUCTV. **Matéria sobre a abertura do 5º Congresso Nacional da PJMP**. Disponível in: <https://www.youtube.com/watch?v=rqVklgqnkIY> . Publicação: 12 de julho de 2018.

RATTS, Alex. **Celebração**. Poema. In: **Cartilha Povo Novo - Caminho e esperança**. Fortaleza, 1988.

SOBRAL, Claudiano. **40 anos de PJMP - Uma Reflexão Sobre a Caminhada**. 2018.
Disponível in: <http://www.pjmp.org/40-anos-de-pjmp-uma-reflexao-sobre-caminhada>

VILA, Martinho **Assim não Zambi**. Música. Disponível in:
<https://www.lettras.mus.br/martinho-da-vila/287302/>

ANEXOS



**“SOMOS UMA TENDA... UMA CIRANDA... UM CÍRCULO... TECIDOS
POR RELAÇÕES E EM CONSTANTE SINTONIA...”**

ANEXO I

O texto que se segue foi lido pela Ir. Guida (GO) ao longo dos diálogos e reflexões durante a Plenária Geral sobre “Diversidade e aFÉtos” realizada no dia 12 de julho de 2018.

Que as pessoas compreendam que essa data contrapõe um regime de violações e que quem não é LGBTI agradeça por não precisar de um “dia do orgulho hétero”.

Fabício Rosa

A data de 28 de junho é o dia internacional do orgulho em ser lésbica, gay, bissexual, transgênero, intersexual ou daqueles com sexualidade/identidade diferente do padrão heteronormativo. A data marca o aniversário de uma série de manifestações da comunidade LGBTI+ contra a invasão policial ao bar gay nova-iorquino Stonewall, em 28 de junho de 1969. Para marcar a data quero falar um pouco sobre como é ser um homem gay, interiorano e policial. Vamos lá.

“TIRA A MÃO DA CINTURA, MENINO! ”

Nasci em uma família pobre do interior de Goiás. Nela havia amor, mas também muita violência. As violações eram físicas – com direito a vergão, sangue e tudo –, mas também simbólicas: “para de brincar com as meninas!”, “não pode brincar de boneca!”, “engrossa essa voz, rapaz!”, “tira a mão da cintura!”. Eu era muito próximo a um primo. Certa vez, presenciei meu pai dizendo para minha mãe: “Não deixe o Fabrício andar com o fulano, porque ele é muito afeminado”.

Quando eu estava na pré-adolescência, percebi que havia algo diferente em mim: eu sentia atração pelos meus colegas. Era uma atração velada, negada e dolorida. Era algo que, de modo algum, eu desejava. Assim, passei a frequentar ainda mais a igreja para fugir daquela abominável condição. Enquanto católico, me confessava semanalmente, rezava terços e mais terços, fui muito “igrejeiro”, catequista, coordenador de grupo de jovem. Virei evangélico com a vã crença de que seria “curado”. Fiz campanhas, jejuns e orações para que “aquilo” saísse de mim.

“VOU TE PEGAR LÁ FORA, VIADINHO!”

São muitos os gays que crescem ouvindo essa frase. Poucos são aqueles cujas ameaças não se concretizam em ações. Durante o ensino fundamental, eu tinha muitos amigos, mas também alguns inimigos gratuitos.

Rapazes que nunca tinham falado comigo e que pareciam me odiar. Eu tinha cerca de 10 anos e um desses jovens mais velhos me colocou um apelido que eu não gostava: *Minigay*.

Eu sequer sabia o que era ser gay, mas já tinha certeza de que não era algo bom. Ele mesmo, um dia ao final da aula, quando esperávamos o ônibus, me deu uma surra, por motivos que eu ainda não compreendia. Cheguei em casa sujo e machucado. Essa não foi a única vez que apanhei por ser gay. Com 11 anos, eu vendia picolé. Certa vez, tive o carrinho de picolés roubado. A violência não ficou apenas no furto, mas os xingamentos todos eram homofóbicos, com tonalidades que eu não conhecia muito bem.

“VOCÊ ESCOLHE: É GAY OU É MEU FILHO.”

Eu não saí sozinho do armário. Fui violentamente empurrado dele. Aos 18 anos, ainda meio em dúvida sobre minha sexualidade, contei para um tio que eu estava gostando de um rapaz. Esse tio contou para alguns familiares. Determinado dia, cheguei em casa e vi meu pai chorando em um canto. Em outro dia, vi acontecer de novo. Achei estranho, porque até então não o tinha visto chorar. Certa noite, ao chegar de uma lanchonete, encontrei minha mãe chorando no meu quarto – que eu dividia com meu irmão. Ela disse que queria conversar comigo: “Ouvi dizer que você é gay”. Era 1998. Meu mundo caiu. Mas eu não neguei.

Em um súbito de lucidez e coragem, eu disse: “Sim, sou gay e não escolhi ser”. Foi quando ouvi uma das frases que mudaria minha vida: “Pode pegar suas coisas e sair de casa.” Mudou minha vida não porque estremeceria a relação que tenho com minha mãe, que é fantástica. Ela é, sem nenhuma dúvida, minha melhor amiga. Mas transformou tudo porque me trouxe para Goiânia e para a polícia. Hoje compreendo que meus pais, amigos e familiares estão envolvidos por um injusto sistema patriarcal, que presume que todos são heterossexuais e cria expectativas sobre corpos infantis, cobrando deles comportamentos padronizados dentro daquilo que se compreende por masculino ou feminino.

É esse sistema que expulsa adolescentes de casa, os exclui da relação com o sagrado, os violenta nas ruas, zomba de suas formas de ser. Para os LGBTs, as expressões desse sistema acabam por representar um pouco do que fomos levados a ser, mas, sobretudo,

representam aquilo que fomos impedidos de ser. Daquilo que nos foi retirado. É um sistema que precisa mudar.

“POLÍCIA É PARA OS FORTES!”

Estou na polícia há quase duas décadas. Já convivi com incontáveis atitudes preconceituosas e excludentes que, infelizmente, são naturalizadas por muitos: piadas, silenciamentos, tentativas de demonizar as relações afetivas de quem não é heterossexual, cerceamentos de oportunidades nas carreiras e nas promoções, não reconhecimento das identidades e do nome social etc.

Hoje faço parte de uma associação de policiais LGBTs. Lutamos para que policiais LGBTI+ sejam tratados com dignidade e para que haja mais de nós nas polícias. É fundamental que as corporações tenham a cara da comunidade a ser policiada.

Ora, se existem lésbicas, gays e travestis no mundo, por que eles não podem existir nas instituições de segurança pública? Vale lembrar que nos EUA, e em outros países, existem reservas de vagas para quem é cotidianamente impedido – oficial ou extraoficialmente – de ingressar nas polícias. Por que não fazer o mesmo por aqui?

Tenho muito orgulho de ser um policial gay e sei bem o significado da frase que ouvi no primeiro dia da minha carreira policial. Ser gay, mulher, deficiente, idoso ou pertencer a qualquer grupo vulnerabilizado, e se manter forte e são não é tarefa para qualquer um!

“A FORÇA DE UMA CORRENTE SE MEDE PELA FORÇA DE SEU ELO MAIS FRACO.”

Hoje luto para fortalecer os elos mais fracos da corrente humana. Luto pela liberdade em suas múltiplas cores. Para que possamos ser o que quisermos, sem nos transformarmos em motivo de riso, escárnio, zombaria e exclusão.

Por atuar no enfrentamento à violência sexual e ao tráfico de pessoas, convivo de perto com os lugares que são reservados para os LGBTs, especialmente os mais pobres e as travestis: o lugar do tratamento desrespeitoso, do escárnio, da piadinha, da violência. O lugar da prostituição, muitas vezes pela carência de outras possibilidades.

Luto para que a dor das violências e das exclusões se transforme em resistência e compreensão do avançar civilizatório, pois a compreensão e o perdão também são aposta éticas na humanidade. Luto para que as pessoas compreendam que o orgulho LGBT nasce para contrapor um regime de violações e para que quem não é LGBT agradeça por não precisar de

um “dia do orgulho hétero”, e, ao mesmo tempo, se una contra os preconceitos. Só assim, no futuro, todo dia será dia dos LGBTI+, dos héteros, e de toda a diversidade humana.

O texto encontra-se disponível, também na internet, no seguinte endereço:
<https://www.estadiodascoisas.com/dia-do-orgulho-lgtbi-um-relato-de-vida-para-ter-orgulho-de-quem-somos/> Acesso: 17 ago. 2018.

ANEXO II

Por ocasião dos 40 anos de fé, vida, luta e resistência no meio popular a PJMP recebeu algumas mensagens durante a realização do 5º Congresso Nacional em Goiânia/GO.

Juntaram-se a nós vários/as companheiros/as de outras gerações da PJMP, de outras pastorais e organizações da Igreja do Brasil, de outras Igrejas e também de outros países.

Destacaremos a seguir as mensagens que chegaram até nós e nos dão a certeza de que caminhamos juntos na Utopia do Reino de Deus, superando as injustiças a cada dia

De: Comitê Goiano de Direitos Humanos Dom Tomás Balduino

Para: Pastoral da Juventude do Meio Popular – PJMP

O Comitê Goiano de Direitos Humanos Dom Tomás Balduino saúda todos/as participantes do 5º Congresso Nacional da Pastoral da Juventude do Meio Popular em Goiás.

É uma grande alegria recebê-los/as em Goiânia.

Sintam-se acolhidos/as.

A PJMP representa luta, resistência e compromisso de transformação social.

Saiba que juntos com vocês renovamos nossos compromissos de construir um outro projeto de sociedade, com protagonismo juvenil e radicalização da democracia.

É simbólico o Congresso na região noroeste de Goiânia, região com linda história de engajamento das comunidades eclesiais de base, da juventude e luta popular.

Parabéns pela ousadia e irreverência de fazer diferente em tempos tão sombrios.

Saudações das 74 organizações populares que compõem o Comitê Goiano de Direitos Humanos Dom Tomás Balduino.

Direitos Humanos Não se Pedem de Joelhos, exigem-se de pé! (Dom Tomás)

De: Coordenação da Conferencia dos Religiosos da Regional de Goiania

Para: Pastoral da Juventude do Meio Popular – PJMP

Goiânia 12 de julho de 2018

Estimados (as) coordenadores, assessores (as), organizadores (as) e participantes do 5º Congresso da Pastoral da Juventude do Meio Popular, Graça e Paz!

Em grande sintonia e comunhão queremos fazer chegar até vocês nossos votos de um bom e frutuoso Congresso, que de verdade esse momento seja de acender luzes, aquecer corações para continuar sendo fermento que faz crescer a opção pela Vida, uma juventude vivendo a profecia sendo sal e luz !

Prezados jovens, parabéns pela coragem, pelo testemunho ousado em serem protagonistas da mudança, alicerçados no Cristo ressuscitado que caminha conosco!

Recebam nosso abraço fraterno com muita estima e reverencia pela doação, organização e dinamismo presente em vocês!

Que o Senhor continue os abençoando, inspirando conduzindo as reflexões e celebrações e que os projetos construídos coletivamente sejam concretizados!

Coordenação da Conferencia dos Religiosos da Regional de Goiania.

De: Coordenação Nacional da Pastoral da Juventude/ Comissão Nacional de Assesores e Secretaria Nacional da Pastoral da Juventude

Para: Pastoral da Juventude do Meio Popular - PJMP

Passo Fundo-RS , 11 de julho de 2018

A PJMP “é a experiência da Igreja de rosto popular e jovem. É a reconstrução do rosto de Cristo entre os jovens mais sofridos... A PJMP é solidária na dor, firme na esperança, alegre em suas pequenas mas progressivas conquistas.” Dom Sinésio Bohn

Queridas companheiras, Queridos Companheiros da Pastoral da Juventude do Meio Popular, saudações carregadas de alegria!

É com muito carinho e em clima de celebração, enviamos esta mensagem a todos e todas as jovens, reunidos e reunidas no 5º Congresso da Pastoral da Juventude do Meio Popular, celebrando os 40 anos de sua ação pastoral, e a todos e todas jovens espalhadas pelo Brasil, que também celebram este momento tão importante da história. Escrevemos esta carta festejando a vida e o caminho de nossa Pastoral irmã. Em tempos tão difíceis, estarmos juntos e juntas, partilhar o caminho e a história, o pão e a utopia é sinal de resistência, é subverter as lógicas e construir o Reino de Deus, pois nele só podemos chegar juntos e juntas.

Para a Pastoral da Juventude (PJ), a PJMP sempre foi sinônimo de esperança e resistência, nas diversas realidades. Olhar para sua história é olhar para a vida de tantos e tantas jovens, que pelo Brasil afora dão sua vida em testemunho, sendo sinais de resistência e profetismo, desde 1978, quando nasce nas terras proféticas do Recife (PE), em um momento de luta pelos Direitos Humanos, como voz profética contra a ditadura e na evangelização da juventude no meio popular, anunciando o Cristo Libertador.

Queremos com alegria bendizer o tema e lema propostos para este Congresso, visto que é de fundamental importância, discussões que defendam à vida em todo e qualquer âmbito. O tema “*Águas e profecias: luzes no Meio Popular gerando vidas*”, reforça a importância na promoção da vida e afirma que ela é gerada tanto pelo cuidado para com a Mãe Natureza, quanto pelo comprometimento com as práticas proféticas constantes. E complementando, o lema “*Juventude e seu protagonismo, resistência e liberdade*”, destaca que a juventude não só pode, como deve ser protagonista da resistência em favor da vida digna.

É preciso coragem, dedicação e amor para com a construção de um Projeto Popular efetivo e, é fato, que os dias atuais tem se tornado cada vez mais desafiadores para nossas pastorais, nossa juventude, nossa Mãe Terra e para todo povo de Deus. Sabendo disso, é fundamental que ações belas, assim como este Congresso, sejam sempre opções certas rumo à Civilização do Amor. É preciso coragem para lutar, resistir e amar a proposta de Jesus Cristo.

Permanecemos em sintonia com toda a juventude das diversas partes do Brasil, que durante esta celebração é acolhida pelas terras vermelhas do Cerrado brasileiro. A vida e caminhada de luta de vocês é manancial vivo que se unem aos rios, são sinal de esperança espalhados em todos os lugares. Partilhar as experiências e sermos protagonistas, é reafirmar nosso compromisso junto à causa dos/as pobres.

"Portanto, ide e fazei discípulos de todas as nações" Mateus 28:19. Assim como Jesus visitava às Galileias indo ao encontro dos mais necessitados, que vocês, inspirados pelo mesmo Espírito e revigorados após este 5º Congresso Nacional, possam também ir ao encontro de todos e todas que se encontram nas diversas periferias sociais e existenciais.

Desejamos um Congresso frutífero e que sejam dias abençoados e proféticos!

Amém. Axé. Awerê. Aleluia!

Na certeza da fraternidade,

Coordenação Nacional da Pastoral da Juventude
Comissão Nacional de Assesores
Secretaria Nacional da Pastoral da Juventude

De: Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos – CEBI

Maceió/AL, 10 de julho de 2018.

Ao

5º Congresso Nacional da PJMP

Goiânia – GO

Irmãs e irmãos,

“Quanto ao amor fraterno, não precisamos escrever-lhes, porque vocês mesmos aprenderam de Deus a se amarem uns aos outros. De fato, é assim que vocês estão agindo com todos os irmãos em toda a Macedônia. Porém, nós os encorajamos, irmãos, a continuar progredindo” (1 Tessalonicenses 4,9-10).

É com esperança renovada que o **CEBI – Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos** – traz seu abraço a cada uma e a cada um de vocês, nestes dias de reflexão, de luta e de festa, por ocasião da realização desse tão esperado Congresso. Foi um longo processo preparatório, por nós acompanhado com atenção em diversos cantos do Brasil.

Todas e todos sabemos o quanto é oportuno e necessário, em tempos de ditadura, celebrar os 40 anos de resistência de uma pastoral juvenil que nasceu “carregando na história do seu surgimento as sementes jogadas pela Juventude Operária Católica (JOC) destruída pela ditadura com o golpe civil-militar de 1964”.

“Protagonismo, resistência e liberdade”, como afirma o lema do Congresso, é o que precisamos aprender cada vez mais com as juventudes, em seus diversos rostos, em suas mais variadas formas de engajamento e de expressão da Vida e da Fé no meio popular. Comprometido com a Leitura Popular e transformadora da Bíblia, o CEBI quer se colocar à escuta da fala profética e juvenil que de vários cantos e regiões ecoará das terras de Goiânia, na certeza de que “o novo sempre vem”.

É tempo de endurecimento, mas é também tempo de ternura! Sigamos juntas e juntos, na certeza de juntando “águas e profecias”, seguiremos sendo luz no meio popular. E mais vidas serão geradas! Pois “foi para a liberdade que Cristo no libertou!” (Gl 5,1).

Um abraço.

Rafael Rodrigues da Silva – Diretor Nacional

Maria de Fátima Castelan – Diretora Adjunta

Lucia Dal Pont Sirtoli – Diretora Adjunta

Rua João Batista de Freitas, 558 - Scharlau - Fone: 55 (51) 3568-2560

Caixa Postal 1051 - 93121-970 - São Leopoldo/RS - cebi@cebi.org.br - www.cebi.org.br

ANEXO IV

Música da Martinho da Vila que Dilmo fez referência na plenária geral realizada em 11 de julho de 2018

Assim Não Zambi

(Martinho da Vila)

Quando eu morrer
Vou bater lá na porta do céu
E vou falar pra São Pedro
Que ninguém quer essa vida cruel

Eu não quero essa vida não Zambi
Ninguém quer essa vida assim não Zambi

Eu não quero as crianças roubando
A veinha esmolando uma xepa na feira
Eu não quero esse medo estampado
Na cara duns nêgo sem eira nem beira

Asbre as cadeias
Pros inocentes
Dá liberdade pros homens de opinião
Quando um nêgo tá morto de fome
Um outro não tem o que comer
Quando um nêgo tá num pau-de-arara
Tem nego penando num outro sofrer

Eu não quero essa vida não Zambi
Ninguém quer essa vida assim não Zambi

Quando eu morrer
Vou bater lá na porta do céu
E vou falar pra São Pedro
Que ninguém quer essa vida cruel

Eu não quero essa vida não Zambi
Ninguém quer essa vida assim não Zambi

Deus é pai, Deus é filho, Espírito Santo é Zambi
Eu não quero essa vida não Zambi
Clementina é filha de Zambi
Eu não quero essa vida não Zambi
Ninguém quer essa vida assim não Zambi

ANEXO V

Roteiros utilizados pela equipe responsável pelos momentos de mística realizados durante o V Congresso Nacional da Pastoral da Juventude do Meio Popular – PJMP.

I. MÍSTICA DAS ÁGUAS.

Momento 1º CRIAÇÃO

ULISSES

- **Criação:** Iniciar ao som do tambor maracá e outros instrumentos para marcar o tempo. Entrar quatro jovens declamando o Oração dos quatro elementos
- Bendito seja Deus: pai, bendito seja Santíssima filho e espírito Santo, Santíssima trindade um só Deus. **Bendito seja seu reino agora e para sempre amém.**
- Ar, vento que movimenta e libera, sopra fora todas as angustias e leva e para longe nossas ansiedades, **enche-nos com o sopro da vida e empurra-nos para os caminhos da solidariedade.**
- Fogo que aquece, ilumina e transforma, tirai-nos do isolamento e derrete as barreiras, transforma as situações de injustiça e violência, **dai-nos luz e energia e leva-nos para o acolhimento.**
- Terra que alimenta, mantém e acolhe nossa mãe e nosso sustento, vincula-nos com toda criação, **nutre-nos e fortalece-nos e alimenta-nos em nossos sonhos.**
- Água que sacia a sede, refresca e limpa, jorra sobre nós e traze-nos o teu frescor, sacia a nossa sede de justiça, cura nossas feridas, **limpa-nos restaura nossas energias e refresca as nossas vidas.**

(Cada representante do Elemento entrará com um cartaz com palavra-chave da carta do FAMA. Enquanto declama a parte da água entra a rede com a pessoa tomada banho de barro, segurando um pote representando a criação).

Momento 2º - CUIDADO:

DANDARA E FILIPE

Convite para as delegações despejarem suas águas no vaso conforme a frase do Papa Francisco em defesa da vida... enquanto os estados vão despejarem suas águas canta-se:

‘A defesa da terra, a defesa da água, é a defesa da vida’

*Águas e profecias, gerando vida no meio popular
Que os nossos sonhos não tardem a acontecer
É a juventude em busca do bem viver (é a juventude da PJMP)*

Partilha da Água: Motivar a CN e CNA para ajudarem a distribuir com o canto: DAI-ME DE BEBER:

Traga-me um copo d'água, tenho sede
E essa sede pode me matar
Minha garganta pede um pouco d'água
E os meus olhos pedem o teu olhar

Momento 3º RESISTÊNCIA:

DANILO E ULISSES

Motivação para a luta contra o agronegócio.

- A pessoa da rede banha a terra, todos silenciam enquanto se declama um pequeno texto da Laudato Sí. Após reflexão canta-se o Ileaô.

II. MÍSTICA DA PROFECIA

1- O chamado do Profeta

Concentração pelo lado de fora do espaço com mantras. Ao som do sino e tambor e com a música:

Quantos caminhos um homem deve andar
pra que seja aceito como homem
quantos mares uma gaivota irá cruzar
pra poder descansar na areia
quanto tempo as balas dos canhões
explodirão
antes de serem proibidas
the answer, my friend, is blowing in the wind
the answer is blowing in the wind
quantas tempo um homem deve olhar para cima
para poder ver o céu
quantos ouvidos um homem deve ter
para ouvir os lamentos do povo
quantas mortes ainda serão necessárias
para que se saiba que já se matou demais
the answer, my friend, is blowing in the wind
the answer is blowing in the wind
quanto tempo pode uma montanha existir
antes que o mar a desfaça
quanto tempo pode um povo viver
sem conhecer a liberdade
quanto tempo um homem deve virar a cabeça
fingindo não ver o que está vendo
the answer, my friend, is blowing in the wind
the answer is blowing in the wind

Ao som do caxixi a música diminui e o texto do profeta seja proclamado.

Proclamar a Palavra DE CORE: (FILIPE).

Assim veio a mim a palavra do Senhor, dizendo:

Antes que te formasse no ventre te conheci, e antes que saíesses do ventre de tua mãe, te santifiquei; às nações te dei por profeta.

Então disse eu: Ah, Senhor DEUS! Eis que não sei falar; porque ainda sou um menino.

Mas o Senhor me disse: Não digas: Eu sou um menino; porque a todos a quem eu te enviar, irás; e tudo quanto te mandar, falarás.

Não temas diante deles; porque estou contigo para te livrar, diz o Senhor.

E estendeu o Senhor a sua mão, e tocou-me na boca; e disse-me o Senhor: Eis que ponho as minhas

palavras na tua boca;

Olha, ponho-te neste dia sobre as nações, e sobre os reinos, para arrancares, e para derrubares, e para destruíres, e para arruinares; e também para edificares e para plantares.

Jeremias 1:4-10

2- A Missão

Nesse momento o Jovem que proclamou receberá o Anel de Tucum como símbolo da missão com as palavras De Dom Pedro Casaldáliga.

O que significa esse anel?

O anel da palmeira da Amazônia, aliança com os espinhos sinal da aliança, das causas indígenas, causas populares quem carrega esse anel significa que assumiu essas causas e suas consequências. Você aceita esse anel? Ele queima muito por essas causas e compromissos até a morte ele é fogo, ele queima, ele pesa. Quem o carrega está carregando o peso de se comprometer com as causas sociais. Você está disposto a se comprometer?

Entrega o Anel.

3- O compromisso com a luta

Motivação para os congressistas: Quem tiver um anel de tucum erguer a mão esquerda em sinal de luta e resistência. Nesse momento, haverá uma vasilha com tinta guache vermelha no centro. Sete jovens de camisa branca virão mergulhar a mão na vasilha de tinta e marcará o peito com sua mão dizendo eu LUTO.... Enquanto isso canta-se o mantra :

Vidas pela vida (vidas pela vida)
Vidas pelo reino (vidas pelo reino)
Vidas pelo reino (vidas pelo reino)

Todas as nossas vidas (todas as nossas vidas)
Como as suas vidas (como as suas vidas)
Como a vida dela (como a vida dele)
O mártir Jesus (O mártir Jesus).

Ficar livre para cada uma expor sua luta. Todos com a mãos esquerda erguida cantarão o Pai Nosso dos Mártires.

III. MÍSTICA: CIRANDA DA VIDA

1- Fios da Vida. Haverá um barbante vermelho.

Neste momento haverá vários fios de barbante representando os fios da vida e as ligações que temos uns com os outros. Cantando SOMOS UM CÍRCULO DENTRO DO CÍRCULO....

Somos um círculo

Somos um círculo
dentro de um círculo,
sem um começo e sem um fim.

Somos um círculo
dentro de um círculo,

sem um começo e sem um fim

ENQUANTO CANTA, VAI-SE FORMANDO O FIOS DE LIGAÇÕES. (DANDARA- MÃE DA TERRA).

Seriam os nossos pés o mais importante membro do corpo que Deus nos fez? O pé que sustenta o corpo que dá os primeiros passos a galgar nos caminhos de luta que pisamos forte sobre a terra sedenta? O pé que nos guia e nos leva para a caminhada como os pés da Mãe Senhora da Terra que forte, singelos pés que marcham com os excluídos e excluídas da terra.

Dandara: Motivar e tirada dos sapatos e pôr os pés no chão. (Canta a música Negra Mariama). Na sequência, a ciranda Pé de Cerrado.

Oração Pé de Cerrado

Vai pedindo a força
Chamando a luz
Vai com a energia
Que nos conduz
Agradece ao Pai
Pelo momento
Siga na vida
Agradecendo
Vai pra dentro da mata
E clame a Mãe Divina
Corra pra nascente
Beba água cristalina

Vai cantando essa ciranda com seu coração
Plantando sementes de amor na imensidão

Vai cantando essa ciranda com seu coração
Plantando sementes de amor na imensidão

Sinta o poder
Que a cultura traz
Vamos todos juntos
Clamar a paz
Reverencie ao sol
Cante pras ondas do mar
Toque para irmã lua
E deixe a fogueira queimar
Na união das nossas mãos
Com calor e com pureza
Dancem feito os nossos índios
Adorando a natureza

Vai cantando essa ciranda com seu coração
Plantando sementes de amor na imensidão

Vai cantando essa ciranda com seu coração
Plantando sementes de amor na imensidão

Em oração
Em oração
Em oração

Todos agacharem, pega o barro com o dedo e fazer o sinal da cruz.

ANEXO VI

Relato enviado acerca da oficina: **Religiosidade Popular.**

Oficineira: Ir. Cidinha Cruz (Coord. CRB)

Religiosidade popular é o quê?

Facilitadora- É aquilo que não conseguimos encontrar na igreja formal. Um exemplo disso são as novenas. A igreja começou com o povo.

Congressista (Padre Tadeu) – A fé é um dom, precisamos ajudar o povo a encontrar esse caminho.

As facilitadoras dividiram a plenária em quatro grupo e cada grupo recebeu um texto para ler refletir sobre eles, anotarem os pontos que foram mais relevantes para eles. o grupo 1 e 3 receberam os mesmos textos e o grupo 2 e 4 os mesmos.

Os grupos 1 e 3 receberam o texto cujo tema é Religiosidade popular, já os grupos 2 e 4 receberam o texto cujo tema é Maria Vence Ísis.

Grupo 1- A religiosidade popular é uma vivência e é também cultura. Não se trata de competição onde um vence e o outro perde, trata-se da busca pela agregação de experiências culturais. Não é uma rivalidade, mas sim uma relação cultural que temos com os deuses. É o resgate do cotidiano popular aliado à sua religiosidade que muitas vezes não é evidenciada pela “ religião oficial”.

Grupo 3- Devoção- as pessoas precisavam de alguém ou algo para acreditar e para levar suas intenções a Deus, assim ligando-as a Deus.

Grupo 2- ressignificação da cultura e crença com o intuito de evangelização e doutrinação.

Grupo 4 – o que achamos curioso foi o louvor a Ísis, o seu carinho materno, fechamento do seu ciclo/ perseguição essa deusa tão feminina e materna, a forma como tentaram apagar suas lembranças, Analise do contexto histórico presente no texto.

Facilitadora- É uma doutrinação que possa suprir aquilo que não conseguimos alcançar. Maria não é vista como deusa no cristianismo, Maria foi feia para ser venerada,

Essa ressignificação é importante e ela aconteceu em outros tempos, em outros lugares. A gente fala em evangelho e a gente associa a muita conversa, muito texto. A evangelização como a gente pensa não acontece como mostra os textos, ela acontece de acordo com a necessidade dos povos.

Congressista- devemos olhar para as sagradas escrituras como nos mostra Paulo. Paulo mostra a diversidade dos Deus, porém ele escolheu um e apresentou aos povos.

ANEXO VII

Relato enviado sobre a oficina: **Teatro do Oprimido**

Oficineiro: Danilo Borges (CNPJMP/BA)

A oficina iniciou com a apresentação de cada participante, em seguida oicineiro falou que o teatro do oprimido e teoria de Augusto Boa, onde através da arte do teatro ele mostra a figura do opressor e do oprimido. O teatro do oprimido busca entender e trabalhar essa dicotomia que existe nas relações entre quem oprime e quem é oprimido.

Para melhor preparar o corpo para trabalhar os jogos teatrais fora feitos alongamentos e aquecimentos para relaxar o corpo e prepará-lo para aula de teatro. Foram feitos também aquecimentos para as cordas vocais, técnicas para respiração e inspiração. Foi trabalhado também a noção de visão periférica para o que ator tenha noção de espaços que preenche no palco.

Em seguida foi feita uma divisão de grupos, onde cada grupo produz uma cena para apresentar utilizando as técnicas que foram ensinadas pelo icineiro. Cada cena depois de serem mostradas teve a intervenção dos participantes. Cada grupo teve que apresentar a pessoa do opressor e do oprimido.